
BLEEDING
HEARTS
STELLA HART



Tradução: Brynne

Revisão: Yardeen

Formatação: Addicted's

Dezembro/2018

Sinopse

Dexter cruzou com *50 Tons*: entre em um mundo cheio de segredos escuros, mentiras distorcidas e desejos sujos...

Eu estou vindo por ela …

Eu a observei, eu a persegui e agora, estou aqui para reivindicá-la. Celeste Riley, meu lindo pequeno anjo. Em breve será minha linda pequena prisioneira.
Ela finge que nunca irá querer um assassino como eu, mas nós dois sabemos que isso não é verdade. No lado de fora, ela é pura e inocente, mas por dentro ela é tão suja e torcida como eu. Assim como quebrada.
De um jeito ou de outro irei fazê-la aceitar seu destino. Fazê-la se submeter. Fazê-la minha.
Para sempre.

AVISO: Este é um romance dark que contém situações muito perturbadoras, linguagem forte e violência gráfica.

Ordem de Leitura:
Cold Hearts (Heartbreaker prequel 0,5) lançado
Bleeding Hearts (Heartbreaker Livro 1) lançamento
Broken Hearts (Heartbreaker Livro 2) em breve
Black Hearts (Heartbreaker Livro 3) em breve

AVISO LEGAL

Stella Hart é o pseudônimo de romance sombrio da autora de rom-com Alessandra Hart.

Prologo

ALEX

QUALQUER UM PODERIA SE TORNAR UM ASSASSINO.

Qualquer um.

Até você.

Ninguém nasceu tão mal - com a possível exceção de algumas pessoas, com um chip sério faltando em suas cabeças - mas todos tinham a capacidade de matar, se as circunstâncias apropriadas se apresentassem. A maioria das pessoas estava, simplesmente, com muito medo, ou em seus caminhos e leis, para reconhecer esse poder obscuro e distorcido dentro delas.

Aqueles que não tinham medo controlavam a própria vida. Eles eram o juiz, o júri e os carrascos do mundo. Apenas como eu. Se estava certo ou errado, não havia qualquer influência nas decisões tomadas por esses indivíduos. Algo mais levou à essa fúria; esse furor precisa extinguir outra existência humana e essa pequena coisa é diferente para todos.

Então, o que eram todas essas coisas diferentes? Por que as pessoas mataram? O que inspirou um humano a pegar uma faca e a enfiar nas entranhas de outra pessoa, ou sufocar a vida delas, até os olhos deles ficarem hemorrágicos?

Provavelmente havia tantas respostas para essa pergunta, quanto pessoas que foram mortas desde o início da humanidade.

Alguns foram mortos, porque foi ordenado que fosse feito. Alguns morreram de paixão, capturados no calor do momento. Seus assassinatos eram, geralmente, pontuados com arrependimento e tristeza.

Outros eram psicopatas puros, que tinham sido fodidos pelo mundo, ao longo dos anos. Eles amavam a emoção da caça; adoravam infligir uma dor terrível e ver a luz sair dos olhos de alguém para nada mais que um pouco de diversão. Eles não eram capazes de remorso.

Mais ainda, estavam seriamente doentes mentais e receberam alívio psicológico ou sexual, no ato de assassinar outra pessoa. Muitas vezes esses tipos reconheciam o defeito obscuro que haviam desenvolvido e se consideravam erros da natureza que precisavam ser eliminados, na esperança de que alguém, finalmente, visse o que eles eram e terminasse com eles, para apagar o erro fatal. Outros eram insanos de outras maneiras e acreditavam que sua vida era uma busca interminável para matar o maior número de pessoas.

Eu não era como nenhuma dessas pessoas.

Arrancar corações e ver pessoas morrendo em dor agonizante era divertido, emocionante, mas eu não era um psicopata morto, por trás dos olhos. Era capaz de tristeza e arrependimento e não era louco também. Às vezes, as pessoas achavam que eu era meticulosamente metódico, a ponto de me irrita, e outras me acharam distante e emocionalmente distante. Eu não estava mentalmente doente ou instável, de qualquer forma, no entanto. Fodido talvez, mas estava sempre lúcido, sempre consciente dos meus pensamentos e ações. Sempre no comando. Sempre em busca da minha próxima vítima.

Mas você ainda quer saber porque, não é?

Bem, aqui está.

Alguns idiotas nervosos gostam de afirmar que não existe justiça no mundo natural, apenas a sobrevivência do mais apto. Matar ou morrer. Coma, ou seja comido. Eles baseiam suas visões de mundo nessa teoria e tratam os outros de acordo.

Eu nunca acreditei nessa merda, nem por um segundo. Justiça poderia ser uma invenção humana, mas isso não significa que não era natural e nem menos real do que a natureza básica. Eu sempre soube que era real, porque sabia, desde tenra idade, que iria obtê-lo para aqueles que merecem. E porra, havia muitos deles por perto.

Matei o mais que pude e não parei até estar satisfeito. A força que me impulsionou, a força que inspirou todos os sentimentos de malícia e destruição dentro de mim foi, provavelmente, a motivação mais comum, entre todos aqueles que se viram atraídos pelo lado sombrio.

Vingança.

Vingança escura, torcida e sangrenta.

Foi tudo por causa dela.

1

CELESTE

4 DE SETEMBRO DE 2017

DOR.

Uma palavra para resumir minha vida, ao longo do último ano.

Eles dizem que há uma linha tênue entre o prazer e a dor, mas ainda não vi nenhum prazer. Tudo o que experimentei, minuto após minuto, hora após hora, dia após dia, foi dor. Cegando, doendo, dor esmagadora da alma. Estava sempre lá, atormentando-me, queimando profundamente, como cinzas em uma fornalha.

"Celeste? Você ouviu o que eu disse?"

Olhei para cima, através dos olhos turvos. A Dra. Pompeo estava me encarando, a testa enrugada. Deus, eu estava tão cansada. Cansada de tudo.

Balancei a cabeça. "Desculpe, eu zoneei por um minuto."

"Tudo bem. Só preciso de você para esticar o braço direito e me dizer como se sente."

Fiz o que ela disse. Ela passou levemente um instrumento fino, por cima do meu braço e mão.

"Faz cócegas aqui?" Ela perguntou, quando chegou a um determinado ponto.

"Sim."

"Aqui?"

"Sim, muito." Meu braço sacudiu levemente.

"E aqui?" Ela puxou a vara sobre as costas da minha mão, perto do meu dedo mindinho.

Balancei a cabeça. "Eu não sinto nada aí."

Dra. Pompeo mudou o instrumento novamente. "Que tal aqui?"

Estremeci um pouco. "Eu sinto isso. Muito, muito sensível."

Ela assentiu e colocou o pequeno instrumento longe.

Eu estava sentada aqui, no consultório de medicina esportiva da Dra. Pompeo, há meia hora, sendo cutucada, espetada e pedida para mover meu corpo de todas as formas, para determinar quais posições machucam e quais não. Um dos médicos do meu campus universitário encaminhou-me para cá, depois de várias consultas relacionadas à dor na parte superior das costas e ombros que, desde então, espalharam-se para meus braços.

Eu sofri da dor por mais de um ano agora. Tudo começou pouco depois de uma massagem ruim, em um salão de beleza exclusivo de Shadyside, que minhas amigas e eu visitamos para celebrar o aniversário de outra amiga. Assumi que era uma pequena dor muscular e ignorei por várias semanas, esperando que isso fosse embora.

Não foi.

Então a dor começou a piorar, transformando-se em uma constante dor ardente, em cada centímetro das áreas afetadas, espalhando-se pelos braços até as mãos. Na pior das hipóteses, minhas mãos ficavam completamente dormentes ao toque externo, mas ainda sentia como se tivessem sido incendiadas por dentro.

O que quer que tenha sido errado comigo, transformou-se em um incêndio violento de total destruição. Como tal, os últimos oito meses da minha vida existiram em um borrão de repetição nebulosa. Todos os dias eu acordava rezando, para que esse dia fosse diferente, só para ser atingida pela horrível sensação de queimação, momentos depois. Foi a mesma coisa, dia após dia.

Eu mal saía com minhas amigas, porque doía vestir roupas ou carregar algo tão simples quanto uma bolsa, então, se pudesse evitá-lo, eu o fazia. Elas fizeram o melhor

para tentar entender, especialmente minha amiga mais próxima, Samara. Mas eu ainda podia sentir um abismo formando-se, lentamente, entre nós. Minha misteriosa condição era completamente invisível e difícil de descrever para os outros, então, a única maneira que eles realmente seriam capazes de entender era experimentá-la eles mesmos.

Eu não desejaria isso ao meu pior inimigo, no entanto. Era um inferno vivo.

Hoje em dia, eu só saia quando tenho que ir, o que, infelizmente, é bastante frequente, já que tenho um trabalho de meio período, aulas da faculdade para meu curso de graduação em criminologia e agora, também um estágio no FBI.

Um ano atrás, eu queria esse estágio mais do que tudo, porque estava desesperada para aprender mais sobre o serial killer de Pittsburgh, o Heartbreaker[1]. Eu sabia que tinha enviado um ensaio de aplicação absolutamente exagerado - sem trocadilhos - sobre esse assunto, o que, provavelmente, foi a razão pela qual passei por tantos outros que se inscreveram. Agora que meu desejo foi concedido, lamentei a decisão de me candidatar. Foi uma verdadeira batalha ir ao escritório do campo quatro dias por semana e tentar ranger os dentes, com a dor entorpecente, mas consegui dizer a mim mesma que essa posição era o meu sonho.

A Dra. Pompeo, rapidamente, digitou algumas anotações em seu computador, depois se virou para mim. "Puxa, você teve um passeio muito duro, não é?" Ela sorriu, mostrando dentes brancos brilhantes.

Não sorri de volta e cerrei meus dentes. Eu estava além do ponto de minimizar minha lesão, tentando agir como se não fosse tão ruim assim. *Era* tão ruim assim "Sim."

Ela se virou para a tela novamente. "Antes de lhe dizer o que penso, deixe-me verificar se tenho toda a história embaixo. A dor inicial foi desencadeada por uma massagem e sua médica, na época, suspeitou de uma compressão nervosa. Ela prescreveu uma pequena dose diária de Lyrica, mas não ajudou muito nos meses seguintes, então você acabou indo ver outro médico, que suspeitava que era, na verdade, uma lesão muscular das corridas diárias que você costumava fazer."

1 Destruidor de corações.

"Está certo."

"Bem, depois de examiná-la e ver sua amplitude de movimento, entre outras coisas, tenho uma boa ideia do que está acontecendo. Eu diria que a primeira médica estava certa."

"Então, tenho um nervo comprimido?"

Ela sorriu gentilmente. "Você tem. As coisas evoluíram, desde então, infelizmente."

Franzi minhas sobrancelhas. "Como?"

"Há um termo geral para seus sintomas, que podem ser descritos como Síndrome do Desfiladeiro Torácico." Ela fez uma pausa e remexeu em uma gaveta, pegando um diagrama anatômico e, em seguida mostrou-me, apontando para determinadas áreas.

"Em seu corpo, você tem poucas passagens nas quais seus nervos, artérias e veias correm. E, sem saída, ás vezes, elas podem ficar compactadas, causando dor neuropática em todas as áreas que você descreveu, até mesmo correndo pelos braços e mãos. O Lyrica, provavelmente, não ajudou muito, porque a dose era muito baixa."

"OK. Mas aquela massagista comprimiu um nervo, na parte superior das costas?" Eu me perguntei se poderia processar o salão por meus custos médicos.

"É provável que sim, mas suas costas estão curadas, desde então. Os nervos são incríveis para se curarem. Então, não há nada, realmente errado, fisicamente, em você." Ela levantou a mão. "Mas não tome o caminho errado. Você ainda está com muita dor e eu entendo isso."

Franzi minha testa. "Bem, eu não sei. Estou confusa. Se minhas costas se curaram, por que ainda sinto toda essa dor?"

Minha mente foi para um lugar escuro, por uma fração de segundo. E se alguma parte sinistra e distorcida de mim, realmente, *quisesse* a dor? E se fosse por isso que eu ainda sentia, depois de todo esse tempo?

Tanto quanto odiava o pensamento, uma pequena parte de mim não se surpreendeu com isso nem um pouco. Uma lembrança gritante de meus anos de adolescente abalou minha mente, uma fração de segundo depois — Dale Turner, da

minha turma do décimo ano, de pé, atrás de mim, no laboratório de informática. Eu pensei que estava sozinha, procurando coisas no modo de navegação anônima, depois que todo mundo foi para casa, mas ele ficou para trás como e, e estava olhando por cima do meu ombro para as imagens na minha tela. As imagens sujas e ruins, que fizeram minhas mãos suarem e meus mamilos duros. Tão duros, que era impossível escondê-los, quando me virei, finalmente registrando sua presença. Eles estavam tão rígidos, que meu suéter não fazia nada para cobri-los.

As palavras de Dale ainda ecoavam em meus ouvidos. Palavras dolorosas e terríveis. "Que diabos está errado com você? Ninguém vai querê-la ou essa merda. Você está fodida. Anormal."

A Dra. Pompeo inclinou-se, ligeiramente, para a frente. "No topo da síndrome, você desenvolveu algo chamado hiperalgesia e alodinia. São condições de hipersensibilidade. A alodinia é quando você sente uma resposta dolorosa de estímulos que, normalmente, não provocam dor em outra pessoa. A hiperalgesia é quando você experimenta uma resposta de dor extrema de um estímulo que, normalmente, provocaria uma quantidade muito menor de dor em outra pessoa. É muito comum em casos como o seu."

"Ok". Balancei a cabeça lentamente, sentindo alívio, quando percebi que não queria, de alguma forma, isso sobre mim mesma; não deixei esse meu lado escuro e indesejado assumir.

"Por que isso acontece?"

"Bem, cada centímetro seu está coberto de terminações nervosas. Tenho certeza que você já sabe disso, mas fique comigo por um minuto."

Ela me deu um sorriso autodepreciativo, então continuou. "De qualquer forma, certos tipos de terminações nervosas comunicam-se com o cérebro, toda vez que experimentam algum tipo de estímulo. Algo te tocando, por exemplo. Eles "perguntam" ao cérebro e à medula espinhal como responder e se o cérebro percebe os estímulos como uma ameaça crível, envia sinais de dor, direcionando a atenção para a parte do corpo em questão, mitigando a ameaça. Por exemplo, digamos que você,

acidentalmente, toque em algo muito quente. Seu cérebro diz: "não, isso é ruim, vou te dizer que isso é doloroso, para parar de tocá-lo".”

“Uh-huh. Como isso se relaciona com o que há de errado comigo?”

Dra. Pompeo inclinou a cabeça para o lado. "Eu gostaria de contar uma história sobre um amigo meu. Acho que isso te ajudará a entender o que te aconteceu e como isso se relaciona com tudo que acabamos de passar.”

Dei de ombros, tentando ao máximo ignorar a onda de dor aguda, causada pelo simples movimento. "Certo."

“Então este meu amigo, ele é um verdadeiro aventureiro. Adora caminhar. Um dia, estava viajando em algum lugar do sudeste da Ásia. Ele sentiu o que parecia ser um pedaço de grama seca ou uma folha raspando contra sua perna. Ele ignorou, porque não doeu nada. Apenas uma folha, certo? Isso não é nada. Mas, meia hora depois, ele estava quase morto.”

Levantei minhas sobrancelhas. "Como?"

"Ele foi mordido por uma cobra muito venenosa."

Ela fez uma pausa, para efeito dramático. “Você vê, quando a cobra o mordeu, suas terminações nervosas enviaram uma mensagem para o cérebro, 'perguntando' o que era essa coisa e se era uma ameaça. Todos os pedaços de seu cérebro, que lidam com essas coisas, comunicavam-se uns com os outros, e eles decidiram, baseado em experiências passadas de certos estímulos em ambientes externos, que a sensação era igual a todas as outras vezes em que ele tocara grama seca ou folhas. Então, não achou que houvesse qualquer ameaça, e não enviou nenhum sinal de dor.”

"Uau. Isso é uma merda.”

Ela ergueu um dedo. “Essa é apenas uma parte da história. Ele se recuperou da picada de cobra e, um ano depois, estava de volta aos Estados Unidos. Fui para uma caminhada com alguns amigos um dia. De repente, suas pernas pareciam estar em chamas. Ele disse que foi a pior dor que já experimentou, em sua vida. Você consegue adivinhar o que aconteceu?”

Minhas sobrancelhas franziram ainda mais. "Uh ... ele foi mordido por outra cobra?"

O Dr. Pompeo sorriu. "Não. Tente de novo."

"Eu não entendo. O que aconteceu?"

“Suas canelas rasparam contra um pouco de grama seca. Isso é tudo."

Meus olhos se arregalaram. “Oh! Acho que entendi agora. Seu cérebro aprendeu com a última experiência?”

Ela assentiu com paciência. “Sim, mais ou menos. Suas terminações nervosas captaram os estímulos e enviaram as mensagens habituais ao cérebro, perguntando como responder. Seu cérebro decidiu: ‘Ei, da última vez que ele sentiu algo assim em sua perna, quase morreu. Claramente, esta é uma ameaça séria. É melhor mandar uma tonelada de sinais de dor para avisá-lo para fugir dessa coisa”.

Tudo, finalmente, clicou no meu cérebro. “Então, o massagista machucou minhas costas, comprimindo esses nervos. Ele curou, mas meu cérebro tem tentado me "proteger" desde então, dizendo-me que qualquer coisa que toque minhas costas é uma ameaça.”

Ela sorriu. “Sim, é exatamente isso. Tornou-se hipersensível. Roupas apertadas, sutiãs, mochilas ... qualquer coisa que coloque pressão em suas costas e ombros está te causando dor, porque seu cérebro assume que tudo isso é uma ameaça agora. Vendo como a última vez que algo colocou pressão nas suas costas, você ficou ferida. Pense nisso como um alarme de fumaça saindo de uma casa, quando não há fogo. Está reagindo a uma ameaça percebida quando, na verdade, não há nada lá.”

Eu bufei com a ironia. “Então, para tentar proteger-me da ameaça de dor e lesão, meu cérebro coloca-me em uma dor horrível, enviando todos esses sinais, para me avisar de certas coisas. Muito bem, cérebro.”

"Sim. Sei que pode ser muito difícil lidar com isso.” Os olhos da Dra. Pompeo estavam tensos e preocupados.

Suspirei. “Então… tenho que passar o resto da minha vida nua, para evitar qualquer dor? Nunca deixe nada tocar minhas costas de novo?”

Ela deu um tapinha na minha mão. "Claro que não. Vamos elaborar um plano para te ajudar a voltar aos trilhos, Celeste. Eu prometo, essa dor não vai durar para sempre."

"Graças a Deus."

"A primeira coisa que recomendo é que você aumente sua dose de Lyrica. Em segundo lugar, vou encaminhá-la para um fisioterapeuta. Temos alguns grandes PTs aqui em Morrison Wright e eles poderão ajudá-la com alguns exercícios de fortalecimento e outras técnicas, para treinar, novamente, a percepção do cérebro sobre as coisas."

"Tudo bem." Encolhi-me, internamente, com o pensamento de ter que passar mais tempo no campus do Hospital Morrison Wright Memorial. Trouxe de volta todos os tipos de lembranças desagradáveis.

Infelizmente, era muito provável ser o único lugar que poderia pagar. Minha faculdade, a Chatham University, tinha algum tipo de acordo com Morrison, onde os alunos podiam obter descontos para todos os tipos de tratamentos médicos. Se eu fosse a outro lugar, provavelmente teria que vender um rim no mercado negro, para pagar por ele.

A Dra. Pompeo digitou outra coisa no computador e limpou a garganta. "Além disso, há outra coisa que gostaria de mencionar. Quando você está estressada ou chateada, os nervos tornam-se ainda mais sensíveis, porque o estresse faz com que os pontos de saída que eles atravessam contraiam-se. Isso pode fazer com que a recuperação demore mais. Você diria que há muito estresse em sua vida?"

Eu hesitei. Vamos ver ...minha mãe morreu de doença do fígado seis meses atrás, bem aqui neste hospital, bem na minha frente. Não tenho outra família, porque meu pai morreu quando eu tinha seis anos e não tenho irmãos, tias, tios ou primos. Nada. Eu também tenho três empregos de tempo parcial diferentes, que tenho que trabalhar para me manter à tona e, mesmo assim, mal posso comprar comida. Todos os meus amigos acham que perdi o enredo. Além disso, tenho um estágio que dura vinte e cinco horas por semana. Ah, e metade do meu corpo parece ter sido incendiada por tudo isso. Estressante o suficiente para você?

“Hum. Sim, eu diria que há muita tensão,” finalmente respondi em voz baixa. Na verdade, não me lembro da última vez em que não me senti estressada nem ansiosa.

Ela me deu outro sorriso gentil. “Precisamos trabalhar para minimizar isso, Celeste. Vai ajudar, confie em mim.”

Fiz uma careta e me endireitei. "Mas eu..."

Ela levantou a mão, cortando-me. "Eu sei, eu sei. É muito mais fácil falar do que fazer. É por isso que recomendo, frequentemente, que pessoas com condições como essa vejam um terapeuta também. Ele pode, realmente, ajudar a classificar todos os seus problemas e identificar os fatores estressantes, que podem ser removidos ou resolvidos, além de ensinar exercícios de mindfulness[2], para ajudar a lidar com esses estressores, que não podem ser eliminados ”.

Eu caí no meu lugar novamente. "Então eu preciso de terapia de cabeça, bem como fisioterapia", digo, lentamente, tentando somar os custos em minha mente. Samara viu uma terapeuta algumas vezes, depois de um mau rompimento no ano passado e eu tenho certeza de que isso custou a ela cerca de cento e cinquenta dólares por sessão. Não é exatamente barato. Isso, mais os custos de fisioterapia, certamente me mandariam para um buraco financeiro, mesmo com o desconto de estudante universitário.

Minha mente girou com imagens de rins, banheiras cheias de gelo e compradores do mercado negro, novamente.

Então me animo, quando algo me ocorreu. Era o início de setembro, o que significava que meu vigésimo primeiro aniversário duraria apenas cinco semanas. Na névoa de dor e sofrimento, perdi a noção das coisas e esqueci completamente sobre isso. Mas se eu pudesse aguentar por muito mais tempo, finalmente teria algum dinheiro de fundo fiduciário para me ajudar e cobrir meus custos médicos, já que

---

2 O termo atenção plena (mindfulness, em inglês) designa um estado mental que se caracteriza pela autorregulação da atenção para a experiência presente, numa atitude aberta de curiosidade, ampla e tolerante, dirigida a todos os fenômenos que se manifestam na mente consciente — ou seja, todo tipo de pensamentos, fantasias, recordações, sensações e emoções percebidas no campo de atenção, são percebidas e aceitas como elas são.

estava preparada para recebê-lo no meu aniversário. Não era uma quantia enorme - certamente não o suficiente para viver para sempre - mas era o suficiente para me tornar mais confortável e cobrir minhas contas médicas.

Claro, haveria papelada para assinar, então eu não veria o dinheiro até o dia seguinte ao meu aniversário, ou talvez, mesmo na semana seguinte, mas apenas sabendo que viria em um futuro não muito distante, fez-me relaxar um pouco. *Um estressor para baixo, um milhão para ir.*

"A terapia é algo que você consideraria?" Perguntou Dra. Pompeo, com os dedos sobre o teclado. "Sei que isso pode aumentar os custos, mas vale a pena."

Respirei fundo e assenti. "Posso fazer isso funcionar."

O trabalho é a palavra operativa. Para me sustentar até meu aniversário, eu teria que dobrar minha quantidade habitual de turnos, em um dos meus empregos de meio período, nas próximas semanas. Meu chefe, na loja de artigos para a casa Homestead, na qual trabalho às terças e quintas à tarde, estava sempre procurando pessoas para fazer mais turnos, então eu, provavelmente, poderia tentar encaixar isso ao redor do estágio. Eu não precisava me preocupar com a faculdade, pois o estágio do FBI era feito via Chatham e contava com vários créditos, então, não havia necessidade de participar de nenhuma aula neste semestre.

A Dra. Pompeo assentiu e escreveu uma nota em seu bloco. "Bom. Acho que identificar e remover as principais fontes de estresse em sua vida, ajudará seu cérebro a desligar o alarme de fumaça mental." Ela piscou. "Possivelmente, até mais do que a fisioterapia."

Inclinei minha cabeça para o lado e enruguei as sobrancelhas. "Por que não recomendar isso primeiro, então?"

Ela suspirou. "É difícil convencer a maioria dos pacientes, sinceramente. Quando sugerimos terapia, muitas pessoas tendem a ficar ofendidas e pensam que estamos insinuando que a dor é, simplesmente, tudo em sua cabeça e não real, como se elas fossem mentalmente instáveis ou inventassem coisas. Mas esse não é o caso. Não

importa o quanto tentemos explicar a lógica por trás disso, eles estão preparados para processá-la."

Eu assenti. "Entendo, não se preocupe, não estou ofendida."

"Ótimo. Gostaria que você começasse com tudo isso o mais rápido possível. Eu recomendaria Emma Mulder para fisioterapia. Ela lidou com muitos pacientes com TOS. Quanto a um terapeuta ... hm ..." - Ela parou e franziu as sobrancelhas, olhando para a tela do computador novamente. Clicou o mouse algumas vezes. "A maioria dos terapeutas, aqui na clínica de saúde mental de Morrison, está reservada com meses de antecedência, mas posso ligar e perguntar se há alguma chance de um deles se encaixar em você. Não quero você esperando meses por isso."

Eu assenti. "Obrigada."

Ela pegou o telefone e discou um número de ramal. "Oi, Ângela. Tenho um paciente aqui com síndrome do desfiladeiro torácico e recomendei terapia para ela, assim como para a fisioterapia. Vejo que você e seus colegas estão todos lotados, mas eu estava imaginando se algum deles poderia, de alguma forma, encaixá-la. Apenas um compromisso por semana seria ótimo."

Ela fez uma pausa, ouvindo a resposta do outro médico. "Uh-huh. O nome dela é Celeste Riley e tem vinte anos. Ela ... oh, realmente? Seria ótimo. Muito obrigada. Sim, você também."

Ela desligou o telefone e se virou para mim. "Boas notícias! A própria Dra. Fitzgibbons se ofereceu para levá-la para uma consulta por semana."

"Quem é ela?"

"Ela é a chefe da clínica de saúde mental, aqui em Morrison. Geralmente está muito ocupada, mas já lidou com vários pacientes com TOS, então está disposta a ajudar."

"Uau. Ótimo. Obrigada, Dra. Pompeo."

"Não tem problema."

Ela olhou para o relógio e sua testa se enrugou um pouco. "De qualquer forma, estamos bem no tempo. Vou imprimir algumas cartas de referência para você, o que

precisará fazer em seus compromissos, depois de ligar para eles e organizá-los. Também lhe enviarei os detalhes da fisioterapia e da terapeuta, para que você saiba quem contatar, para fazer esses compromissos."

"Okay."

Pela primeira vez, em meses, meu coração se animou. Finalmente, havia uma luz no fim do túnel. Minha dor era real; não estava enlouquecendo, como alguns amigos meus tinham começado a assumir. A terapia física e mental iria me ajudar e eu poderia voltar ao normal em questão de meses.

Com vigor renovado e um pouco de primavera no meu passo, saí do consultório da Dra. Pompeo, alguns minutos depois. Então me vi no espelho, atrás da mesa da recepcionista, enquanto pagava minha consulta. Jesus. Eu parecia um extra de um set de filmagem de zumbis.

Sorri de qualquer jeito. Ainda sentia a queimação nas minhas omoplatas e a dormência nas mãos, mas agora que eu sabia que não era permanente, um peso enorme foi levantado. Assim como minha mãe me disse uma vez, toda a dor tinha que terminar em algum lugar.

Eu estava um pouco preocupada com a terapia, no entanto. Minha vida tinha sido marcada por estresse, ansiedade e constante pensar demais, desde que era criança. Isso tudo veio bem antes da morte da minha mãe, minha lesão e todos os meus outros estressores atuais. Então, se isso precisava mudar, para o bem dos meus nervos, tinha a sensação de que a terapeuta iria querer mergulhar fundo na minha história, para tentar descobrir todas as possíveis causas do estresse.

Uma cena horrível, de repente, passou pela minha mente. Neve nítida cobrindo a terra, como glace em um bolo. O sangue escarlate, que uma vez fluiu pelas veias, espalhou-se por todo aquele chão branco e brilhante. Botas pretas. Um rosto sombrio.

Fechei meus olhos.

Sons gorgolejantes horríveis e um aroma metálico pareciam encher meus ouvidos e nariz. E depois...

Abruptamente, empurrei tudo de lado, abri os olhos e saí pela porta da clínica. Não quero pensar sobre essas coisas. Agora não.

Houve um pouco menos de ânimo no meu caminho, enquanto saía para o estacionamento, agora que essas memórias sombrias estavam surgindo. Novamente. Sabia que a terapeuta me perguntará sobre isso, perguntará o que eu lembrava daquele dia. O que senti. O que fiz. Mas não estou pronta para ir lá ainda…

Estou com um pouco de medo do que poderei descobrir sobre mim mesma.

2

ALEX

O pequeno beco sem saída de Point Breeze estava forrado de cicutas, a folhagem de cada árvore era polvilhada com uma leve camada de gelo. Assim como no ano passado, o tempo frio chegou cedo. Apenas setembro e o ar já estava gelado, transformando a respiração em vapor e a chuva em gelo.

Embora a rua à frente estivesse mal iluminada, lançada à sombra pelas árvores altas e o céu noturno escuro, a lua era brilhante, fazendo os troncos brilharem ao longo de suas bordas e os cristais de gelo brilharem em cada broto. Sorri para a magnífica beleza natural e prendi meu braço esquerdo em uma tipoia.

Era hora de fazer uma visita ao Sr. Paul Halston.

Esperei por trás de um tronco de árvore grosso, em frente à sua casa, por dez minutos, verificando meu relógio de vez em quando. Normalmente ele estaria aqui agora. Eu estava seguindo suas rotinas diárias por um mês, tentando determinar a melhor hora para ligar para ele.

Finalmente, seu Lexus entrou no beco sem saída, as rodas esmagando pedras, quando ele parou em sua garagem. Saí de trás da árvore e fui em direção a ele, quando saiu do veículo, colando um sorriso genial no meu rosto. "Olá. Desculpe incomodá-lo."

Ele olhou para mim, com o nariz ligeiramente curvado em desdém. "Sim?"

"Estou mudando para o número quatro, lá embaixo." Empurrei o polegar da minha mão direita na direção da casa que eu tinha estacionado do lado de fora. "Pensei que eu poderia gerenciar as caixas por conta própria e consegui todas as menores, mas há algumas grandes, que não consigo levantar." Com isso... você sabe.” Inclinei a cabeça para a esquerda.

Seu olhar suavizou, quando, finalmente, notou a tipoia no meu braço. Um pau egoísta deveria ter notado imediatamente, mas ele estava muito ocupado, preocupando-se consigo mesmo. Típico.

"Ah, com certeza. Posso ajudar. Apenas me dê um segundo." Ele se virou e fechou a porta do carro, em seguida, clicou em um botão em seu chaveiro, para trancá-lo, antes de virar para me encarar novamente. Seus olhos percorreram meu casaco caro e discreto, até meu cabelo bem aparado. Seus ombros, visivelmente, relaxaram com a visão. Eu era um dos "eles", no que lhe dizia respeito — alguém do mesmo círculo que ele. Eu não estava desalinhado e tatuado, não iria assalta-lo por alguns dólares.

Fodido idiota pretensioso. Eu poderia fazer muito pior do que qualquer assaltante de rua aleatório.

"O que aconteceu com seu braço?" Ele perguntou, quando deu um passo em minha direção, finalmente retornando o meu sorriso falso.

"Torci, enquanto escalava. Faço isso, sempre que tenho folga da esposa e dos filhos. Mas, provavelmente, não tanto agora, que fiz isso." Tentei levantar o braço um pouco, estremecendo com a dor, no segundo exato.

Halston sorriu e deu um passo ao meu lado, quando comecei a andar. "Ah, entendo. Eu costumava fazer isso, quando era um pouco mais jovem." Ele deu um tapinha no peito. "Claro, o velho Ticker parou isso. Tenho que ter mais cuidado com o que faço agora."

Inclinei a cabeça para o lado e sorri agradavelmente, fingindo interesse em sua saúde. "Problemas cardíacos?"

"Sim, tive um desvio, alguns anos atrás." Ele balançou a cabeça um segundo depois. "Desculpe, esqueci de me apresentar. Sou Paul Halston.

"Josh Bennington", eu disse, dando-lhe o nome falso que inventei, enquanto esperava atrás da árvore, mais cedo. Elegante, mas não excessivamente, de uma forma que possa levantar suspeitas.

"O que você faz, Josh?"

"Sou médico. Acredite ou não, acabei de me especializar em cardio. Tenho uma cirurgia de coração grande chegando, na verdade."

Suas sobrancelhas se ergueram. “Oh, excelente. Ter um especialista em cardio em torno será ótimo. Vendo você na mesma rua, pode ser o suficiente para eu parar de comer tanta carne vermelha.” Ele piscou.

Ri, vagamente me perguntando por que ele não se sentia culpado. “Certo. E eu adoraria dar uma olhada em seu coração em algum momento também.”

“Ótimo.” Ele assentiu. “Você disse que apenas começou a se especializar em cardio. O que se especializou, antes disso? Medicina geral?”

Virei minha cabeça e olhei nos olhos dele. "Não. Especialista em dor.”

“Oh, um daqueles caras que tratam de coisas crônicas, hein? Agradável."

"Sim. Muito gratificante.”

Fiz um gesto em direção ao meu SUV preto, quando chegamos ao número quatro. Deixei a parte de trás aberta, sabendo que ninguém estaria em casa, para ver o que aconteceu em seguida. Eles estavam de férias; eu tinha certeza disso. Quanto a todos os outros moradores da vizinhança, estava escuro demais e os blocos caros e espaçosos e a vegetação espessa dessa área, significavam que eles não veriam nem ouviriam nada, a menos que eu fosse extremamente azarado. “De qualquer forma, aqui está. Apenas três ou quatro caixas.”

"Não tem problema." Halston se dirigiu para a parte de trás do meu SUV. Ele fungou, quando se inclinou para frente, para pegar uma caixa estrategicamente colocada. "Nem sabia que os Ulrichs saíram deste lugar."

"Eles não fizeram."

"O que? Mas você disse que acabou de se mudar...”

Ele caiu para a frente, com um grito estrangulado, quando enfiei uma agulha em seu pescoço. Olhei para ele, calmamente, enquanto ele lutava contra a droga correndo em suas veias, sufocando-se com palavras sem sentidos e tentando manobrar o corpo para fora do carro. Sem sentido. Seus braços e pernas já eram macarrões moles.

Assim que a escuridão começou a penetrar e suas pálpebras ficaram pesadas, sorri e respondi.

"Eu menti. Mas não se preocupe, Paul. Vou cuidar bem do seu coração.”

3

CELESTE

“Paul Halston, um proeminente advogado da Halston, Banks & Meagher, está desaparecido há três semanas, depois de sumir de sua casa em Point Breeze, no dia 4 de setembro. Autoridades acreditam que ele pode ser a última vítima do assassino em série da área de Pittsburgh, conhecido como o Allegheny Ripper, ou mais comumente, o Heartbreaker. O Heartbreaker é conhecido por manter as vítimas em cativeiro por semanas, antes de seus assassinatos, às vezes até meses, então a polícia e agentes de campo do escritório local do FBI estão atrás do desaparecimento...”

Estremeci e liguei o rádio relógio empoeirado. liguei alguns segundos atrás, esperando por uma atualização do clima matinal, antes de sair para o dia, mas em vez disso, fui atingida com mais uma atualização sobre o indivíduo mais perigoso da cidade. Aparentemente, o advogado que ele, supostamente, havia sequestrado, desaparecera de sua própria garagem, enquanto sua esposa e dois filhos pequenos estavam a poucos metros de distância, esperando que ele entrasse.

Terrível.

Saí. Minha vizinha Cora estava sentada em sua varanda, inalando o vapor que saía do alto de sua caneca de café. Quando me viu, ela colocou o café para baixo e ficou em pé, estendendo a mão para a cadeira de jardim desbotada, que sempre ficava ao lado de sua varanda — sempre que não estava reservando meu espaço de estacionamento. Cora era a velhinha mais doce. Toda vez que ela me notava saindo de casa, colocava a cadeira lá, para ter certeza de que ninguém mais tomaria o lugar do lado de fora da minha casa. Ela estava fazendo isso há dois anos, desde que me mudei para cá.

Acenei para ela. “Obrigada, Cora, mas estou pegando o ônibus hoje. É mais rápido chegar ao meu compromisso assim, em vez de lidar com todo o maldito tráfego no estacionamento.”

Ela sorriu e, distraidamente, alisou o cabelo branco. “Isso é justo o suficiente. Quer um café antes de ir?”

“Não, obrigada. Preciso ir, antes de perder o ônibus. Mas tenho isso para você.” Abri a minha bolsa e peguei um pote de Ziploc. “Tive algum tempo livre ontem à noite, quando meu turno terminou cedo, então fiz cookies. Seu favorito, certo?”

Fui em sua direção e ela aceitou a bolsa com gratidão. "Oh, você é tão querida. Eu amo choc chip! Tenha um bom dia, querida.”

Eu não a deixei ver o meu sorriso vacilar, quando voltei para a rua. Minha mãe costumava me chamar de querida. Quase sete meses, desde que ela passou e ainda me atinge como uma tonelada de tijolos, quando pensei que ela fosse embora para sempre.

Não foi como se não soubesse que estava chegando, no momento. Eu fiz. Seu diagnóstico de cirrose terminal não foi uma surpresa, dada sua história de abuso de álcool. Mas isso não facilitou, quando ela morreu. Eu poderia pisar na estrada e saber que um carro ia me atingir e isso não fez doer menos.

Coloquei uma mecha de cabelo castanho atrás da orelha, então comecei a descer a calçada, em direção ao ponto de ônibus mais próximo. Mantive minha cabeça erguida e meu olhar em frente, enquanto caminhava.

Larimer tinha uma reputação muito ruim, mas já morei em áreas piores antes. Eu sabia tudo sobre as pessoas se esgueirando por esses lugares, prontas para pegar transeuntes desavisados, para suas carteiras. Ou pior, seus corpos. Então, conhecia todas as regras. Nunca use fones de ouvido, para ouvir se alguém estiver vindo atrás de você. Mantenha sempre uma chave presa entre o polegar e o indicador, enquanto anda, o lado agudo voltado para fora, para o caso de alguém tentar atacar. Carregue o mínimo possível de itens, para que você não pareça um alvo avançado. Não há telefone em suas mãos. Sem iPod. Nada. Faça contato visual com as pessoas pelas quais você passa, não por muito tempo, mas o suficiente para enviar a mensagem de que está

prestando atenção e as viu, porque as pessoas que não estão cientes de seu ambiente, têm mais probabilidade de serem aproveitadas.

Eu, realmente, não precisava seguir essas regras nessa área. Não era como se morasse em Homewood, um bairro tão cheio de violência, que muitas pessoas, simplesmente se recusavam a pisar perto dele. Mas eu os segui, de qualquer maneira. Apenas no caso de... Gostei de seguir regras. Isso tornou tudo muito mais fácil.

O único lugar onde, realmente, abaixei minha guarda e parei de seguir minhas regras, estava mais longe da cidade em áreas mais espaçosas, onde a probabilidade de ser assaltado era algo em torno de zero. Como o antigo lugar dos meus pais, em Fox Chapel, por exemplo.

Agora que meus pais tinham ido embora, a propriedade era legalmente minha, mas eu não tinha intenção de morar lá, novamente. Ninguém queria alugá-lo de mim, dada a história do lugar. Assim que recebi a ligação do advogado da mamãe, depois de sua morte, disse-lhe para colocá-lo à venda. Talvez alguém que não se importasse muito com o passado comprasse e a demolisse, para construir uma nova casa, com uma nova história. Infelizmente, o estado estava tendo uma grande crise imobiliária, no momento, então, provavelmente, não venderia tão cedo.

Quando cheguei ao ponto de ônibus, um sentimento familiar tomou conta de mim. Tive a sensação estranha e rastejante de que estava sendo observada — algo que eu já havia sentido, muitas vezes antes. Arrepios encheram minha pele e tremi, esfregando meus braços, com minhas mãos enluvadas, enquanto olhava ao redor. Ninguém estava ali, a não ser um homem baixo e atarracado, com um sobretudo grosso e marrom, esperando o mesmo ônibus. Ele não estava olhando para mim; nem pareceu notar que eu estava aqui.

Como de costume, meus instintos estavam errados. Ninguém estava olhando para mim. Provavelmente, era apenas estresse e ansiedade afetando-me, fazendo meu cérebro enlouquecer.

Ainda bem que estava a caminho do terapeuta.

O ônibus parou na parada e eu entrei nele.

"Então, como está a dor, desde nossa última sessão?"

Minha terapeuta, Dra. Fitzgibbons, inclinou a cabeça para o lado, com a caneta esferográfica sobre o bloco de notas. Ela é uma morena alta e magra, com um nariz afilado e proeminente e olhos grandes, fortemente pintados. Ela usa óculos de aros de metal, que fazem seus olhos parecerem ainda maiores.

Soltei um pequeno suspiro. “Não é boa. A dose aumentada de analgésicos da Dra. Pompeo está ajudando um pouco, mas toda vez que me visto ou pego qualquer coisa, ainda sinto.”

Ela assentiu devagar. “Desculpe ouvir isso. Cura é um processo lento. Você já fez todos os seus exercícios de fisioterapia?”

“Sim, estou gerenciando-os. A fisioterapeuta disse que se eu aumentar minha força nas costas, vai começar a ajudar.”

"Boa. E os exercícios respiratórios, que lhe dei da última vez?”

"Eles me ajudam a dormir um pouco mais fácil."

"Ótimo. Pequenos passos.” Ela sorriu encorajadora. “E quanto à outra sugestão que dei, para você tentar tirar um curto período de tempo, todos os dias, para fazer algo por si mesma?”

Torci meus lábios de uma maneira culpada. "Bem ... tenho tentado. Meu estágio está super atarefado, ultimamente, então não é fácil ter um momento livre. Mas fiz uma mudança no trabalho, ontem cedo, então fiz alguns biscoitos. Sempre gostei de assar.”

Outro aceno de cabeça. "Isso é bom."

Ela rabiscou algo em seu caderno, em seguida, olhou para mim novamente. “Ok, então estamos trabalhando na identificação de possíveis estressores importantes em sua vida. Na nossa primeira sessão, repassamos seu trabalho, faculdade e estágio. Como você está se sentindo sobre tudo isso agora?”

“Um pouco mais positiva. Receberei uma pequena herança em apenas duas semanas, então acho que posso sair de dois dos meus trabalhos de meio período. Vou manter o da loja de artigos para o lar.”

“Isso, definitivamente, vai proporcionar algum alívio. Vai liberar muito tempo também. A herança é algo que você esperava? Não me lembro de mencionar isso antes.”

Roí uma unha, olhando para o padrão floreado preto, branco e cinza no tapete da área do terapeuta. Foi quase hipnótico.

“Minha mãe fez meu pai criar um fundo, quando nasci. Não é uma quantia enorme, mas é o suficiente para me deixar confortável por um curto período, enquanto endireito minha vida. Não pude tocá-lo até este ano, no entanto; era apenas para ser um presente de aniversário, uma vez que eu fizesse vinte e um anos. Meu pai pagaria a faculdade e todas aquelas coisas. Acho que ele não previu, exatamente, uma morte prematura, ou minha mãe gastando o resto do dinheiro dele.”

Dra. Fitzgibbons assentiu lentamente, novamente. “Você teve que assumir muita responsabilidade financeira em tenra idade, eu sei. Mas essa herança deve tirar um pouco dessa tensão. Fico feliz que você esteja em seu caminho, mesmo que demore muito tempo”.

"Eu também. Sei que tenho sorte. A maioria das pessoas não tem nada disso.”

"Exatamente." Ela girou a caneta na mão. "Agora, na sessão da semana passada, repassamos as mortes de seus pais. Você mencionou qual acha que é a raiz da sua ansiedade constante. Na verdade, não tenho tanta certeza disso.”

Levantei minhas sobrancelhas. "Mesmo?"

"Mesmo. Por mais traumático que tenha sido os eventos que cercaram a morte do seu pai — você tinha apenas seis anos, afinal de contas — acho que você enfrentou solidamente, mesmo com a morte da sua mãe. Foi apenas sete meses atrás e você está lidando bem.”

“Mas não acho que estou. Ainda penso nisso o tempo todo. Sinto-me culpada."

Agora era sua vez de levantar as sobrancelhas. "Culpada? Você não mencionou, na última sessão. Sobre qual morte?”

"Ambas. Fui eu quem encontrou meu pai, depois que ele morreu, como lhe disse na semana passada. Mas…"

"Sim?" Ela arqueou uma sobrancelha expectante.

Meu lábio inferior tremeu por um segundo e abaixei meus olhos para o tapete hipnotizante. "Não lhe contei essa parte na semana passada, mas quando o vi, fiquei de pé e olhando primeiro. Não gritei por ninguém. Nem sequer pensei. Eu apenas... olhei por vinte minutos inteiros, até que mamãe veio nos procurar.”

Ela assentiu. “Você era uma criança muito nova, não sabia como processá-lo.” Ela disse suavemente. "Não há necessidade de se sentir culpada e isso não significa que você é uma pessoa ruim, acredite em mim. Tem que se perdoar, por coisas assim.”

"Talvez. Mas tem minha mãe também. Eu não falei com ela durante um ano inteiro, quando era adolescente. Foi só quando ela ficou doente, que a deixei voltar à minha vida.”

"Sim, cuidando dela." Dra. Fitzgibbons se inclinou para frente. “Celeste, sua mãe era alcoólatra e fez sua infância muito difícil. Você tinha que ser auto-suficiente desde muito jovem. Isso não foi sua culpa. Foi dela. Entendo que é difícil de ouvir, mas é a verdade contundente. Não há necessidade de culpa, também.”

"Eu acho."

"Isso é, realmente, o que quero dizer, quando falo sobre o quão bem você lidou. Perder seu pai, em uma idade tão precoce e depois perder sua mãe para o alcoolismo, por tantos anos, poderia tê-la devastado seriamente. Poderia tê-la levado a um caminho muito sombrio. Mas se recompôs, apesar de tudo. Você é uma jovem muito talentosa, tira boas notas, trabalha em mais de um emprego, apesar da dor nas costas quase constante e, pelo que entendi, é uma, dos dois únicos alunos selecionados de sua faculdade, para o estágio no FBI.”

"Isso é verdade. Mas não tive outra escolha, senão me recompor," digo, suavemente.

Sua testa se enrugou. "Na verdade, teve. Poderia ter feito outras escolhas. Poderia ter, realmente, estragado sua vida e se deixado desmoronar."

Dei de ombros. Uma pontada de dor, imediatamente, passou pela minha parte superior das costas. "Talvez."

Ela ficou em silêncio por um momento, sobrancelhas juntas, enquanto olhava para mim. Então olhou para o caderno e virou algumas páginas. "Você disse algo, na semana passada, que me interessou. É por isso que não tenho certeza se as mortes de seus pais são a principal fonte de estresse."

"Oh?"

"Você disse que lembra de sempre se sentir ansiosa, quando criança. Mesmo antes de seu pai morrer."

"Mm. Acho que algumas pessoas são assim," respondi. Era verdade — desde que me lembrava, era uma pessoa naturalmente ansiosa. Meu estômago sempre parecia estar cheio de borboletas e minha mente estava sempre em alerta máximo. Acostumei-me com isso, ao longo dos anos e assumi que tinha sido assim desde o nascimento, sem nenhum motivo específico.

"Talvez, mas é terrível que os seus níveis de estresse e, subsequentemente, sua dor atual, sempre estejam elevados. Se há algo, desde a sua infância, que pode ter causado esse estado perpétuo de ansiedade, acho que precisamos chegar ao fundo disso."

Fiz uma careta e roí outra unha. "Nada de ruim aconteceu comigo, quando criança. Além de encontrar meu pai morto, claro e minha mãe se obrigando a dormir todos os dias depois," eu disse em voz baixa.

A Dra. Fitzgibbons pressionou os lábios num meio sorriso simpático. "Eu sei que foi extremamente traumatizante para você." Sua voz era mais suave agora, suave e quente. "E lamento que tivemos que discutir os eventos do seu pai passando tão profundamente... em nossa última sessão. Mas fico feliz que esteja se abrindo para

mim. Às vezes recebo pacientes que, simplesmente, deitam no sofá e se recusam a dizer uma palavra."

"Bem, eu preciso melhorar e a Dra. Pompeo disse que a terapia poderia ajudar. Então, estou disposta a responder a qualquer pergunta ou discutir qualquer assunto," eu disse, com um leve sorriso irônico.

Ela me deu um aceno rápido. "Bom." Então, inclinou a cabeça para o lado. "Você não se lembra de *algo* negativo. desde a sua infância, além do falecimento do seu pai?"

Dei de ombros. "Não. Tudo o que tenho são memórias super vagas de coisas normais. Brincando no jardim, primeiro dia de pré-escola, passeios no parque, com mamãe e papai me levando junto aos jantares de seus amigos, às vezes. Coisas assim. Mas mal me lembro de algo, para ser honesta. Tudo é um borrão. Eu era tão jovem."

Dra. Fitzgibbons arqueou uma sobrancelha. "Seu pai levou você para jantares com amigos e sua mãe, não foi?"

Assenti. "Sim, mas isso não foi negativo. Meus pais não estavam brigando. Era só que mamãe estava muito ocupada com suas próprias coisas, então, se ela não pudesse ir a eventos, meu pai me levava junto, como seu lindo "encontro"." Eu coloquei a palavra entre aspas no ar. "Ele tinha muitos amigos extravagantes, considerando o seu trabalho, então, havia muitos eventos para participar."

Ela cruzou as pernas. "Então você não se lembra de seus pais brigando ou discutindo, quando era jovem?"

Dei de ombros. "Se eles fizeram, nunca vi. Exceto o dia em que papai morreu, eu os ouvi discutindo, naquele dia. Mas nunca descobri por que, porque... bem, ele morreu. Mamãe, provavelmente, esqueceu completamente o argumento. Acho que brigas mesquinhas, de repente, parecem muito pequenas, quando coisas grandes e horríveis acontecem do nada."

"Isso é verdade. E essa foi a única vez em que eles pareciam discutir ou discordar de alguma coisa?"

"Sim." Levantei minhas sobrancelhas. Posso dizer que ela ainda não está convencida de que minha vida foi, realmente, normal, quando criança. "Juro, eu não me lembro de ter tido experiências negativas na minha infância, antes daquele dia."

“Hm. Tudo bem. Eu gostaria de tentar algo, se estiver tudo bem para você.” Ela cruzou uma perna sobre a outra e empurrou os óculos no nariz. "É um pouco controverso, mas descobri que é uma ajuda eficaz, com alguns pacientes anteriores, se você estiver aberta a isso".

Minha testa se enrugou. "A que depende do que 'é'."

"É chamada terapia aprimorada por hipnose."

Endireitei-me. Dor picada, entre minhas omoplatas, mas ignorei. “Desculpe, o que? Pensei que essas todas essas coisas fossem besteiras.”

Dra. Fitzgibbons sorriu, pacientemente e levantou uma mão. “Não confunda com esses estúdios bobos, onde eles fingem usar um relógio de bolso para fazer as pessoas parecerem galinhas. Isso não é real. Você não entra em transe durante a hipnose e nunca diz, ou faz algo que não quer. É mais como meditação.”

"OK. Mas para que?"

“Isso coloca você em um estado relaxado, onde qualquer coisa acontecendo ao seu redor é bloqueada e torna mais fácil para concentrar sua atenção em pensamentos específicos, para que possa explorar pensamentos e sentimentos dolorosos, que podem ter sido ocultados de sua mente consciente. Além disso, podemos explorar possíveis causas psicológicas dos distúrbios de ansiedade, como eventos traumáticos que você pode ter escondido, em sua memória inconsciente”.

“Er… certo.” Eu ainda estava cética.

Ela levantou um dedo. “Agora, um problema. A confiabilidade da informação lembrada, por alguns pacientes sob hipnose, nem sempre é boa. Há também um pequeno risco de criação de memória falsa. Mas como eu disse, achei útil de vez em quando.”

"Hm." Eu estava relutante ainda intrigada. "Como funciona?"

"Você deitará e fechará os olhos e usará as imagens guiadas, para diminuir a lentidão e relaxar a mente. Quando entrar nesse estado relaxado, tentarei orientar sua mente em questões específicas."

"Hum. Ok." Mastiguei meu lábio inferior, por um segundo. "Acho que vale a pena tentar, se realmente acha que há algo escondido em minha mente, que eu não me lembro."

"Eu acho. E acredito que há uma causa para toda essa ansiedade, e quero ajudá-la a melhorar."

"OK. Acho que estou aberta para isso, então. Como disse, estou aqui para ficar melhor, então..." Deixei minha voz sumir, quando me deitei no amplo sofá secional cinza-pomba.

"Bom." A Dra. Fitzgibbons se levantou e avançou, bruscamente, até a janela, fechando as persianas para escurecer a sala. "Comece a respirar profundamente, assim como ensinei em nossa primeira sessão. O mesmo exercício que você tem feito todas as noites, antes de dormir."

Coloquei uma mão no meu estômago, certificando-me de que meu diafragma enchesse de ar, toda vez que respirasse, garantindo que não estivesse respirando muito superficialmente. Então, fechei os olhos e comecei a respirar devagar.

"Imagine-se como uma criança. Você está de pé, à beira de um lago. Parece calmo, sereno. Consegue ver?"

"Sim."

"Entre nisso. A água está morna; a temperatura perfeita. Continue se imaginando entrando. Então, lentamente, muito devagar, mergulhe. Deixe a água cobrir cada centímetro teu."

Fiz o que ela disse, tentando me imaginar submergindo no pacífico lago azul. Era difícil me imaginar como uma garotinha, mas tentei o máximo que pude.

“Agora, lentamente, levante-se e saia da água. Mantenha os olhos fechados, mas em sua mente, abra-os. O que, imediatamente, imagina na sua mente, agora que está fora da água?”

Respirei fundo e me imaginei saindo do lago e abrindo os olhos. A primeira coisa que imaginei, depois disso, foi um conjunto de portas duplas, em um salão estranhamente familiar.

"É um salão de baile, eu acho. São as portas que levam a um, de qualquer maneira.”

“Um salão de baile? Por que você pensa isso?"

“As portas são enormes. Ornamentado. Eles se parecem com todas aquelas portas duplas que você vê nos filmes de contos de fadas, onde elas abrem com um floreio, para permitir ao príncipe ou princesa uma grande entrada. Só que elas estão fechadas e eu estou do lado de fora.”

"Entendo. Pode descrevê-los um pouco mais?”

“Há duas delas. Madeira escura. Pintada e emoldurada com um arco semicircular, acima de cada um. Puxadores dourados extravagantes. Eles parecem velhos, mas não de um jeito ruim. Mais como… clássico. Há também um pequeno vestíbulo, logo antes das portas e é emoldurado com madeira entalhada, assim como as portas.”

"Algo mais?"

Respirei fundo, concentrando-me mais. "Os arcos de madeira, no topo, estão decorados com um padrão que foi esculpido na madeira."

"Que tipo de padrão?"

“Apenas um tipo ornamental antigo, eu acho. Tipo, folhas gravadas de maneira suja. Além disso, no meio de cada padrão, há um círculo esculpido.”

"Um círculo?"

“Uh-huh. Dois deles, porque há dois arcos. ” Exalei profundamente. "Isso é tudo que posso ver."

"E quanto ao resto da sala, onde as portas estão?"

Eu me concentrei mais. “Hum. É um corredor. Nunca percebi isso, antes de hoje, mas há uma pequena mesa, à direita de uma das portas, mais ou menos como uma mesa de assento, feita da mesma madeira. Tem um vaso de flores. Peônias rosa. Então, à esquerda da outra porta, há uma pintura. É uma paisagem com alguns cavalos.”

“Parece um bom lugar. Mas você acabou de dizer que nunca notou a mesa e a pintura, *antes de hoje*. Isso significa que este é um lugar que você já esteve antes? Ou visto em algum lugar?”

"Um ..." Eu fiz uma careta, tentando pensar mais, pressionando minha mente por mais. "Acabei de perceber há um minuto, que já tive alguns sonhos sobre essas portas antes. Dois, apenas na semana passada, na verdade. Mas não sei se já os vi pessoalmente.”

"Entendo. O que sente, quando os imagina?”

“Eu acho… feliz? Porque é um lugar tão legal. Mas também com medo, porque não sei porque continuo indo para lá. Eu acho... há uma espécie de presença masculina perto de mim, mas não sei por que, ou como descrever isso. "

A Dra. Fitzgibbons ficou em silêncio, por um momento. Eu podia ouvi-la rabiscando anotações, em seu livro. "Quero que você tente algo agora", ela finalmente disse. "Quero que tente abrir as portas."

"OK."

"O que vê agora?"

"Nada." Eu me esforcei, mas não consegui. Algo esfaqueou minhas entranhas, enquanto eu tentava, esfriando-me de dentro para fora. A dor nos meus ombros se intensificou e eu podia sentir minhas mãos e braços ficando dormentes. Sentei-me e abri os olhos. "Desculpe-me, a imagem mental acabou de sumir. Tudo que vejo é preto. Não posso olhar atrás das portas. Também tenho um sentimento nervoso estranho, quando tentei, e acho que, de alguma forma, piorou minha dor no nervo.”

"Tudo bem. Nós não vamos mais fazer isso hoje." Ela, lentamente, bateu a caneta, em seu livro. "Mas a pintura, a mesa... você disse que é mais do que se lembra de ter visto antes, quando sonhou com a sala?"

"Sim."

"Então é um começo. Eu diria que você vai começar a se lembrar mais sobre essa cena, em breve. "

Seu tom soou positivo, mas sua expressão estava perturbada. Engoli em seco, esperando que as portas não significassem uma condição psicológica terrível. Tinha que haver uma razão pela qual, mentalmente tentar abri-los, piorou minha dor, certo? O médico do esporte disse-me, há algumas semanas, que o estresse poderia tornar os nervos mais sensíveis, afinal de contas. Então, obviamente, meu cérebro achou estressante ir até lá.

"Estou bem?" Eu disse trêmula.

"Sim, você está bem e se saiu muito bem, Celeste." ela respondeu, fechando o caderno. "Estamos sem tempo agora, mas vamos continuar de onde paramos, na semana que vem. Tenho um pouco de lição de casa para você: continue fazendo seus exercícios de respiração todas as noites e anote qualquer coisa nova que venha a sonhar com as portas, novamente. Qualquer imagem, qualquer sentimento. É tudo útil."

Balancei a cabeça, despedi-me e saí do escritório dela. Minhas pernas estavam trêmulas e meus joelhos fracos, enquanto a mente repassava nossa sessão. Eu sabia que tinha sonhado com o corredor e com as portas, muitas vezes antes, mas nunca dei atenção a isso no passado, mesmo quando acordei com sentimentos estranhos no estômago. Imaginei que era apenas um daqueles sonhos recorrentes, bobos e sem sentido, que as pessoas tinham, às vezes; algo que meu subconsciente pegou de um filme antigo, que vi quando criança. Nunca pensei que poderia ter um significado mais profundo e nunca considerei que isso poderia ser um disfarce para algum trauma passado.

Soltei uma lufada de ar gelado e envolvi meu cachecol de lã em volta do pescoço, ainda remoendo-o, enquanto me dirigia ao ponto de ônibus mais próximo.

O que, na terra, estava além daquelas portas?

Eu quero saber?

4

ALEX

Eu me escondi atrás de uma coluna de pedra polida no corredor, ouvindo o som arrastado das velhas botas desbotadas de Celeste nos azulejos, enquanto se afastava do consultório da Dra. Fitzgibbons e em direção à saída principal da clínica de saúde mental. Acabara de terminar um compromisso de terapia. Tinha uma às nove e meia, toda quinta de manhã, hoje em dia. Eu sabia do pequeno cronograma que ela digitou em seu laptop, ao qual eu tinha acesso remoto há muito tempo.

Garotinha tola e inocente, não tinha ideia.

Quando ela estava fora de vista, entrei no amplo corredor. Agora que não havia chance de ela me ver, não precisava me esconder. Eu era como um fantasma, neste lugar; poderia, facilmente, ir e vir como quisesse, sem um segundo olhar. Além da mulher estranha, isso é. Eles me notaram, mas nunca foram rudes ou questionaram minha presença. Em vez disso, eles eram admiradores e amigáveis.

Um queixo quadrado e olhos azuis penetrantes tendiam a ter esse efeito nas mulheres, como aprendi desde muito cedo. Jovens ou velhos, elas, praticamente, derretiam, se eu lhes mostrasse um sorriso. Eu não me importava com isso, no entanto, apenas sorria para ser educado, para não receber atenção negativa indesejada. Havia apenas uma garota que eu queria que derretesse para mim. Derreter até que ela estivesse de joelhos, implorando e suplicando.

Celeste.

Silenciosamente, aproximei-me da porta da Dra. Fitzgibbons e coloquei minha orelha esquerda contra ela. A partir daqui, pude ouvir a terapeuta gravar suas notas principais da sessão. Era muito difícil tentar entrar em um computador, nessa parte do hospital (aqui ou remotamente; o centro de saúde mental tinha alguns firewalls sérios,

em sua nova rede. Até médicos que trabalhavam em outras seções do hospital, não conseguiam entrar) e arriscado demais para roubar as gravações ou espionar do lado de fora, quando Celeste estava diretamente na sala. Esta foi a terceira melhor opção infeliz. Eu não conseguia ouvir cada palavra, mas sempre conseguia ouvir o suficiente para entender a essência geral e levei apenas alguns minutos.

Se alguém passasse por ali, neste corredor isolado e perguntasse o que eu estava fazendo, tinha uma desculpa pronta. *Ah, eu estava passando para ver a Dra. Fitzgibbons, mas achei que ouvi algo estranho acontecendo lá, então estava apenas ouvindo rapidamente, para garantir que nada de ruim estivesse acontecendo. Acho que ela está apenas no telefone, no entanto.* Seguido por uma risada auto-depreciativa. As pessoas sempre acreditavam em tudo que eu dizia, contanto que sorrisse. Eles nunca suspeitaram do que estava por trás do sorriso. Ou melhor, o que não estava.

Eu fiz isso a cada duas semanas, desde que Celeste começou a terapia, e até agora, ela não disse nada durante as sessões, que me fizeram acreditar que se lembrava de uma coisa sobre aquele dia, há tanto tempo.

Mas esta semana... isso foi diferente.

"Celeste Riley ... acredito que ela está começando a lembrar de uma ocasião... ela descreveu em pé em um corredor, do lado de fora de uma entrada da porta do salão de baile. Ela foi capaz de me contar sobre... e estou preocupada que ela está começando a ... angústia..." A voz da terapeuta era fraca hoje, mais quieta do que o habitual e só conseguia distinguir cada poucas palavras. O que ouvi ainda era o suficiente para definir meu pulso acelerado.

Eu me esforcei, tentando pegar o resto do que a Dra. Fitzgibbons estava dizendo. Quando ela terminou, rapidamente tirei meu ouvido da porta e segui em direção à saída.

Porra.

Celeste estava chegando perto. Perto demais. Sua mente frágil estava começando a juntar tudo, re-formando todas aquelas memórias antiga, e seria apenas uma questão

de tempo, antes que ela lembrasse o que estava por trás daquela porta. Isso significava apenas uma coisa.

Era hora de levá-la.

Desta vez, ela, com certeza, não me esqueceria.

5

CELESTE

“Seis cafés pretos, quatro brancos, dois descafeinados e três chás. Um branco e dois pretos. Traga-os para a sala de conferências do leste, e faça-o depressa.” Leonard Foley, o agente especial de plantão do FBI em Pittsburgh, latiu para mim, seus olhos escuros se estreitaram.

"Sim, senhor", murmurei, assentindo brevemente.

Ele estava com raiva de mim, porque atrasei-me para o escritório. Nunca me atrasei, mas dormi mais que meu alarme, o que também nunca aconteceu. Então, começou a chover, o que significa que todos, de alguma forma, esqueceram-se de como dirigir e os engarrafamentos resultantes fizeram-me ainda mais atrasada. Começo áspero para o dia.

Sou uma estagiária, então, se eu não estivesse por perto para buscar cafés para altos escalões, todos ficariam mal-humorados comigo, especialmente Foley. Ele não aprovou o programa de estágio para os cursos de criminologia, mas foi implementado por aqueles, no Bureau, que estavam acima dele, então não teve escolha senão aceitar minha presença, junto com outro estagiário, um cara quieto chamado Bryce.

Embora eu estivesse fazendo muito trabalho tedioso, ainda ganhava uma experiência inestimável. Recebi uma autorização de segurança relativamente alta (indispensável para qualquer um que pisasse no escritório de campo para trabalhar, mesmo que fosse apenas estagiário), para que os agentes permitissem que eu os escondesse, quando não estivesse fotocopiando, devolvendo documentos para a sala de arquivos ou pegando café. Eles me deixam examinar os arquivos de casos e, às vezes, até me permitem participar de reuniões com perfis criminais.

Foley parecia favorecer Bryce sobre mim, porque eu nunca tive permissão para ler os arquivos do caso Heartbreaker ou participar de reuniões relevantes, que aumentaram, desde que Paul Halston desapareceu há algumas semanas. O clima geral no escritório estava repleto de tensão, como resultado.

Três perfiladores haviam sido enviados ontem do BAU[3], em Washington, para ajudar os agentes locais com o caso, porque, nas palavras de Foley (e, aparentemente, seus superiores em Washington também), era "nada menos que um constrangimento" para nossa cidade, que nós tenhamos um serial killer ligado e desligado, por quinze anos sem pistas. Antes deste ano, o total de vítimas foi de sete. Um oitavo foi encontrado há quatro meses, em Washington's Landing e, se Halston também fosse uma vítima, então elevaria a contagem atual do assassino para nove.

Bryce era um cara legal e ele, secretamente, contou-me sobre a reunião Heartbreaker que ele participou, há algumas semanas. Fiquei surpresa com o quão pouco o FBI tinha sobre o caso, depois de tanto tempo. Aparentemente, tudo o que eles sabiam com certeza sobre o assassino era ser um homem.

Mas eu já sabia disso.

Ainda assim, fiquei desapontada. Eu esperava que eles tivessem mais sobre o Heartbreaker, porque estava desesperada para saber sua identidade por anos. Além de desesperada...

"Já era tempo", Foley gritou, quando corri para a sala de conferências, segurando, cuidadosamente, a bandeja com todas as bebidas. Seu olho gelado cortou-me, como um laser.

"Oh, deixe-a em paz", murmurou Dwyer. Ele era um dos Agentes Especiais Assistentes e era muito mais fácil de lidar do que Foley. Era um homem calvo e barrigudo, na faixa dos cinquenta anos, com um ar quente e familiar, o tipo de homem que você achava que conhecia desde sempre, mesmo que acabasse de encontrá-lo há meia hora.

---

3 Unidade de Análise Comportamental

Foley, por outro lado, era uma história diferente. Afiado, de língua ácida, impaciente, um verdadeiro trabalho. Sempre que ele estava por perto, eu estava no limite, rezando para que não fizesse nada de errado, no caso de afetar algum tipo de revisão de meu desempenho. É claro que eu também estava toda desajeitada ao seu redor, desajeitada como um urso bêbado, porque ele me deixava tão nervosa.

Calmamente, entreguei a ASAC Dwyer sua bebida, dando-lhe um sorriso agradecido. Então, dei o resto para os outros agentes e os três perfis criminais, que acabaram de chegar de Washington. Meu coração pulou uma batida, quando percebi o que a presença deles implicava. Esta foi uma reunião sobre o caso Heartbreaker.

"Você vai participar disso, Celeste?" Dwyer perguntou, sua testa franzindo em uma expressão curiosa.

"Claro que não" Foley retrucou. "Ela não é permitida em qualquer lugar perto deste caso. Você está ciente disso, Dwyer."

"Olha, eu sei", ele respondeu, segurando as palmas das mãos. "Mas Bryce está doente e eu, realmente, acho que tudo ficaria bem. Talvez até… útil. Alguém mais concorda?"

Vários agentes concordaram e murmuraram, inclusive o agente Jason West. Eu me lembrei dele de uma palestra que apresentou na faculdade, no ano passado. Ele era um homem simpático, com cabelos bagunçados e olhos azuis amigáveis e foi a primeira pessoa a mencionar o estágio para mim.

"Infelizmente, sou o responsável", disse Foley, apontando um sorriso desagradável para Dwyer. "E precisamos seguir as regras. Celeste precisa sair."

Meu coração afundou. Acho que fazia sentido que não tivesse permissão para ouvir, mas ainda assim ...

Um dos recém-chegados perfiladores de Washington levantou a mão. "Na verdade, eu gostaria que ela ficasse."

Houve um longo e doloroso silêncio, enquanto o perfilador olhava para o SAC. Finalmente, Foley cedeu. Seu rosto estava vermelho brilhante e irritado.

"Tudo bem." Virou-se e me lançou um olhar imundo. "Você pode ficar, Celeste." Ele, praticamente, cuspiu a frase e disse meu nome, como se fosse uma palavra suja.

A reunião começou. A perfiladora que se levantou por mim e pediu que eu ficasse, Cara Hess, limpou a garganta e começou a falar sobre o perfil revisado do Heartbreaker.

"Nós já sabemos, com certeza, que é um homem que estamos procurando." Ela fez uma pausa e olhou para mim, uma expressão curiosa cintilando em seus olhos cor de avelã. Então, desviou o olhar e continuou. “Mas agora, com base em dados estatísticos de outros casos semelhantes, também podemos estar, razoavelmente, certos de que é caucasiano e tem entre as idades de trinta e cinco e quarenta anos. Mora sozinho, provavelmente em algum lugar dentro de cinquenta milhas da cidade.

Ela se levantou e digitou algo, em um pequeno laptop. Um slide apareceu no quadro, que estava pendurado na parede mais próxima da extremidade da mesa. Ele apresentava fotos de todas as vítimas Heartbreaker até agora, junto com seus nomes, idades e ocupações. Engoli em seco e olhei para longe, minhas entranhas se agitando.

“Oito vítimas até agora, nove, se contarmos o homem desaparecido, Paul Halston. Halston se encaixa com o perfil de vitimologia, que nossos ex-membros da equipe desenvolveram para o assassino anos atrás, então, não prevemos nada disso mudando tão cedo. Mas vou revisá-lo novamente, como uma atualização.” Olhou-me novamente e eu sabia que ela estava passando por cima do perfil, para meu benefício, pois os outros já conheciam todos os detalhes.

Animei-me, ouvindo atentamente. Havia muitas teorias na internet sobre como e por que o Heartbreaker escolheu suas vítimas. Eu estava curiosa para ver se havia alguma correspondência, com o desenvolvimento do perfil do FBI.

“Acreditamos que ele tenha um passado criminoso e é por isso que tem como alvo esses indivíduos. Provavelmente foi preso por um período de tempo e acredita que foi injustamente tratado pelo sistema judiciário. Agora, está tendo sua ideia de vingança. Achamos que é por isso que mantém suas vítimas cativas por semanas, antes do assassinato. Ele está punindo aqueles que sente serem responsáveis por seu

encarceramento, fazendo-os sentir o que ele sentiu, quando ficou trancado por todo aquele tempo. Este é um indivíduo altamente narcisista, com transtorno de personalidade antissocial ”.

Meus ombros caíram. Nada de novo lá. A teoria de que o Heartbreaker foi um ex-presidiário é antiga e também o mais popular dos fóruns sobre o assunto. Faz sentido, afinal de contas. A lista de vítimas incluía dois advogados, três detetives seniores de alto escalão, um chefe de polícia, um diretor de prisão e um juiz. Paul Halston, se ele é, realmente, uma vítima também, trouxe o número de advogados para três.

A partir daí, parecia claro que o Heartbreaker tinha um problema com a lei e punia aqueles que considerava responsáveis por tudo o que aconteceu com ele. No entanto, poucas pessoas na internet pareciam acreditar que a teoria dos ex-presidiários era simples demais. Muito óbvio. Eles acreditavam que a polícia e o FBI estavam perdendo algum aspecto-chave do caso, que explodiria essa teoria da água de uma vez por todas. Ninguém jamais descobriu qualquer indício para provar isso, no entanto.

Apesar disso, concordei com eles. A teoria ex-cúmplice era óbvia demais para o meu gosto. Então, novamente, o que sabia? Eu não era uma perfiladora do FBI. Nem mesmo perto.

"O problema reconhecido que temos com esse perfil", continuou Hess. “É que, em todo o trabalho realizado há *quinze anos,* ninguém conseguiu encontrar nenhum caso criminal que conecte todas e cada uma das vítimas. Examinamos registros de prisão e bancos de dados de todo o país e não encontramos nenhum indivíduo que tenha sido preso ou acusado por todas as vítimas da força policial, representado ou processado por todos os advogados, sentenciado por aquele indivíduo em particular. juiz, ou alojado na penitenciária, que o diretor da prisão encabeçou.”

"E se eles foram vitimados por causa da natureza geral de seus trabalhos?", Perguntou o agente West, as sobrancelhas franzidas. “É necessário que todos estejam conectados, em virtude de prender o assassino ou processá-lo pessoalmente no tribunal, etc.? O cara só poderia tê-lo para a aplicação da lei, certo?”

“Nós consideramos esse ângulo também, é claro, mas a forma como ele os mantém cativos por tantas semanas e a maneira como ele os tortura e esculpe seus corações, enquanto estão vivos ... parece especificamente projetado para aqueles que ele quer se vingar. Não é só quem tem um distintivo policial ou um diploma de direito. Achamos que ele está segmentando pessoas específicas. Acabamos de encontrar a conexão que liga todos eles.”

"Alguns registros de detenção de tempos pré-digitais ainda não foram enviados para bancos de dados on-line ainda", disse o ASAC Dwyer. "Esperamos encontrar alguém que se conecte a todas as vítimas." Mas isso é bem antes do início dos anos noventa... o que tornaria o assassino bem mais velho do que o perfil atual sugere. ”

Hess assentiu com a cabeça, vincando a testa ao pensamento. “As vítimas tinham mais de quarenta e cinco anos, outras mais de sessenta. Então, talvez haja algum mérito nisso, embora vá contra a faixa etária que decidimos ser a mais adequada. "Certamente vamos investigar, enquanto estamos aqui. Quão perto você está de ter todos os registros antigos digitalizados?”

"Não longe. Tem sido um processo longo e lento, mas estamos chegando lá.”

"E se ..." eu soltei as palavras sem pensar. Meu rosto ficou imediatamente quente e sabia que devia estar como a beterraba vermelha.

Foley me lançou um olhar tão frio, que poderia ter impedido as calotas polares de derreterem. "O que você disse?"

"Nada", murmurei.

"Não, por favor. Conte-nos tudo sobre suas ideias, Celeste. Tenho certeza que você, com seus três anos de faculdade até agora, sabe melhor do que todos nós.” Suas palavras cortaram através de mim como facas quentes.

"Eu não estava..." Comecei a falar, mas vacilei novamente, sob o olhar penetrante do agente especial.

"Foley, pelo amor de Deus", disse Dwyer, dando ao seu superior um olhar de desprezo. “Pare de ser tão cruel com os internos. Celeste, você tem algo a dizer?”

"Eu só pensei... e se toda a teoria do 'ex-prisioneiro' estiver fora da base?" Perguntei em voz baixa.

Foley revirou os olhos. "Ok, isso é tudo que precisamos ouvir. De volta a ser vista e não ouvida, Celeste."

Dwyer, West e os criadores de perfis olharam para mim com interesse, depois sussurravam entre si. Consegui pegar algumas palavras.

"Ela não está errada. Ela tem o que... vinte? Que diabos ela saberia?"

"Sim, mas é *ela*", ouvi Hess murmurar. "Por que você acha que eu a queria aqui?"

"Hm. Verdade."

Eles pararam de sussurrar e se viraram para mim.

"O que te faz dizer isso, Celeste?", Perguntou Hess.

Minhas mãos tremiam. "Sinto muito, sei que é provavelmente estúpido e eu não pretendo minar quinze anos de teorias de grandes mentes, mas sempre estive interessada nos detalhes deste caso e pensei muito sobre isso, ao longo dos anos. Depois de... bem..." Parei para respirar. Não senti falta dos olhares que todos trocaram. Eu sabia o que estavam pensando.

"Eu sempre imaginei se as vítimas *estão* todas conectadas, mas não por meio do ângulo da lei".

ASAC Dwyer franziu a testa. "Continue."

Dei de ombros. "Não sei qual conexão poderia ser. É apenas uma ideia, que explicaria por que não se consegue encontrar ligações, no lado jurídico das coisas."

Hess olhou para mim, estreitando os olhos. "Há algo que não está nos dizendo, Celeste?" Todos trocaram olhares novamente. Eu ignorei isso. "Talvez algo sobre o seu..."

Eu a interrompi, sabendo exatamente o que ela ia dizer e não querendo ouvir. "Não era isso," eu disse, na voz mais calma que pude reunir.

Foley revirou os olhos abertamente. "Ótimo, obrigada, Celeste." Ele bateu palmas. “Arrumem tudo, pessoal. Depois de quinze anos, uma universitária sem experiência no mundo real resolveu o problema. Oh espere… não, ela não fez. Só acaba de mencionar uma teoria com absolutamente nenhuma evidência para sustentar, muito menos qualquer idéia do que esta conexão misteriosa entre as vítimas poderia ser. Uma teoria, devo acrescentar, que já foi considerada anos atrás, mas nenhuma evidência foi encontrada para apoiá-la”

A maioria dos agentes riu. Minhas bochechas queimaram de vergonha. Apenas West, Dwyer e Hess pareciam não se divertir, mas não disseram nada para me defender. Eles estavam certos em não fazer isso. Fui estúpida, por ter falado; deveria ter mantido minha boca fechada.

É claro que os experientes agentes e perfiladores do FBI sabiam mais do que eu. É claro que eles já consideraram minha ideia antes. Eu estava aparecendo como uma criança imatura, que achava que sabia melhor do que todo mundo. Não foi minha intenção, mas foi, provavelmente, como todos viram isso.

"Que tal você ir e nos pegar mais um pouco de café, enquanto os adultos voltam ao caso, garotinha?" Foley disse.

Com prazer. Qualquer coisa para escapar desta sala. A mesma sala em que estava tão desesperada para entrar, há pouco tempo atrás.

"Sim, senhor." Levantei-me tão abruptamente, que minha cadeira caiu para trás. Isso só fez alguns agentes gritarem mais. Com o rosto em chamas, saí correndo da sala.

Meu coração batia forte e as lágrimas picaram a parte de trás dos meus olhos, quando fui buscar os cafés. Eu sabia que Foley estava certo em ficar com raiva de mim. Não foi por isso que fiquei chateada agora. Estava com raiva de mim mesma, não por sair da linha, mas por como meu corpo estava respondendo à humilhação. O calor úmido estava, inexplicavelmente, inundando meu núcleo, deixando meus joelhos fracos e as mãos tremendo, erraticamente. Agora que o choque inicial do incidente tinha passado, percebi que uma pequena parte doente de mim, realmente, gostou.

Foley era um idiota desagradável, com certeza, mas essa parte minúscula e distorcida da minha mente, de repente, sentiu-se atraída por ele. Atraída pela parte dele que gostava de me humilhar e me fazer sentir mal.

Tão fodido quanto era...

Eu gostei.

6

ALEX

“POR FAVOR. NÃO.”

Ignorei a tagarelice de Paul, quando ajustei a moldura estereotáxica, em torno de sua cabeça. "Não estou te machucando", disse calmamente. “Muito pelo contrário. Pelo menos não mais. Então, acalme-se.”

Ele não tentou falar de novo, enquanto eu removia, metodicamente, os microelétrodos de seu cérebro. "Veja, não dói, não é? Mas é sorte sua que eu estava dizendo a verdade, na outra semana."

"Verdade?" Ele, finalmente, murmurou.

Sorri, embora ele não pudesse me ver de onde estava atrás dele. “Sobre o que faço. Eu não estava mentindo, quando disse que era especialista em dor.”

Nos últimos dias, estava, periodicamente, conectando-o a um pequeno equipamento de estimulação da dor, que eu havia desenvolvido. Foi semelhante à estimulação cerebral profunda, apenas foi concebida para induzir sensações agonizantes, não para aliviar ou tratar quaisquer condições médicas.

Implicava em uma neurocirurgia secundária, extremamente cuidadosa, para perfurar o crânio e ligar os micro-eletrodos diretamente nos centros de dor do cérebro, enquanto o sujeito estava acordado. Esses eletrodos poderiam, então, ser estimulados por meio de impulsos elétricos, para forçar a vítima a sentir qualquer nível de dor que eu quisesse infligir a ela, tudo sem a bagunça de causar dano físico real.

O cérebro é, realmente, um órgão incrível, não é?

Infelizmente, os humanos tinham uma habilidade incrível para se acostumar com as coisas. Como tal, configurei o dispositivo para rodar em ciclos aleatórios de períodos

de dor e períodos de descanso. Dessa forma, não havia chance da vítima se acostumar com a tortura.

Na pior das hipóteses, os sujeitos poderiam morrer de choque, insuficiência cardíaca ou hemorragias cerebrais, enquanto estavam ligados ao dispositivo. Para evitar isso, sempre monitorei a situação com muito cuidado e tive minhas vítimas em medicamentos, para reduzir a pressão arterial durante a tortura, impedindo que isso acontecesse. Mas ainda era um risco real, por isso não pude usar esse método por muito tempo. Este foi apenas o primeiro estágio, afinal. Eu precisava deles vivos.

"Eles testaram isso em animais antes, você sabe", continuei, embora soubesse que Paul não se importava. Ele estava com muito medo do que iria acontecer com ele, em seguida.

“A única coisa que impede alguém de fazer isso para as pessoas, é a ética. Como se pessoas como você fossem, de alguma forma, mais importantes. Engraçado, hein?”

Ele murmurou algo que eu não entendi bem.

"Nada pior do que sua própria mente pode invocar contra si", eu disse, relaxadamente, puxando a cabeça para fora do quadro e colocando-o no chão. "Horrível, não é?"

Ele olhou para mim, com os olhos fixos. Suas pupilas foram queimadas. Eu devo tê-lo tirado da máquina na hora certa.

"Seu coração poderia ter cedido ... mas nós não queremos isso, não é? Prometi a você que iria cuidar disso, não é?” Inclinei a cabeça para o lado. “Embora eu tenha mentido sobre uma coisa, não sou especialista em cardio. Ops!”

Ele engoliu em seco. "Eu sei quem você é."

Eu sorri. "Sério? Parabéns."

Essas foram as palavras que ele mais me disse, desde que comecei a neuro-tortura, além de "*Pare*!" "*Não*!" Ou *"Por favor, estou te implorando!"* Porra, eu adorava quando imploravam. Eles sempre alegaram, no começo, que nunca fariam isso. Todos eles. Mas no final, fizeram. Eles imploraram e imploraram.

Cada. Um. Deles.

Não havia vergonha nisso. Não há vergonha em querer permanecer vivo. Era um instinto humano agarrar-se a cada linha da vida, desejando e esperando sobreviver apenas mais uma hora. Mais um minuto.

Ainda assim, foi divertido.

"Você é ele. O Heartbreaker."

"Você, finalmente, descobriu. O que acha que seu prêmio deveria ser?"

"Eu sempre soube."

"Então por que não respondeu uma única das minhas perguntas?" Perguntei, estreitando meus olhos. "Faz cinco semanas, desde que te trouxe aqui, Paul. Neste momento, é apenas rude." Balancei a cabeça e bati na mão dele, como se estivesse castigando uma criança pequena.

"Eu nunca vou te dizer nada."

Suspirei. "Sim, você deixou isso bem claro", eu disse. Assim como todos os outros, ele mal pronunciara uma palavra, não importava o que eu fizesse.

Felizmente, eu tinha muito mais na manga. Ele achava que tinha experimentado o verdadeiro terror e dor, até agora, mas foi apenas o começo.

"Você é, realmente, um médico?" Paul perguntou, sua voz rouca. Ele estava tentando e não conseguindo se sentar agora. Muito fraco.

Fiz uma careta. "Sim. Eu te falei isso. Você acha que qualquer pessoa idosa pode escapar de seu crânio e enganchar você nessa merda?" Fiz um gesto para os eletrodos descartados. "É foda neurocirurgia, idiota."

"Pensei que médicos tivessem algum tipo de código. Fazer nenhum mal."

Dei-lhe um olhar incrédulo e comecei a rir. "Está falando sério? Está tentando puxar isso comigo? Você, de todas as pessoas? *Você*. Com todo o mal que fez ao mundo. Cristo, Paul. Obrigado por me dar uma boa risada."

A risada parecia assustá-lo mais, do que qualquer outra coisa que eu disse, ou fiz até agora. Suponho que isso me fez parecer completamente desequilibrado, para começar a rir durante uma situação como esta. Mas porra, a ironia não intencional de suas palavras foi, literalmente, risível.

"Vamos." Grosseiramente o peguei e o arrastei para fora da casa, para o frio cortante. Ele gritou, mas não me importei. Ninguém iria ouvi-lo.

Comprei este lugar por duas razões principais: o isolamento relativo e o antigo abrigo de precipitação nuclear, na propriedade. Os proprietários anteriores tinham construído, em algum momento, durante o auge da histeria da Guerra Fria, assumindo que todos nós seríamos bombardeados em algum momento e o abrigo subterrâneo fez a pequena prisão perfeita, uma vez que foi equipado com grossas barras de metal. Tive que fazer o trabalho sozinho, claro. Não queria atrair atenção.

Puxei Paul pelo terreno espaçoso e desci os degraus até o abrigo, depois o arrastei para a cela esquerda, o mesmo lugar em que ele dormiu todas as noites, nas últimas cinco semanas.

Nas primeiras semanas, simplesmente o deixei sozinho na cela, recusando-me a falar uma palavra para ele. Deixei comida e água, quando ele estava dormindo, então nem viu meu rosto por pelo menos duas semanas. Com pessoas comuns, esse tipo de aprisionamento sozinho poderia ser suficiente para quebrá-las. O isolamento do resto do mundo, a humilhação de ser forçada a cagar e mijar em um balde, o medo constante do desconhecido.

Mas Paul... ele era diferente. Então, foram todos os outros que eu tirei até agora. Demorou muito mais para quebrá-las, no final. Mesmo assim, tive sorte de conseguir mais de um nome deles. Eles eram todos tão leais à sua causa patética.

Paul ofegou, quando viu o que no que transformei sua cela. As paredes cinza-escuras e o piso de concreto estavam cobertos de plástico branco e no centro da sala havia uma grande mesa de cavalete de madeira, com punhos de metal em cada canto. Ao lado, havia uma caixa de ferramentas preta, contendo alguns dos meus brinquedos favoritos.

"Você vai me matar agora?" O rosto de Paul ficou pálido de terror e ele tentou lutar contra o meu aperto, enquanto eu o arrastava em direção à mesa.

"Não." *Pelo menos não neste exato momento.* Eu o prendi na mesa e prendi seus pés no final e os braços acima da cabeça, com as algemas. Ele já estava fraco demais, para continuar lutando. "É só a hora da próxima etapa."

"O que quer dizer?" Sua voz estava pouco acima de um sussurro.

"Meus pequenos exercícios de neuro-estimulação, durante a última semana... isso foi apenas o começo." Dei-lhe um sorriso desagradável. “Um gostinho de dor. Não quero fazer muito dano, antes de, realmente, entrar em coisas, não é? Cometi esse erro com o primeiro cara. Ele sangrou, antes que eu pudesse fazer uma única pergunta. Então o segundo, terceiro e quarto caras... eu cortei muitas peças deles muito cedo. Morreram de choque, antes que eu pudesse verificar se os endereços e nomes que me deram eram válidos. Claro, eles não eram. Estupidez a minha. Eu estava apenas começando, no entanto. Há uma curva de aprendizado real. Eles não ensinam essa merda na faculdade, afinal de contas.”

"Você é louco", ele murmurou.

Olhei para a sua calça cinza suja. Havia uma mancha úmida, em rápida expansão, em sua coxa esquerda e algumas gotas douradas estavam se acumulando na mesa. Suspirei. "Vou ter que limpar isso depois. Não posso acreditar que esqueci de embrulhar a mesa.”

Ele engoliu em seco. Realmente, não esqueci de envolvê-la; apenas gostei de jogar este jogo com todos. Eles sempre se sujavam, a essa altura e minhas palavras subsequentes ampliavam o puro terror que sentiam. *Vou ter que limpá-la, mais tarde.* Isso garantia que eles soubessem que suas horas foram, finalmente, numeradas, porque se não fossem, eu os faria limpar a bagunça deles sozinhos. Eles sabiam disso.

"Então, Paul", eu disse, pegando uma faca do meu kit. “É aqui que as coisas começam a ficar sérias. Já fiz algumas perguntas antes e contei o que sei. Você sempre se recusou a responder.”

"Eu te disse, nunca vou te dizer nada", ele gritou.

"Sim, sim." Acenei a faca com impaciência. Ele se encolheu. “Eu já sei tudo isso. Você prefere morrer, do que pronunciar uma palavra que possa machucar qualquer outra pessoa do seu grupo. Tão nobre. Tão corajoso. Incrível, como da mesma forma você se comportou, na verdade. Mal consegui uma palavra de qualquer um de vocês. Mas acho que não é tão surpreendente, em uma sociedade onde todos vocês se escondem em segredos e mentiras. Torna mais fácil mantê-lo fiel a toda essa merda. Têm que proteger um ao outro, certo?”

Ele não respondeu. Simplesmente olhou para mim, uma mistura de ódio e medo queimando em seus olhos.

“Veja como está, a partir de agora. Vou começar a cortar pedaços de você. Nada grande o suficiente, para causar que seu corpo entre em choque ou perca muito sangue, mas o suficiente para causar dor. A mesma dor que você já sentiu, na estimulação cerebral, só que desta vez, os riscos são maiores para você. Porque é um dano físico real agora.

Ele cuspiu em mim. "Vá se foder."

Sorri. “Vocês dizem a mesma coisa, mas todos cedem, no final. Quantas pedaços vai demorar para você, eu me pergunto? Tracei a lâmina sobre seu estômago, observando os arrepios crescerem em sua pele. “O último cara levou *dezessete*. Cortei dezessete pedacinhos dele, antes que me desse seu nome. Cara forte. Mas ele cedeu e é isso que importa. Você também vai.”

"Eu não vou."

Levantei uma palma da mão. "Olhe, sou um cara razoável. Entendo que nenhum de vocês quer ver os outros feridos. Então, tudo que estou pedindo é *um* nome. Uma pessoa para rasgar, em seguida. Se quiser cooperar e me der um conjunto completo de nomes e um endereço de HQ, por todos os meios, vá em frente. Vou verificar isso e então, farei sua morte o mais rápido e indolor possível, como recompensa. Mas se não quer fazer isso, pelo menos me dê um nome. Isso tornará as coisas muito mais rápidas e fáceis para você. Eu prometo."

"E se eu não te contar merda nenhuma?"

Dei de ombros. "Então vou continuar cortando pedaços de você, até que, finalmente, morra. Mas com o tamanho dos pedaços... hmm... pode levar semanas, antes de você ir. Semanas de queimação, cortando a agonia. Suponho que isso depende de quanto você pode tirar. Vamos descobrir, vamos?"

Coloquei a faca no tríceps esquerdo interno dele, bem perto de sua pequena tatuagem de círculo duplo preto, a marca que confirmava que eu tinha o cara certo. Ele gritou e tentou lutar contra as algemas, enquanto eu cortava um pequeno pedaço de carne.

Não havia tanto sangue, mas era o suficiente para deixá-lo babando como um bebê. "Não! Não! Eu vou te dizer um nome fodido. Por favor!"

"Sério?" Sorri e limpei a lâmina ensanguentada em um pedaço de lençol próximo. "Tão cedo? Uau. Você é mesmo um homenzinho fraco e patético. Mas eu já sabia disso, suponho, considerando as coisas que você fez."

"Por favor", ele choramingou. "Eu... eu não aguento."

Inclinei minha cabeça para o lado. "Você ficou feliz em sentir a dor profunda do cérebro, mesmo que isso fosse, tecnicamente, muito pior. Mas eu entendo. Agora, seu corpo está, realmente, sendo ameaçado. É um tipo psicológico, não é? A ameaça, de repente, parece muito mais real, quando você pode ver e cheirar o sangue."

Ele assentiu, com os olhos cheios de lágrimas. Cruzei meus braços. "Fale."

"Há um cara jovem", disse ele, em uma voz irregular. "Ele é guarda-costas e motorista, entre outras coisas. Pega as crianças, deixa-as. Esse tipo de coisa. Dan Vallone. Ele tem vinte e oito anos e mora em South Hills. Eu juro, não estou mentindo."

Fiz uma careta. "Jogando um dos soldados debaixo do ônibus, hein? Tanto por ser nobre." Eu sorri. "Mas prometi que as coisas seriam mais fáceis, se você me desse um nome, suponho, como uma boa recompensa de comportamento. Volto em breve."

Saí da cela e voltei para casa, no intuito de verificar a existência de um Dan Vallone. Não demorou muito para encontrá-lo. Vinte e oito anos e morador de South Hills,

assim como Paul me contou. Ele costumava trabalhar como segurança no escritório de advocacia de Paul, mas depois deixou o emprego, para trabalhar em um show de segurança privada, que, inexplicavelmente, pagava três vezes o salário médio de um segurança. Sim, isso parecia certo para aqueles caras. Paul estava mais do que, provavelmente, dizendo a verdade.

Não é bom o suficiente para mim, no entanto. Eu já tinha me queimado o suficiente, para saber melhor. Precisava de mais.

Peguei um dos meus telefones e gravei na cela. Paul olhou para mim com olhos assustados. "Para que é isso?"

“Preciso confirmar que ele, realmente, trabalha para sua organização. Odiaria pegar um cara aleatório, só para descobrir que ele era apenas um trabalhador servil, que não fazia ideia de nada do que você faz.

"Mas... eu não posso ligar para ele. Todo mundo sabe que estou sentindo falta agora; já faz semanas. Os policiais estarão por toda parte e rastrearão o sinal da célula ou algo assim. Eles vão te encontrar.”

"É muito bom que você esteja tão preocupado com meu bem-estar, mas já pensei nisso. Vamos mandar uma mensagem para ele, fingindo ser outra pessoa da sua organização. Alguém que eu ainda não peguei.”

"Dizendo o que?"

"Algo como: 'Sou eu, o check-in. Faz cinco semanas, desde que Halston foi levado, então, ele provavelmente já se foi. Os federais acham que foi levado por você-sabe-quem e nós achamos que eles estão certos, suspeitamos que ele está nos atacando. Eles não podem descobrir o motivo real, em nenhuma circunstância. Tenha cuidado e nos avise, imediatamente, se vir ou ouvir algo fora do comum.

“Se ele for inocente, não fará ideia do que significa a mensagem. Mas se ele sabe o que você e seus amigos fazem, no seu tempo livre e ele te ajuda com isso, provavelmente não vai achar estranho. Vai pensar que é apenas um de vocês, avisando-o para ficar de olho.”

O rosto de Paul empalideceu. Eu sabia o que estava pensando. Estava lembrando como, há poucos meses, recebeu sua própria mensagem estranha, aparentemente do nada, a mensagem que fiz minha última vítima enviar para ele, para confirmar suas atividades sombrias. Ele foi burro o suficiente para cair nisso e enviar uma resposta preocupada. E ele era um cara inteligente. Se Dan estivesse, realmente, envolvido em seu grupo, ele cairia nisso também.

Segurei o telefone. "Escreverei a mensagem obviamente, para garantir que você não tente nenhum negócio engraçado. Já tenho o número do Dan na internet. Jovens idiotas e suas mídias sociais. Agora... vamos ver o que ele diz, hein?"

Eu bati a mensagem, em seguida, cliquei em enviar. Esperamos por uma resposta em silêncio, minhas respirações calmas, contrastando com a respiração pesada e trabalhada de Paul. O telefone, finalmente, tocou.

Dan: Estamos todos tomando cuidado, senhor. Não se preocupe, ninguém tem ideia. Este é um novo número de contato?

Mandei uma mensagem de volta.

Não, isso é um pré-pago. Não queremos que esse tipo de mensagem seja rastreado. Exclua todas essas mensagens de texto, assim que terminar de ler. Eu te vejo em breve.

Joguei o telefone de lado e olhei para Paul. "Belo toquezinho no final, certo? Eu te vejo em breve. Embora eu, provavelmente, não o verei por algum tempo. Não estou pronto para ele ainda. Não por mais um mês, pelo menos. Talvez dois."

Vi um flash de esperança entrar em seus olhos. Ele pensou que eu estava lhe dando algum tipo de alívio, deixando-o viver um pouco mais, agora que ele me deu algumas informações úteis.

"Isso não significa que *você* vai ficar por aqui", eu disse, balançando a cabeça.

Seu olhar escureceu novamente. "Mas..." Antes que ele pudesse dizer outra palavra, mergulhei a faca em seu peito. Ele soltou um uivo sobrenatural, seus gritos ecoando pelas salas subterrâneas.

"Tudo bem, vai ser rápido, em comparação com os outros, confie em mim", gritei sobre a raquete. “Prometi a você mais cedo. Não sou um monstro completo.”

Ele continuou gritando e gritando. Eu não tinha certeza se ele poderia registrar minhas palavras, mas continuei falando, enquanto terminava de cortar seu peito, expondo o coração dentro da caixa torácica.

"Na verdade não somos tão diferentes, Paul." Abaixei a faca e peguei minhas tesouras de osso, abrindo rapidamente as costelas. “Nós temos uma escuridão, em algum lugar dentro de nós e essa escuridão sempre se insinua em nossas vidas, eventualmente. Você não pode parar isso. E não pode impedir que isso aconteça em todos os lugares.” Movi a faca para cima e cortei sua carótida, calmamente assistindo o sangue jorrar em torrentes, sobre a cobertura de plástico. “Mas sua escuridão é pior. Muito pior."

Ele não merecia a morte rápida, mas foi, de todas as minhas vítimas até agora, o mais bem-comportado e ele quebrou rapidamente. Uma promessa era uma promessa.

“Por que… por que agora? Você disse... não aqui... outro mês...” De alguma forma ele conseguiu sufocar as palavras através da dor e do spray arterial implacável. A luz estava drenando rapidamente de seus olhos.

Eu sorri. "Porque eu disse. “É hora de alguém novo. Hora de abrir espaço para Celeste.

7

CELESTE

"Essa é a última caixa, certo?" Minha amiga Samara enxugou a testa com as costas da mão, em seguida, alisou seus cachos escuros.

Assenti. "Sim. Muito obrigada por vir ajudar."

Estávamos na casa dos meus pais em Fox Chapel, arrumando o porão. A propriedade estava à venda desde a morte de mamãe, oito meses atrás, sem oferta de nenhum comprador em potencial. O agente havia sugerido, meses atrás, que eu viesse e transferisse algumas das coisas velhas para o porão, apenas para o caso de alguém estar interessado em olhar o local, mas eu só consegui fazer isso agora.

Considerando a localização relativamente prestigiada, em Riding Trail Lane, a propriedade valeu a pena um pedaço justo de mudança. A casa é um grande edifício colonial de tijolos vermelhos de dois andares, com uma porta de pedra calcária em arco, janelas com persianas cinza e altas chaminés de tijolos. A casa de contos de fadas perfeita. Foi colocada longe da estrada, no final de uma longa estrada sinuosa, cercada de gramado, árvores e arbustos. Na parte de trás havia um quintal espaçoso, cercado de arbustos de arborvitae e pinheiros altos. Além disso, havia uma reserva natural, repleta de mais árvores, flores e trilhas para caminhada.

Era um lugar lindo para se viver, especialmente para uma garota jovem e imaginativa. Era uma vez, eu adorei. Infelizmente, não foi surpresa que ninguém mais quisesse, inclusive eu, considerando o que aconteceu aqui, quando eu era jovem.

Flashes de sangue na neve, lá fora, apareceram em minha mente. Então, outra memória: uma sombra escura, desaparecendo em um bosque de árvores, atrás da casa. Empurrei os pensamentos para longe e sorri para Samara.

Ela piscou. "Sem problemas. Eu quase nunca vejo você nesses dias. Além do mais, não há como poder carregar toda essa porcaria, com suas costas do jeito que está." Ela levantou as sobrancelhas, em uma expressão simpática e me estudou com cuidado, os olhos escuros brilhando de preocupação. "Você está fazendo todas as coisas da fisioterapia, certo?"

"Sim todo dia. Ainda dói, mas está ficando um pouco melhor, eu acho."

Seus ombros caíram e ela suspirou. "Odeio vê-la passar por isso. É horrível."

"Eu sei. Desculpe-me, tenho sido uma amiga de merda para todos, desde que começou."

Os olhos de Samara se arregalaram. "Não! Isso não foi o que eu quis dizer, Celeste, você esteve em agonia. Estamos todos preocupados, isso é tudo. Nós, dificilmente, conseguimos vê-la. Mas sabemos que não é sua culpa. Se qualquer coisa, nós deveríamos vir vê-la mais em seu lugar, em vez de tentar fazer você sair."

Eu sorri gentilmente. "Meu lugar é uma merda."

"Bem, eu gostaria que você pegasse um pouco dessa mobília antiga e a usasse", ela respondeu, gesticulando ao nosso redor. O porão estava cheio de velhas cadeiras, mesas de café e itens semelhantes. "Não adianta apenas sentar aqui, então, pelo menos sua casa se sentiria mais 'caseira'".

Pressionei meus lábios, em um sorriso irônico. Ela estava certa. Meu minúsculo bangalô de artesã, na cidade, tinha quase nada. Minha sala de estar nem sequer tinha um sofá, muito menos uma TV, ou qualquer outro aparato normal. Tudo o que tinha era uma pequena mesa, onde eu mantinha meu laptop, quando não estava no meu quarto e algumas fotos e outras lembranças na lareira.

O lugar era antigo e degradado, mas, pelo menos eu tinha uma quantidade decente de privacidade. Meu único vizinho próximo era Cora, a velhinha simpática e o resto da propriedade estava cercada por arbustos, árvores e gramados de lotes vagos.

"Acho que só queria que meu lugar fosse todo meu. Nenhuma lembrança deste lugar" eu disse. "Mesmo se sou pobre de terra.

Samara assentiu devagar. "Oh sim. Eu entendi, “ela disse suavemente.

De todos os meus amigos, foi a única que conhecia todos os detalhes da minha vida. Contei tudo a ela e sempre fez o que pôde para me ajudar. Quando eu tinha dezesseis anos e não conseguia mais lidar com o alcoolismo da minha mãe (e comportamento terrível subsequente), ela convenceu seus pais a me deixar ficar com eles, até terminar a escola, para que eu pudesse sair desta casa, com toda a sua toxicidade. Depois disso, tive que sair, pois seus pais decidiram se mudar, quando ela começou a faculdade, mas Samara ainda estava sempre lá para me ajudar a sobreviver, quando eu trabalhava em empregos ruins e vivia em apartamentos ainda piores.

Seu rosto, de repente, iluminou-se. "Espere, você não estava dizendo no outro dia que consegue seu fundo em breve? Como… amanhã?”

Sorri. "Sim. E a primeira coisa que vou fazer é levá-la a um jantar grande e caro, para agradecer.”

Ela bufou. “Duvido que nós tenhamos a energia para o jantar amanhã, depois da noite. Falando nisso...” Ela verificou seu relógio de pulso. “É melhor ir embora. As garotas e eu temos algumas coisas de última hora para montar.”

"Ainda não consigo acreditar que você está me dando uma festa."

"Não posso acreditar, que você não pode acreditar. Eu te forço a celebrar seu aniversário todos os anos!”

"É verdade", admiti. Inclinei minha cabeça para o lado. "Então, nem vai me dar uma dica sobre o que estamos fazendo hoje à noite?"

Ela sorriu e balançou a cabeça, os olhos castanhos brilhando. “Não, a localização é uma surpresa. Quando você chegar na minha casa, mais tarde, vou vendá-la e levá-la para a festa. Você vai amar."

"Mal posso esperar." sorri. Meus ombros iam doer horrivelmente, depois de passar uma noite inteira com meus amigos, mas valeria a pena. “De qualquer forma, obrigada novamente, por me ajudar com todas essas coisas. Eu agradeço."

"É legal. Não deveria estar fazendo isso no seu aniversário, você sabe!" Ela pegou sua bolsa e tirou as chaves do carro. "Tudo bem, até as sete."

Ela piscou e subiu as escadas do porão. Ouvi o carro dela saindo, alguns minutos depois.

Agarrando minha jaqueta rosa bebê, que pendurei sobre uma cadeira mais cedo e finalmente, saí do porão também. Distraidamente trilhei meus dedos sobre uma parede, então decidi sair no quintal, para ver como o jardim estava se saindo, com o tempo atual. Assim como no ano passado, o frio havia começado muito antes do que o normal e, embora fosse apenas em meados de outubro, os terrenos do lado de fora estavam cobertos de neve branca.

Enquanto muitas plantas murcham em climas gelados, nosso quintal sempre funcionou muito bem. Um determinado arbusto florido, que produzia camélias rosa claro, havia sido plantado há mais de vinte anos, bem antes de eu nascer e as flores vinham todos os anos. Meu pai uma vez me disse que a maioria dos tipos de camélias não poderia sobreviver tão longe dos estados do sul, mas a variedade específica que ele plantou aqui, era resistente ao inverno e sobreviveu até mesmo às temperaturas mais severas. Todos os anos, mesmo quando a neve descia em grossos montes, aquelas lindas flores cor-de-rosa e seus densos arbustos verdes permaneciam vivos, determinados e resilientes. Elas alegravam até os dias de inverno mais cinzentos e mais sombrios.

Meu pai costumava me chamar de sua Pequena Flor e eu sabia que ele arranjou esse apelido, quando me viu admirando as lindas camélias. Eu tinha quatro anos. Acho que ele achava que eu era parecida com as flores, forte e determinada, cheia de vida e energia.

Oh, daria tudo para ser criança de novo. Para ser uma pequena flor.

Sorri e estendi a mão, para tocar uma das camélias, meus dedos arrastando sobre as pétalas de seda. Uma mão grande e firme desceu no meu ombro direito, um momento depois. Gritei e girei, meu coração batendo como um louco.

“Celeste, sou só eu! Desculpe te assustar. A neve deve ter mascarado nossos passos.”

Coloquei minha mão esquerda sobre o peito, respirando fundo, enquanto me recuperava do susto. Era apenas nosso velho vizinho, Bill e seu labrador dourado. Chamá-lo de vizinho, provavelmente, era um pouco exagerado, considerando que ele morava a alguns quilômetros de distância, mas visitava muito meus pais, no passado, já que ele gostava de meu pai. Era um velho doce de cabelos brancos e pele envelhecida, que enrugava ainda mais, quando sorria.

Sempre suspeitei que Bill tinha uma pequena paixão por minha mãe, porque ele passou muitos dias cuidando do nosso jardim, depois que meu pai morreu, certificando-se de que tudo sobreviveu. Alegou que era só porque ele tinha um polegar verde - e para ser justa, ele tinha - mas pareceu óbvio para mim que ele gostava da minha mãe e estava preocupado com ela, especialmente depois que a bebida ficou muito ruim. Ela nunca retornou seu afeto, no entanto.

"Não, desculpe-me, eu não estava prestando atenção em nenhum som", disse, sorrindo brilhantemente. enquanto me ajoelhava, para acariciar seu cachorro. "Deus, ela deve estar bem velha."

Ele assentiu. “A menina tem dezesseis anos agora. Ainda tão energética, como sempre. Labrador típico.’’

Dei a ela outro tapinha, então me levantei novamente. "Como você tem estado?"

"Não posso reclamar." Ele provavelmente estava certo sobre isso - mesmo que parecesse viver uma vida bem simples, eu sabia que era, realmente, super rico. Mamãe me disse uma vez que ele possuía quatro casas gigantescas. *Quatro*. E isso foi apenas nesse estado. Acho que não havia muito a reclamar, quando você poderia, praticamente, comprar o mundo. “Eu virei, porque estava andando com Luna e vi seu carro na garagem. Pensei em ver como você está.’’

"Acabei de guardar algumas coisas na casa. O agente disse que eu deveria fazer isso, se quisesse ter uma esperança de ser vendida.’’

Bill assentiu devagar e suspirou. "Será um dia triste, quando vender. Seu pai era um bom homem. Melhor chefe que já tivemos. Vai ser uma pena ver esta casa ir para outra família, depois de todos esses anos."

Claro, eu entendo porque.

"Sim". Dei-lhe um sorriso apertado. "Vejo que você ainda vem aqui e ajuda com o jardim, no entanto. Tudo parece bonito e aparado.''

"Sim, eu tenho, embora possa precisar voltar em breve. Há algumas folhas mortas lá, embaixo das flores. Mas não me importo de fazer isso. Luna sempre amou este quintal." Ele piscou, depois acariciou a cabeça de seu cachorro. "De qualquer forma, vou deixar você para isso. Prazer em te ver, Celeste.''

"Você também."

Ele começou a se afastar, depois parou e retornou. "Na verdade, se não estiver muito ocupada, mais tarde, deve ir ao meu lugar, para um café rápido. Eu estava olhando algumas caixas velhas, na outra noite e encontrei algumas fotos legais de seus pais, quando eles eram jovens. Algumas fotos de férias, até algumas fotos de festa. Pensei que você poderia gostar delas.''

"Oh, isso seria ótimo. Terminarei aqui e depois voltarei para sua casa em cerca de uma hora, se estiver bem?''

"Claro. Vejo você então."

Ele saiu do quintal e eu voltei para dentro. Depois de passar uns quinze minutos cuidando de um armário de roupas de cama, no primeiro andar, parei e franzi a testa. Eu poderia jurar que ouvi um gato miando, de algum lugar próximo.

Não ouvi nada por um minuto, mas, de repente, ouvi de novo. Soava como se estivesse vindo de algum lugar nos fundos.

Fui para fora e caminhei lentamente em direção ao som, meu coração batendo forte. A pobre criatura parecia estar com dor. Gatos eram meus animais favoritos, então, se um gatinho ferido estivesse em algum lugar na propriedade, eu queria ajudar.

"Mrr-ow!"

O som lamentável veio novamente, de algum lugar perto dos arbustos de camélia. Corri em direção a eles e me ajoelhei. Talvez o gato estivesse, de alguma forma, preso no mato ou congelado no chão. "Tudo bem, baby, estou vindo para ajudar", eu disse em uma voz suave. "Onde está você?"

Houve outro miau, ainda mais perto, mas desta vez soou um pouco estranho. Quase metálico. Com uma carranca, comecei a cavar as folhas mortas, que haviam se recolhido abaixo dos arbustos. Havia uma camélia rosa depenada, deitada ali perto, em cima de uma fina camada de neve. Não me lembro de ter visto isso antes, mas peguei e continuei olhando ao redor da folhagem com a mão direita.

Minha respiração engatou no peito, quando toquei algo duro e tirei algum tipo de dispositivo de gravação preto. O gravador "miou" em mim e meu coração começou a bater dolorosamente no peito, quando percebi que alguém tinha me atraído para cá, usando meu amor por gatos contra mim. Talvez tenha sido uma piada, tudo parte da minha surpresa de aniversário dos meus amigos, mas não foi engraçado. Saltei da minha posição agachada, com a intenção de correr de volta para dentro.

Eu não cheguei a fazer isso. Nem tive a chance de me virar.

Alguém me agarrou por trás e fechou a mão enluvada na minha boca, puxando-me com força contra o peito. Ao mesmo tempo, a outra mão veio em minha direção, apontando uma agulha no meu pescoço. Doeu como o inferno, mas não consegui gritar. O que quer que estivesse na agulha, entrou no meu sistema e me atingiu imediatamente e então, minha mente girou, caindo com o meu corpo.

Meus olhos se esforçaram para permanecer abertos, enquanto eu batia na neve. Mal registrei a camélia caindo da minha mão, mas eu podia vê-la no chão, ao lado do meu rosto. Tão perto que poderia alcançá-la e pegá-la, se eu tivesse um pingo de energia. Mas não fiz.

Meus olhos se fecharam, depois se abriram novamente, enquanto eu lutava como uma louca, contra a droga correndo pelo meu sistema. Vi flashes de flocos de neve e folhas mortas, bem na minha cabeça e vi uma bota preta, esmagando as delicadas pétalas cor-de-rosa da minha flor.

Então, só vi a escuridão.

8

CELESTE

Acordei ao som do trânsito e das colisões duras na estrada.

Eu não conseguia ver nada, além da escuridão. O pânico e o medo atingiram-me, inundando-me com adrenalina e tentei gritar, mas meus lábios estavam fechados, com o que parecia ser uma fita adesiva. Tudo o que pude fazer foi dar gemidos fracos pelo nariz. Tentei me mover mas, rapidamente, percebi que não poderia fazer isso também. Minhas mãos e pernas estavam amarradas com uma corda grossa e, quando tentei manobrar meu corpo, apesar das amarras, bati imediatamente em algo. Eu estava presa. Confinada em um porta-malas, muito provavelmente, considerando os sons que eu ouvia.

Minha pele se arrepiou, quando me lembrei de alguém apontando uma agulha no meu pescoço e fiquei impressionada. com vontade de estender a mão e esfregar a área dolorida. Mas não pude, claro.

Minha respiração começou a aparecer em breves e abruptas explosões, enquanto um gosto acobreado enchia minha boca. A náusea fez meu estômago revirar e minha cabeça trovejou, com uma dor que combinava com a pior gripe que já tive. Tentei a técnica do meu terapeuta de respirar profundamente, para aliviar meu pânico, mas foi difícil fazê-lo corretamente, nesta posição apertada e enrolada.

Por que diabos eu estava aqui? Quem fez isso comigo?

Tudo o que conseguia pensar era que talvez isso fizesse parte do esquema de aniversário de Samara. Ela mencionou, anteriormente, que pretendia me vendar, de modo que eu não pudesse ver para onde iríamos, quando fossemos para minha festa, então, seria uma grande surpresa para mim quando, finalmente, ela me deixasse ver a localização. Mas eu não estava vendada e a maneira como eu tinha sido drogada e

enfiada nesse baú não era algo que Samara faria. Talvez ela tenha perguntado a alguns outros amigos para fazer um falso rapto, como uma brincadeira e eles levaram isso longe demais.

Descartei esse pensamento tão rapidamente, quanto me ocorreu. Que tipo de pessoa faria isso como uma piada? Apenas um psicopata. Além disso, Samara era uma aberração total no controle - ela nunca delegava tarefas importantes a qualquer outra pessoa. E, certamente, não deixaria isso acontecer comigo.

O carro continuou se movendo, acelerando, ao longo da estrada em que estava. Meus olhos estavam começando a se ajustar à escuridão e foi o suficiente para confirmar que estava, de fato, em um baú.

Gemi pelo nariz, novamente, quando outra onda de náusea rolou através de mim. Qualquer droga que me foi administrada, veio com efeitos colaterais terríveis. Eu queria vomitar, mas a fita impediria que ela fosse para qualquer lugar, então, tive que impedir que ela subisse pela minha garganta, para que eu não acabasse engasgando.

Deitei-me, apertando os olhos, enquanto minha mente girava, tentando descobrir por que isso estava acontecendo comigo e quanto tempo levaria para as pessoas sentirem minha falta. Eu não tinha certeza de quanto tempo havia passado, desde que fui tirada do quintal, mas Bill estava me esperando para tomar café, em sua casa e Samara estava aguardando que aparecesse na casa dela às sete, para as comemorações do meu aniversário. As pessoas saberiam que eu estava desaparecida muito em breve, se elas não tivessem percebido.

Um estrondo de trovão ecoou em cima e eu pensei no boletim meteorológico desta manhã. *Chuva no início da tarde, possíveis tempestades, limpando no meio da noite.* Já era tarde, quando saí mais cedo, o que significava que não passara muito tempo.

O carro passou por mais um obstáculo na estrada e eu, imediatamente, animei-me. Eu sabia onde estávamos. Acabamos de passar por três buracos de chocalhos de dentes, em curta sucessão, depois um quarto, alguns segundos depois. Deus abençoe Pittsburgh e suas estradas ruins - poderia dizer, pelo padrão chato, que estávamos na avenida Dallas, não longe de Point Breeze. Eu costumava dirigir daquele jeito todos os

dias, quando ainda estava correndo e aqueles buracos me irritavam todo dia também. Agora, estava grata por eles, porque me orientaram. Nós estávamos na cidade, indo para o norte.

Talvez tudo isso *fosse* parte de uma brincadeira. Era o caminho de volta para minha casa, afinal, talvez Samara e os outros tivessem achado que eu acharia engraçado, por algum motivo estranho. Sim, tinha que ser isso. Isso tudo foi uma brincadeira idiota e eu estaria em casa, a qualquer momento.

Meu humor positivo evaporou, rapidamente, quando atingimos outro conjunto de buracos. Não estavamos em Dallas, os outros devem ter sido apenas uma coincidência. Nós, definitivamente, não estávamos onde eu pensava que estávamos. Foi apenas um desejo ilusório; minha mente se agarra a canudos, para impedir o pânico de entrar.

Nós poderíamos estar em qualquer lugar.

Minhas esperanças de segurança se precipitaram, soltei um soluço, tanto quanto pude, considerando a fita colada sobre minha boca. Então comecei a chutar minhas pernas em pura frustração. Mesmo que elas estivessem unidas, se eu as forçasse para fora, em um certo ângulo, eu poderia esmagá-las contra parte do tronco, criando um ruído estridente.

Funcionou. O carro parou apenas momentos depois e ouvi passos pesados aproximando-se das costas. O terror circulou meu estômago, arrepiando-me até o meu núcleo e eu me perguntei por que eu achei que era uma boa ideia atrair a atenção do meu sequestrador desse jeito. *Idiota*.

O porta-malas se abriu e eu estava quase cega pelo céu da tarde cinza-claro. O ar parecia cintilar, como se estivesse prestes a chover e nuvens espessas obscureciam o sol. Mesmo que fosse triste, ainda era muito mais brilhante do que a escuridão do tronco e meus olhos levaram um momento para se ajustar.

Quando eles conseguiram, finalmente vislumbrei meu captor. *Não, ele não. Não pode ser ele.* Eu não o conhecia, mas ele era bonito; impossivelmente assim. Muito bonito, para fazer algo assim. Ninguém tão lindo poderia ser um monstro. Seus olhos eram de um profundo e cativante azul e ele era alto e musculoso, com uma mandíbula

firme e sobrancelhas pesadas. Cabelos escuros e grossos, agitados pelo vento. Ele deveria ser um modelo, em uma campanha de moda masculina, não raptando mulheres jovens de jardins.

Mas ele fez exatamente isso. Levou-me.

Soltei outro gemido, quando os pensamentos processaram em minha mente. Tive que fazer uma aula de introdução psicológica, uma vez, como parte do meu curso de criminologia e me lembrei de aprender sobre algo chamado o efeito Halo. Foi um viés cognitivo, que envolveu pessoas naturalmente tendendo a supor que, se alguém fosse bem preparado e atraente, seria uma boa pessoa. Todos sabíamos que isso não era verdade, mas, ao mesmo tempo, não conseguimos impedir que nossas mentes subconscientes saltassem, imediatamente, para essas suposições.

Meu corpo foi, subitamente, atormentado por um medo arrepiante. Este homem, deslumbrante como era, poderia conseguir qualquer mulher que quisesse para um encontro. Deve haver algo mais que ele queria, que não pudesse obter de um simples jantar e vinho. Algo terrível. Algo predatório. Minha mente, imediatamente, encheu-se com imagens do meu corpo amarrado a uma árvore, sendo usado como prática de alvo. Cortado e embrulhado em plástico. Colocado em banho de ácido.

O homem sorriu para mim. Não, não um sorriso - era superior, confiante, presunçoso. Um sorriso cruel. "Você está fazendo barulho", ele disse suavemente. “Mas não há ninguém aqui fora. Você está desperdiçando sua energia.”

Quando ouvi sua voz, uma sensação avassaladora de déjà vu tomou conta de mim. Eu já vi esse homem antes, ouvi sua voz antes... mas onde? Minha mente estava muito tonta das drogas, para vasculhar cada memória e lembrar exatamente onde eu o encontrei. Balancei a cabeça e gemi, tentando falar através da fita. "Piiissh ..."

Ele inclinou a cabeça para o lado. "Por favor?"

Balancei a cabeça, freneticamente. Certamente, isso foi algum tipo de mal-entendido. Ele poderia ser um agente do governo e foi enviado para prender um perigoso alvo terrorista. Ele, de alguma forma, confundiu essa pessoa comigo e fui levada como um erro.

Sim, foi tudo um erro terrível e ele ia me deixar ir. Ele tinha que.

Por favor, por favor, por favor.

O homem sorriu novamente. "Você é mais forte do que eu pensava. Você precisa mais disso do que calculei."

Ele enfiou a mão no bolso da jaqueta preta, retirando uma agulha hipodérmica. Eu gritei internamente e meus olhos se arregalaram, quando o desespero desabou sobre mim. O lindo estranho inclinou-se e enfiou a agulha no meu pescoço, novamente. "Feliz aniversário, Celeste", ele sussurrou.

Meu corpo inteiro ficou entorpecido e fraco, e eu, vagamente, perguntei-me sobre o meu captor, novamente. Onde diabos eu o vi antes? Oh… talvez… talvez fosse…

Então as drogas entraram em vigor, novamente e me lavaram em uma onda de negação fria e confusa.

9

CELESTE

EU ESTAVA ACORDADA DE NOVO.

Desta vez eu estava solta e em uma cama. Bem, uma cama de armar, mais parecido. Era uma estrutura estreita de metal, coberta por um colchão fino, com um cobertor áspero.

Minha cabeça latejava e os ombros ardiam de agonia. Sentei-me e olhei ao redor com os olhos pesados, estava em algum tipo de quarto. Cela, provavelmente, seria uma descrição melhor, pois tudo era cinza, o chão, o teto, as paredes de tijolos, até a cama desconfortável.

Tudo cinza. Tudo deprimente.

Havia uma luz antiga, pendurada no alto e, embora estivesse fraca, minha cabeça doía. Estremecendo, esfreguei as têmporas e me levantei. Minhas pernas estavam bambas, o corpo ainda sentindo os efeitos da droga que meu captor me deu. Calmante animal, sem dúvida.

O gosto indesejado do medo arranhou minha garganta, enquanto eu olhava para o lado esquerdo da sala, para ver um conjunto de barras. Sim, esta, definitivamente, era uma cela. Eu não tinha notado isso antes - minha mente estava tão nebulosa -, mas havia uma bandeja, do meu lado das barras. Fui até lá e me agachei. Segurei um copo plástico com água, uma pequena tigela do que parecia ser muesli, quatro cápsulas de Lyrica, ainda lacradas na cartela prateada e uma nota com instruções.

1. Tome seus analgésicos
2. Coma

3. Faça seus exercícios

4. Beba

Fiz uma careta, quando li a nota, em seguida, deixei cair, como se estivesse pegando fogo. O que diabos estava acontecendo? Como, diabos, esse cara sabia que medicação estava tomando e como ele sabia que eu tinha exercícios de fisioterapia para completar, todos os dias? Por que ele se importava? Foi tudo parte de algum jogo de psicopata bagunçado, onde ele me fez pensar que se importava comigo um pouco, apenas para despir essa pequena esperança, quando me estuprasse e me assassinasse? Suponho que isso poderia ser divertido para uma pessoa fodida. Quem, diabos, ele era?

Minha mente voltou para todas as vezes em que pensei que sentia alguém me observando, quando fazia meus negócios diários. Costumava pensar que eu era paranoica, os cabelos, na parte de trás do meu pescoço subindo, sem motivo, mas agora percebi que meus instintos podem ter estado certos o tempo todo. Alguém havia me observado. Alguém havia decidido levar-me. Esse mesmo alguém me viu tomar o remédio, viu-me ir aos meus compromissos.

Tentei lembrar onde vi meu captor antes, sem sucesso. Ainda me sentia muito tonta para lembrar de qualquer coisa.

olhei para as barras, novamente. Havia uma porta, trancada, obviamente e, além disso e do resto das barras, havia uma passagem estreita entre meu quarto e outra cela menor, do outro lado, bem na minha frente. A passagem devia ser o caminho de entrada e saída desta prisão, e a porta tinha de estar à minha esquerda porque, quando estiquei o pescoço, pude ver os degraus que conduziam à escuridão, daquele lado. À direita, não havia nada, além de uma parede, no final da passagem.

"Ei! Ei!" Gritei, minha voz ecoando nos pequenos recintos.

Sem resposta.

"O que quer de mim?" Gritei de novo, batendo minhas mãos nas barras. "Você me trouxe, sério, para me forçar a fazer a porra do exercício?"

Nada.

Continuei, assim mesmo. Gritei e gritei, até que minha voz estava rouca e minha garganta seca e dolorida.

Ninguém veio.

Finalmente, desisti disso e olhei em volta, novamente. Do outro lado da cama havia uma espécie de ralo, com um pacote de plástico com toalhinhas umedecidas nas proximidades. Acho que era onde eu deveria ir para minhas necessidades fisiológicas. Sem gabinete, sem descarga, apenas um buraco no chão.

Engolindo em seco, ao pensar em alguém me vendo fazer algo tão particular, comecei a caçar, para ver se havia alguma câmera. Fazia sentido que um captor psicopata instalasse pequenos dispositivos de vigilância, para me observar e analisar meu comportamento e atividades. Além disso, para ter certeza de que não tentaria escapar. Mas não havia nenhum. Eu estava sozinha aqui, deixada aos meus próprios cuidados.

De alguma forma, seria melhor se houvesse câmeras observando-me. Pelo menos então, eu poderia me divertir, tentando irritar meu captor. Mostrar o dedo para a câmera. Gritar e xingá-lo. Mostrar a bunda pra ele. Pequenos atos de rebelião, para fazê-lo ver que eu não desistiria sem lutar. Mas não havia nada. Agora que ele me tinha, não estava mais me observando. Jogou-me na cela e me deixou sozinha.

Não tenho certeza de quanto tempo estava aqui. Não havia janelas para ver que hora do dia era e, considerando como ele me deu uma dose, aparentemente, maior da droga, na segunda vez que me espetou com aquela agulha, qualquer quantidade de tempo poderia ter passado. Pode ter sido duas horas ou dois dias. Não havia como saber.

Sentei-me na cama, ignorando a comida e a água, por enquanto. Pensamentos horríveis encheram meu cérebro, enquanto eu imaginava o que poderia ser feito para mim nesta cela. Não importa o quanto tentei afastá-los, não pude. Eu estava presa aqui sem escapatória.

A menos que….

Talvez isso tenha sido um teste. Um jogo. Talvez houvesse algum modo secreto de sair deste lugar e eu deveria encontrá-lo. Pulei de pé e comecei a procurar em todos os lugares na sala, novamente, batendo nas paredes e em todas as partes do chão por qualquer coisa que soasse diferente para o resto. Debaixo da cama, atrás da grade... em todo lugar.

Com um suspiro derrotado, sentei-me novamente, depois de passar pela cela pelo menos quinze vezes. Não havia nada. O lugar era uma fortaleza inescapável. Também estava estranhamente quente, considerando o clima recente.

Um pensamento assustador ocorreu-me, de repente. Devo estar no subsolo. Havia algum tipo de ventilação no teto baixo, mas parecia ser apenas por ar, porque eu não sentia nenhum calor soprando e não havia nenhum outro tipo de sistema de aquecimento, por perto. Era sempre um pouco mais quente no subsolo, até onde eu sabia. Além disso, ecoou alto, quando eu gritei antes, assim como fiz, quando visitei um conjunto de cavernas subterrâneas, anos atrás, em uma excursão escolar.

Ao perceber que poderia estar no subsolo, o peso total da minha situação desabou sobre mim, fazendo-me sentir como se as próprias paredes desta cela estivessem desmoronando. Eu estava presa tão longe de outras pessoas, que ninguém jamais iria me ouvir, não importa o quão alto eu gritasse. Ninguém, além de meu sequestrador, que não parecia se importar.

Enrolando-me na cama e tentando ignorar a dor nas costas, tentei pensar por que esse homem me levara. De todos os outros no mundo, por que eu? Havia algo em particular em mim, que gritava "vítima"? Não foi como se eu tivesse sido tirada das ruas, aleatoriamente, por algum bandido. Não, esse homem, esse indivíduo insano, atacou-me, perseguiu-me.

Escolheu-me.

Continuei rebobinando minhas ações, nas últimas semanas, separando-as, enquanto tentava pensar no que eu poderia ter feito diferente. Todas as coisas que eu poderia ter feito, para evitar isso. Ficava pensando no quintal dos meus pais e, como deixei minha

guarda lá fora. Pensei que longe da cidade seria seguro o suficiente para eu fazer isso, mas, obviamente, não era.

Minha culpa.

Rapidamente, descartei o pensamento. Não me fez bem pensar assim. Meu captor me escolheu e isso significava que ele teria me pegado, de qualquer maneira. Eu não poderia estar sempre em estado de alerta, e mesmo que estivesse na propriedade de meus pais, haveria outro momento desprotegido, em outra ocasião. Ele teria me levado, eventualmente.

Fiquei na cama, pensando e pensando. Perguntas passaram por mim, em uma torrente implacável. Quanto tempo meu captor perseguiu-me? Semanas, meses... anos? Ele entrou na minha casa, passou pelas minhas coisas? Já me ligou, depois desligou, apenas para ouvir minha voz e sentir algum tipo de emoção?

E mais uma vez, porque eu?

Eu podia sentir os minutos passando devagar, tão devagar. Mesmo que não estivesse ansiosa pela chegada do meu captor, parte de mim queria que ele aparecesse, apenas para que algo acontecesse. Era tão chato sentar aqui sem estímulo algum. Sem livros, sem TV, sem música. Nada além da minha mente, para me manter ocupada.

Depois do que poderia ter sido duas horas ou dez horas, finalmente, parei de novo. Tomei os analgésicos, depois desci no duro chão cinza e fiz meus exercícios de fisioterapia. Fiz por ser algo para fazer, não porque a nota dizia para fazer isso. Então comi o muesli sem graça, porque estava com fome, não porque o bilhete dizia para comer. Eu nunca faria o que este psicopata me mandou, não importa quem ele fosse.

Depois de beber a água estragada, precisava fazer xixi. Com minhas bochechas em chamas, abaixei as calças e me agachei sobre a grade, para fazer meu negócio. Mesmo sabendo que ninguém estava me observando, isso me fez estremecer, de qualquer maneira. Era embaraçoso e desumano ser forçada a ir ao banheiro assim. Como se eu não fosse nada, além de um animal.

Minha mente voltou para uma das minhas palestras de criminologia, quando tivemos que aprender sobre como os sequestradores quebraram seus prisioneiros. Os primeiros passos envolveram confiscar a vítima e isolá-la o mais rápido possível. Siga isso com degradação e humilhação, em um ambiente semelhante ao de uma cela, o que ampliou a sensação de vulnerabilidade da vítima.

Isso é o que meu sequestrador estava fazendo comigo, quebrando-me. Fez tudo isso, ou pelo menos o começo disso e estava tornando-me dependente dele para sobreviver, ao mesmo tempo. Ele era o único que poderia me trazer comida, água e analgésicos, afinal. Por mais doente que estivesse, precisava dele, agora que estava aqui, ou morreria. Embora eu possa morrer, de qualquer maneira. Ainda não sei por que estou aqui.

Por tudo que eu sabia, poderia ser morta amanhã.

Enrolei-me na cama, novamente, minhas pálpebras ficando pesadas e meus membros ficando fracos e gelatinosos. Provavelmente, ainda tinha algumas drogas no meu sistema. Fechando os olhos, continuei a pensar na última palestra e em como o professor mudou para a síndrome de Estocolmo, em situações de reféns. Algumas vítimas dessas situações começam a se sentir positivamente, por seus captores e até mesmo a defendê-los.

Foi um mecanismo de enfrentamento e uma técnica de sobrevivência. Mesmo se você soubesse que estava chegando, não poderia parar, não importa o quanto tentasse. Seu cérebro poderia e iria trair você. Até pode achar que foi sua decisão. De certa forma, em um jeito realmente fodido, seria. Foi seu próprio cérebro tomando a decisão, afinal, em uma tentativa de salvá-la do perigo.

Um soluço sufocado escapou da minha boca. Eu não queria sentir nada pelo meu captor, além do ódio pelo que ele fez comigo.

Com esses pensamentos ainda girando em torno de minha mente, voltei a dormir na cama de armar, cansada demais para manter os olhos abertos por mais tempo. Com alguma sorte, acordaria na minha própria cama amanhã e o homem, a sala subterrânea dura e todos os tons de cinza opaco seriam nada mais que um terrível pesadelo.

10

CELESTE

Eu estava naquele corredor opulento, novamente, em pé, na frente das portas duplas. Minha respiração engatou no meu peito, enquanto me perguntava o que estava além delas. O corredor e as portas eram tão claras, tão vivas, mas eu não fazia ideia do que acontecia por trás de tudo. Tudo que sabia, com certeza, era que eu tinha estado aqui muitas vezes. Ainda assim, o outro lado permaneceu embaçado. Fora do alcance.

As mãos pertencentes a uma pessoa invisível tocavam as alças, abrindo as portas muito lentamente. Logo antes que eu pudesse ver além sala, tudo ficou preto e eu despertei.

Por um segundo, naquele estado semi-coerente de despertar, achei que estava em casa, quente e aconchegante, em minha cama. Então, a neblina sonhadora transformou-se em realidade fria e dura, quando senti a coceira da textura da manta de cama e o fogo entre minhas omoplatas, quando o habitual desconforto nervoso instalou-se, mais agonizante do que nunca. Os médicos disseram-me que o estresse piorou minha dor, aumentando a sensibilidade dos nervos e eles não estavam errados.

Era impossível não ficar estressada, no entanto. Fiquei presa nessa cela cinza e úmida, por seis dias agora. Pelo menos é o que eu tive que presumir, do número de vezes que acordei com mais comida, água e pílulas, com a mesma nota de instruções.

Eu estava suja, cansada e prestes a desistir. No segundo dia, usei minha unha direita para arranhar uma marca em um tijolo, na parede do outro lado da sala. Demorou um pouco para fazer e era pouco visível, mas eu queria acompanhar os dias, se possível. Fiz isso no dia seguinte também, mas quando acordei no dia seguinte, se foi no dia seguinte, perdi rapidamente a noção do tempo e as marcas desapareceram.

Cuidadosamente desbastado da parede. Eu também sabia porquê. Meu captor queria que eu não tivesse noção do tempo, queria que começasse a perder a cabeça.

Realmente, senti que estava começando a fazer exatamente isso.

Eu me perguntei, pelo que, provavelmente, foi a milionésima vez, desde que cheguei aqui, quantas pessoas tinham notado meu desaparecimento e se algum dos meus amigos ou a polícia estavam procurando-me. Samara e todos os meus outros amigos teriam notado e arquivado um relatório, ao notar que eu tinha ido embora. Minha vizinha teria notado que eu também tinha ido embora, junto com meus chefes de trabalho e todos, no escritório de campo do FBI, onde fiz meu estágio. Certamente, trabalhar com os malditos federais trabalharia a meu favor. Meu rosto poderia estar estampado em todas as notícias e internet e alguém poderia vir aqui, a qualquer momento, chegando em meu socorro, depois de seguir qualquer trilha que meu sequestrador pudesse ter deixado.

Se ele deixou alguma…

Suspirei, desanimada, rolei e me sentei. Meu corpo estava fraco, os membros como macarrão. Bocejei, olhando, para ver se mais água havia sido entregue.

Tenso, acentuadamente, percebi que não estava mais sozinha na cela.

Meu sombrio captor estava em pé, ao lado da porta. Estava vestido com jeans escuros e uma camisa preta, ainda bonito o suficiente para fazer meu interior apertar. Ao lado dele havia um balde, uma esponja e uma sacola grande. Eu não conseguia ver o que estava na sacola e não queria saber. Só podia supor, morbidamente, que o balde e a esponja estavam lá para limpar meu sangue, depois que ele acabasse de me matar.

"Olá, Celeste." Ele sorriu para mim. Foi um lindo sorriso, mas não alcançou seus olhos. Sorriso típico de sociopata.

"Quem diabos é você?" Eu disse, minha voz mais aguda do que esperava que fosse. "Por que estou aqui?"

Ele não respondeu e começou a se aproximar de mim com passos pesados. Lentamente. Deliberadamente. Deslizei de volta na cama. Ele me agarrou pelas pernas e me arrastou até o fim, antes de me pegar e me tirar da cama inteiramente.

"Afaste-se de mim, idiota!" Eu gritei. "Ponha-me no chão merda!"

Desesperadamente, bati nas costas dele com meus punhos, mas era muito grande e musculoso para bater. Era como um gatinho lutando contra um leão. Desisti rapidamente, percebendo a futilidade da minha tentativa.

Ele me colocou no chão, depois tirou uma faca brilhante do bolso.

Ah Merda….

Tremi e fechei os olhos, mentalmente dizendo uma oração, enquanto minha respiração se tornava dura e superficial. Nunca fui religiosa, mas agora parecia o momento certo para implorar aos poderes superiores, se eles existissem, que tivessem piedade de mim e não deixassem este homem me cortar.

"Fique parada." Ele cortou minhas roupas habilmente, rasgando-as em fitas. Eu me perguntei por que não iria apenas tirá-las, mas ele respondeu à minha pergunta apenas alguns segundos depois, sem eu ter que perguntar. “Estas são suas velhas coisas. Você não vai usá-las novamente.”

Ele jogou os restos da minha velha jaqueta, top, jeans e roupa de baixo e eu tremi e mantive meus olhos no chão. Nunca me senti tão exposta, tão vulnerável. Ninguém me viu nua, além de quando era pequena e meus pais me davam banho e o pensamento de que estava acontecendo pela primeira vez, com um homem como esse, fez-me querer chorar. Mas estava muito congelada de medo, para deixar cair qualquer lágrima ou falar qualquer palavra de resistência.

O homem inclinou meu queixo para cima. “Boa menina. Fique parada."

Ele, de repente, abaixou o rosto e pressionou os lábios na minha testa, plantando um beijo ali. Foi tão inesperado, que não tive tempo para perceber que estava acontecendo, antes que acabasse. Tudo que registrei, durante o beijo, foi o quão bom ele cheirava, o quão suave seus lábios eram. Uma indesejada onda de desejo tomou

conta de mim e soltei um suspiro involuntário, embora meu cérebro estivesse soando alarmes, avisando-me que esta poderia ser a primeira etapa de ser estuprada.

Mas ele não me estuprou. Pelo menos não nesse sentido. Em vez disso, recuou, aproximou-se do balde e da esponja e depois os puxou para mim. Uma mão mergulhou a esponja na água com sabão e então, tudo estava em cima de mim, pingando água em cada centímetro da minha pele, enquanto ela se movia em longos e vagarosos movimentos. A água estava quente, mas meus mamilos se elevaram em picos rígidos e inchados, anunciando a decisão do meu corpo traiçoeiro de achar esse homem terrível e perverso, atraente.

Meu captor sorriu, quando notou e ele correu, levemente, a esponja sobre meus seios, seus olhos ferozes e famintos, focalizando os meus, como se para provocar uma reação. Fingi que não percebi, mas podia sentir uma excitação doentia, crescendo em meu núcleo. A qualquer segundo, agora e eu começaria a me molhar entre as pernas. Vergonha ondulou, através de mim, com o pensamento. O homem, com certeza, iria notar aquela umidade.

É apenas uma resposta física. Não é sua culpa, disse a mim mesma. Química simples e biologia. A parte primária do meu cérebro estava respondendo a um estímulo, isso era tudo. O resto de mim sabia que esse homem era um monstro; sabia que ele não era alguém para querer.

Eu o odeio.

Ele continuou me lavando, ocasionalmente dizendo-me para levantar um braço ou virar de uma certa maneira. Notei que ele teve o cuidado de evitar minhas partes mais íntimas, embora eu soubesse que ele poderia dizer que eu estava pingando de excitação mortificante, agora. Eu estava completamente nua, com as pernas ligeiramente separadas, para que ele pudesse alcançar a parte interna das coxas com a esponja e não havia como não conseguir me ver ou me cheirar.

Ele entregou a esponja para mim. "Termine", disse ele, virando-se, para pescar algo fora da bolsa. Era uma escova de cerdas duras, em uma haste de madeira.

Mergulhei a esponja na água e lavei minhas partes privadas o mais rápido possível. Quando terminei, o homem me disse para virar e segurar meu cabelo. Fiz o que disse e ele esfregou a parte superior das costas e ombros, até que eu estava vermelha e crua. Acho que elas eram mais sujas e precisavam de mais do que uma esponja e eu, simplesmente, não conseguia ver isso.

A dor das cerdas duras raspando minha pele deveria ter me incomodado, mas não. Doeu e queimou, mas, na verdade veio como um alívio, desviou minha mente da dor do nervo dolorido, abaixo da minha pele. É como quando você cava as unhas na mão, quando pega uma agulha no consultório médico, para tentar distrair e enganar a si mesma, sentindo apenas a dor que só você pode controlar.

Ele enfiou a mão na bolsa grande e puxou uma toalha, secando-me com ela. Então, enfiou a mão na sacola e pegou um conjunto de roupas, calça de moletom cinza, um suéter branco e uma calcinha branca, com um sutiã combinando.

Ele os jogou para mim. "Coloque isso."

Eu queria gritar. Queria jogar a roupa de volta em seu rosto. Queria chutá-lo nas bolas. Mas também queria viver e ainda não tinha ideia do que esse homem era capaz. Ele não parecia se importar, quando eu o atormentei mais cedo e o chamei de idiota, mas se o chutasse diretamente nas bolas, ele poderia não ser tão gentil.

"Celeste. Realmente, é o nome perfeito para você. Parece um anjo", ele disse suavemente, quando me afastei de seus olhos indiscretos e deslizei nas roupas.

"Suponho que significa que seu nome é Lúcifer, porque se parece com o Diabo", eu mordi antes que pudesse me parar. O homem podia ser bonito e perfeito e ele poderia ter me excitado como nada e ninguém antes, mas ainda o odiava, com cada centímetro do meu ser.

Ele riu. "Você é um pouco furacão, não é?" disse. "Deixarei você ter essa, por enquanto, mas descobrirá que não pode falar comigo desse jeito. Não sem punição."

"Falar com você é punição suficiente", murmurei.

Seu sorriso desapareceu. "Você vai ver, anjo. Verá."

Cruzei meus braços, tentando permanecer corajosa, diante da adversidade. "O que vou ver?" Perguntei, minha voz falhando, traindo meu medo.

Eu odiava o quão lamentável soava. Odiava que meu cérebro continuasse a registrar esse sociopata, como o homem mais atraente que já vi na vida.

"Eu a trouxe aqui para aprender. Não será rápido, nem será fácil, mas é necessário."

"Aprender?" Levantei minhas sobrancelhas. Ele era louco, se achasse que eu tinha alguma coisa para aprender com ele.

"Fique de joelhos." A ordem veio rápido, sua voz nítida e séria.

"O que?"

Ele se aproximou. "Eu disse: fique de joelhos."

Enruguei meu nariz. "Vá se foder."

Os olhos do meu captor queimaram, imediatamente, iluminados com fúria e ele me agarrou com força, as mãos cavando, dolorosamente, em meus ombros, enquanto me empurrava com força contra a parede. Parecer corajosa diante da adversidade era, repentinamente, impossível. Nunca vi raiva assim, raiva que poderia matar. Provavelmente, *tinha* matado antes. O que diabos eu estava pensando, xingando um homem assim?

"Você quer ficar aqui sozinha, por mais uma semana? Um mês? ele perguntou, a voz gotejando de raiva. "Isso pode ser arranjado."

"Não por favor. Não isso de novo, "eu choraminguei.

Seis dias sem qualquer contato humano, ou atividades, haviam sido suficientes. Por mais que o odiasse, sabia que perderia a cabeça, se fosse submetida a puro confinamento solitário, por mais tempo do que isso. Tive que segurar cada fragmento de sanidade que tinha.

"Ok". Ele me soltou e recuou. "Agora vamos tentar de novo. Fique. Em. Seus. Joelhos."

Caí de joelhos rapidamente, com medo demais para fazer qualquer outra coisa. Ele acariciou meu cabelo. “Boa menina. Você pode lutar contra isso, mas gosta de receber ordens, não é? Embora... eu suponho que você ainda não percebeu isso.” Ele tocou a mão no meu queixo e inclinou meu rosto para cima. “A primeira coisa que você deve aprender são as regras”.

"Regras?" Meus olhos se arregalaram.

“Eu sei que você gosta de regras, Celeste. Se quiser sobreviver, vai segui-las.”

Engoli em seco. Então, havia uma chance de eu não sobreviver a isso. É claro que já suspeitava disso, dadas as circunstâncias, mas ouvi-lo dizer, diretamente, para mim tornou a ideia da minha morte mais concreta. Como se isso pudesse acontecer a qualquer momento.

"Regra um: você vai tomar seu remédio, comer toda a comida e beber toda a água, que eu deixo na sua cela todos os dias."

Balancei a cabeça e soltei um suspiro superficial de alívio. Isso foi bastante fácil.

“Regra dois: você fará seus exercícios de fisioterapia todos os dias. Isso inclui as lições que aprendeu sobre como se sentar e como respirar ”.

Meu coração martelou. Ele estava fora da minha segunda sessão da fisioterapia todas aquelas semanas atrás? A fisioterapeuta (e o Dr. Fitzgibbons também) disseram-me, especificamente, que minha dor estava sendo agravada, pela maneira como me sentava e respirava. Aparentemente, estava muito rígida na minha postura e a maneira como respirava era muito superficial. Essas coisas fizeram com que meu corpo se sentisse mais nervoso, mais ansioso, o que, por sua vez, tornava meus nervos mais sensíveis. Mas como ele sabia tudo isso?

"Como você sabe..."

Ele fechou a mão sobre meus lábios. “Regra três: você não fala, sem pedir minha permissão primeiro, ou a menos que eu tenha dito, especificamente, que pode falar livremente, o que eu farei, em ocasiões necessárias. Pense com muito cuidado sobre o que você quer dizer.”

Balancei a cabeça e engoli em seco, novamente.

“Regra quatro: você vai me obedecer. Seguirá todas as ordens, não tentará fugir e não fará nada, sem primeiro obter minha aprovação ”.

Outro aceno de cabeça.

Ele sorriu. "E regra cinco: você vai me abordar como 'senhor', quando necessário."

Balancei a cabeça, novamente. Eu estava começando a me sentir como uma estatueta de cabeça redonda.

"Se você for boa, será recompensada", ele disse suavemente. Como um animal de estimação, eu estava sendo treinada, oferecendo guloseimas para o comportamento adequado. Fiquei enraizada no chão, de joelhos, esperando que ele continuasse. “Se você quebrar as regras, de qualquer forma, será punida. Então cabe a você escolher obedecer ou escolher punição ”.

Depende de *mim*? Sério? Era como se ele, realmente achasse que estava me dando opções reais, então seria, magicamente, minha culpa, se fosse forçado a me punir. Como se eu fosse a arquiteta da minha própria dor, por recusar-se a obedecê-lo, mesmo que o que ele pedisse de mim fosse ridículo, ou inimaginavelmente, terrível. Mesmo que ele não tivesse, absolutamente, nenhum direito de esperar que eu obedecesse. Do jeito que ele viu, não seria o causador da dor. Não, seria totalmente minha culpa, por me rebelar, apesar do fato de que ele seria, literalmente, aquele que me daria a dor.

Essa lógica distorcida. Então, novamente, era, obviamente, um homem retorcido.

Desviei meus olhos por um segundo, quando algo me ocorreu. Como ele saberia se eu não seguisse todas as regras? Ele não podia estar aqui o tempo todo e não havia câmeras, então não poderia me ver. Eu poderia apenas mentir e dizer que fiz meus exercícios e poderia derrubar minha comida pelo ralo, se não quisesse comê-la.

Ele me forçou a olhá-lo. "O que estava pensando agora?"

"Nada", eu murmurei.

"Nada *o que*?"

"Nada, senhor." Eu me odiava por dizer isso, mas, praticamente, podia sentir a violência que emana de cada poro dele. Eu não queria ser esbofeteada, por simplesmente me recusar a dizer uma pequena palavra.

É só uma palavra. Só uma palavra.

Seu lábio superior curvou-se. “Eu vejo, diretamente através de você e sei que está mentindo. Então me diga, o que estava pensando agora, antes que eu tenha que tirar isso de você.”

"Eu..." vacilei. Era como se este homem pudesse ver dentro da minha mente, como se cada um dos meus pensamentos estivesse impresso em um livro, para ele ler. "Eu estava pensando que você não saberia se eu seguiria todas as regras ou não."

“Oh, mas eu vou. Eu posso dizer, se você mentir. Eu também estarei aqui, para verificar você todos os dias e nunca saberá, exatamente, quando. Eu poderia estar aqui a qualquer hora. ”Os lábios dele se curvaram, naquele mesmo sorriso cruel de novo. “Você não pode esconder nada de mim e não tem mais privacidade, mesmo que pense que sim. Esqueça tudo isso.”

Lancei meus olhos para o chão. Esse estranho queria controlar todos os aspectos da minha vida, até a maneira como eu respirava e comia e eu deveria, simplesmente, virar-me e me render? Abandonar cada grama de controle para ele? Eu queria lutar com unhas e dentes. Mas no final, que escolha real tenho, mas fazer como disse? Ele deixou muito claro que quaisquer infrações seriam punidas, severamente.

"Ah, e mais uma coisa que esqueci de adicionar." Ele puxou uma garrafa branca do bolso e tirou uma pílula. “Você começa isso hoje. Pílulas anticoncepcionais."

Meus olhos se levantaram para encontrar os dele novamente, meu olhar medroso e largo. "Então vai me violentar?"

Eu tinha esquecido de pedir permissão para falar e poderia dizer que ele queria me punir por isso, mas, ao mesmo tempo, minhas palavras pareciam tê-lo divertido.

"Eu não estupro mulheres", disse ele, os olhos brilhando com humor. Como se houvesse alguma, nessas circunstâncias. "Não preciso. Será apenas uma questão de

tempo, até que você esteja implorando por mim, anjo.” Seus olhos deslizaram para a minha virilha e minhas bochechas queimaram de vergonha.

Nos seus sonhos, Lúcifer.

"Posso fazer uma pergunta?", Perguntei. Ele arqueou uma sobrancelha para mim. "Posso fazer uma pergunta, senhor?" Repeti, apressadamente, não querendo incorrer em sua ira novamente.

Ele assentiu. "Sim. Para a próxima hora, para propósitos introdutórios e porque estou de bom humor, permitirei que diga ou peça qualquer outra coisa que queira, sem pedir minha permissão novamente. Tire tudo do seu sistema agora, porque não terá mais a chance. ”

"Tudo o que quero?" Minhas mãos tremiam ao meu lado. Eu não acreditava que ele fosse, de repente, tão tolerante.

Ele inclinou a cabeça, no menor dos acenos. “Dentro da razão. Se for rude ou histérica novamente, será castigada amanhã.”

Ah, aí está.

"OK. Eu só...” Vacilei novamente, encontrando-me de língua amarrada.

"Faça sua pergunta", ele ordenou.

Respirando fundo, olhei em seus olhos. "O que faz pensar que eu iria implorar por você?" Perguntei, minha voz trêmula. Imediatamente recuei, esperando que ele se ofendesse, mesmo que fosse uma pergunta justa. Afinal de contas, seqüestrar alguém, drogá-lo, ameaçá-lo e mantê-lo prisioneiro, em algum calabouço subterrâneo, não costumava ser a melhor maneira de atraí-lo para a cama. "Realmente, não estou tentando ser rude. Estou genuinamente curiosa, acrescentei apressadamente. " Por que você acha que eu imploraria, depois de tudo isso?”

Ele sorriu pacientemente, embora eu pudesse ver o perigo persistindo, logo abaixo da superfície de sua expressão. "Porque eu te conheço." O sorriso, rapidamente, transformou-se em um sorriso, quando uma mistura de luxúria e controle dançou em

seus olhos. “Você sempre quis, secretamente, ser uma puta. Deixar um homem usar seu corpo. Todos os seus buracos. Isso te faz molhada, como nada mais, não é?”

Corei e me contorci, odiando, que ele estava, parcialmente, certo. Odiando-me, por ter sido, subitamente excitada por suas palavras, quando eu deveria estar lhe dando um tapa e o chamando de idiota misógino sujo.

Como ele sabia tanto sobre mim? Como poderia saber os pensamentos sujos e vergonhosos, que passavam pela minha cabeça, às vezes, fazendo-me doer e apertar? Quanto ele iria usar isso contra mim... e quanto tempo, até meu corpo me trair, forçando-me a ceder?

Engoli em seco e ele riu. "Não tenha medo. É quem você é, Celeste. Um dia, implorará para transar com você.”

"Não", sussurrei, balançando a cabeça. Ele estava iludido, se achava que eu imploraria por isso. Ele pode ser o homem mais sexy que já vi e poderia, secretamente, desejar todas as coisas que ele acabou de mencionar, mas eu não o queria perto de mim.

"Você irá. Em breve, ê vai me implorar para tocar em você. Vai me implorar para fazer você gozar. Vai me implorar para deixa-la me agradar. Tão certo, quanto você vai implorar pela dor do chicote.”

Eu nunca vou te implorar por nada. Engoli um nó na garganta. "Você está errado sobre mim. Não sou assim ", murmurei.

Ele sorriu. “Parece que te conheço melhor do que você mesma, então. Vai ver, anjo. Você é uma coisinha tão perfeita e vai fazer um trabalho tão bom em me agradar.”

Cerrei meus dentes. "Quanto tempo vai me manter aqui?"

"Por quanto tempo for necessário."

Soltei um suspiro longo e estremecido. "Enquanto o que *for* necessário?"

“Desde que você aprenda e perceba que pertence aqui. Não vou deixa-la ir. ”Ele pegou minha mão direita e enfiou os dedos entre os meus, como se tecesse nossos futuros juntos. "É aqui que precisa estar e quanto mais cedo perceber isso, melhor."

"Então, devo estar aqui para sempre", eu disse, categoricamente. Não foi uma pergunta. Foi uma declaração.

"Você disse isso, não eu." Ele levantou uma sobrancelha.

Balancei a cabeça em frustração. "Por favor... apenas me diga por que me escolheu."

"Não está pronta para isso ainda. Prometo a você, isso é verdade. Você não está ", ele disse baixinho.

"Eu estou", insisti, minhas bochechas esquentando e minha voz subindo. "Diga-me o porquê. Você me deve isso. Você me deve *respostas*, idiota!"

Acidentalmente, deixei a palavra idiota escapar e me encolhi imediatamente, esperando por um tapa, que nunca veio. Eu sabia que seria punida por minha grosseria mais tarde, no entanto. Ele deixou isso bem claro antes.

Amanhã.

Ele sorriu timidamente. "Eu não te devo. Mas você me deve."

Balancei a cabeça, indignada. "Não, eu mereço saber! Você, obviamente, vai me matar, posso dizer isso. Mas por favor, diga-me *por que,* antes de fazer isso!"

Algo queimava em seus olhos para isso. Era diversão? Ódio? Eu não sabia dizer. "Você acha que vou te matar?" Ele riu sem alegria. "Tenho planos maiores para você, do que isso, anjo."

Com isso, ele se afastou e saiu da cela, passos pesados ecoando pela passagem e subindo os degraus. Gritei atrás dele, batendo minhas mãos contra as barras, sem sucesso. Ele não voltou e fiquei na minha miserável cela, com mais perguntas, do que nunca e sem respostas.

Por que diabos eu estava aqui? O que ele iria fazer comigo, no final?

E o que ele quis dizer, quando disse que eu lhe devia?

11

CELESTE

Havia vinte e duas barras na minha cela, quatrocentos e quarenta e um tijolos cinzentos nas paredes, vinte e três fios soltos no cobertor áspero e sete manchas no chão de concreto.

Contei tudo sete ou oito vezes agora. Não tinha nada melhor para fazer.

Meu captor estava me punindo, por deixar aquele "idiota!" escapar no outro dia, mesmo depois de ter ficado claro para mim que seria punida, se fosse "grosseira ou histérica". Acho que fui um pouco dos dois.

Ele sabia que eu não suportaria ficar aqui embaixo, com absolutamente nada para fazer e nenhum contato humano e ele usou isso contra mim, ainda tentando me quebrar. Enquanto ele não me deixou completamente sozinha, poderia muito bem ter. Ele só veio entregar minha medicação, comida e água duas vezes por dia e então, desapareceu, abruptamente, novamente. Ele também reduziu pela metade a minha dosagem de analgésico, o que, realmente, irritou-me.

Às vezes, eu estava dormindo, quando ele aparecia, então só consegui vê-lo por alguns segundos, antes que a porta barrada fechasse. Algumas vezes, estava acordada e implorei para ele falar comigo, mas não disse uma palavra. Uma vez até fingi que estava profundamente arrependida e lhe dei um pedido de desculpas sincero, mas ainda não disse nada. Ele, simplesmente, balançou a cabeça e se virou. A ação fez com que eu sentisse alguma sensação de vergonha doentia, como se, realmente me sentisse mal, por tê-lo desagradado. Eu sabia que isso era ridículo, mas ainda assim, senti.

Não se desculpe. Não se desculpe. Não se desculpe, Eu cantava em minha mente, tentando o meu melhor para manter meu juízo sobre mim.

Eu estava entediada. Tão entediada. E tão suja. Ele não deixou me lavar, novamente, meu cabelo e pele estavam oleosos e nojentos, depois de seis dias, talvez sete; estava começando a perder a pista, novamente. Parecia que minhas células cerebrais estavam morrendo, por falta de estímulo.

A única coisa que me impedia de perder totalmente a cabeça, era minha rotina. Eu acordava, tomava meus remédios, comia a comida, fazia meus exercícios, depois sentava e pensava, contava coisas ou passeava pela célula. Às vezes, sonhava mundos inteiros e histórias de acompanhamento, mesmo sabendo que nunca os escreveria, apenas para algo para fazer.

A refeição de hoje foi uma espécie de sopa com legumes, cevada e pernil de cordeiro. Acho que era saudável, mas foi a sopa menos saborosa que já comi e isso estava dizendo algo, considerando minha dieta anterior de 'estudante pobre'. Eu sabia que era proposital. Não merecia boa comida, de acordo com meu sequestrador. Não merecia nada, além de punição, até que eu aprendesse minha lição.

Eu me perguntei se iria me punir fisicamente, por minha infração, em breve. Ele mencionou algo sobre um chicote, algumas vezes e o pensamento fez-me estremecer. Simplesmente sabendo que a dor estava chegando, mas nunca sabendo quando, era quase pior do que a própria dor. Foi uma tortura mental, que fez minhas pernas e mãos tremerem e a sensação arrepiante de medo nunca deixou minha mente enlouquecida, nem por um segundo.

Pelo menos a picada de um chicote acabaria por desaparecer. E mesmo que isso não acontecesse, mesmo que isso me deixasse com cicatrizes e dor, já estava acostumada com uma dor física permanente, cortesia da minha síndrome nervosa. Mas essa tortura, essa tortura emocional, estava, lentamente, deixando-me louca. Estava começando a me sentir menos que humana.

Eu não sabia o quanto mais poderia aguentar.

Preguiçosamente torcendo meu longo cabelo, em volta dos dedos, comecei a contar os fios soltos no cobertor, novamente. Minha mente estava em outro lugar, porém, perguntando-me mais uma vez o que meu sequestrador tinha guardado para mim, no

futuro. Ele poderia me estuprar e me matar um dia, ainda tinha certeza de que ele era algum assassino psicótico, que odiava mulheres e pretendia me destruir, eventualmente. Mas, por enquanto, estava me mantendo viva. Ele estava me dando a minha medicação, garantindo que exercitasse todos os dias e me alimentando. Mesmo que fossem apenas duas refeições por dia, eram bem balanceadas, geralmente contendo algum tipo de grão, legumes e carne. Se ele me quisesse morta em breve, não faria o esforço de me manter saudável.

Então, o que diabos ele queria comigo? O que quer *de* mim?

Ele estava tentando me treinar como um animal, para me tornar algum tipo de autômato, que seguisse todos seus comandos. *Sentar*. *Fique*. *Implorar*. *Boa garota, aqui está um brinquedo.* Eu sabia muito disso. Mas qual foi o final do jogo? Ele planejava me manter como uma espécie de escrava sexual, no futuro?

O pensamento disso fez-me querer vomitar. Para mim, o sexo era para ser algo compartilhado entre duas partes completamente dispostas. Não forçado e manipulado de um partido pelo outro. Mesmo que a fantasia de se submeter a alguém e deixá-lo usar meu corpo excitasse-me, mesmo se lesse todos os tipos de histórias imundas sobre isso, não significava que era algo que achava aceitável na vida real.

Continuei torcendo meu cabelo ao redor e então, fiz uma careta, quando algo me ocorreu. Meu cabelo estava ficando muito longo, nos últimos anos, principalmente porque não podia pagar por uma hora no salão e não confiava em minhas próprias habilidades de cortá-lo. Ele caiu nas minhas costas em ondas, quase alcançando minha bunda. Se eu pudesse encontrar algo para prender meu cabelo em uma trança, poderia prender o final na armação de metal da cama e envolvê-lo em volta do meu pescoço, ou até mesmo de uma das barras da cela. Pode ser apenas o suficiente.

Não iria me matar e não queria morrer. Só queria chamar a atenção do meu captor de uma forma que funcionasse, quando todas as minhas palavras tivessem falhado. Ele não podia ignorar-me, se chegasse amanhã e me encontrasse, ostensivamente, tentando estrangular-me.

Já tive uma ideia semelhante no outro dia, com a calça, sutiã e suéter que ele me deu, na semana passada, mas o tecido era muito frágil. Quando os puxei, para testar a resistência à tração, todos eles rasgaram em alguns lugares, até o sutiã. Mas meu cabelo não rasgaria. Foi uma das minhas poucas características físicas que eu amava, grosso e saudável, mesmo quando não tinha permissão para lavá-lo.

Pela primeira vez, no que pareceu uma eternidade, sorri. Senti como se tivesse batido o sistema, de alguma forma, enganando meu captor. Ele deixou claro que me queria viva e sem ferimentos, ou então não me alimentaria com coisas tão saudáveis e me forçaria a fazer os exercícios. Agora, percebi que tinha a capacidade de me machucar para chamar sua atenção e forçá-lo a parar de me deixar em paz. Tive essa habilidade o tempo todo. Inferno, poderia até bater minha cabeça na parede de tijolos duros ou no chão de concreto, se realmente me sentisse assim.

Realmente, queria me chutar, por não ter pensado nisso antes.

Atravessei a sala e peguei a calcinha branca, que recebi na semana passada. Como não tinha permissão para tomar banho ou trocar de roupa e também porque, acidentalmente, rasguei a maior parte das roupas, estava passando muito do meu tempo nua. Odiava estar nua e exposta neste lugar, mas, ao mesmo tempo, odiava a ideia de usar a mesma calcinha, por uma semana inteira. Então não fiz.

Elas podem trabalhar para meu plano de cabelo, no entanto. Elas eram pequenas, mas continham alguns elásticos e poderia ser um laço improvisado decente.

Comecei a trançar meu cabelo frouxamente, para que fosse pendurado o maior tempo possível e então, prendi o final com a calcinha, amarrando-a em um nó. Segurou. Sorrindo, sentei-me na cama e deslizei para trás, até que a parte de trás da minha cabeça estava tocando a armação de metal da cabeceira da cama. Usando a calcinha, no final da trança, amarrei-a à moldura o máximo que consegui, depois torci a cabeça para a esquerda também. Assim como eu pensava, meu cabelo era comprido o suficiente e virar a cabeça dessa maneira, fez a trança envolver meu pescoço.

Ocorreu-me, brevemente, que talvez eu já tivesse perdido a cabeça, fazendo algo assim, mas estava além do cuidado. Tive que escapar desse isolamento e tédio horrendo.

Felizmente, desfiz meu cabelo e me deitei, meu coração acelerado de excitação e antecipação. Meu captor poderia, eventualmente, punir-me fisicamente, por fazer isso, mas pelo menos não me deixaria sozinha e torturadamente entediada. Então esperei.

Ele entregou meu jantar duas horas atrás, o que significava que havia pelo menos dez horas, até que ele viesse com a primeira refeição e água de amanhã. Só dormi por sete ou oito horas de cada vez agora, então era quase garantido que estaria acordada, antes de sua chegada. Eu ficava à espera com o meu cabelo trançado e preso à armação, e quando ouvisse seus passos aproximando-se, começaria a torcer minha cabeça e deixar o cabelo sufocar-me.

Fui e bebi minha água, então, enrolei-me na cama. Ainda estava animada, mas também tonta, desde o dia do tédio, então fui dormir, rapidamente. Sonhei com vivos arco-íris, parques exuberantes, densas florestas verdes... todas as coisas que eu nunca mais veria. Então, sonhei com o corredor estranhamente familiar e as portas ornamentadas do salão de baile.

Quando acordei de novo, meu cabelo estava cortado na altura dos meus ombros.

12

ALEX

ELA NEM ME VIU.

Eu, originalmente, tinha ido até a cela para dizer a ela que o tempo e a punição de isolamento acabou. A partir de agora, contanto que ela se comportasse, receberia um livro por dia e poderia lavar e trocar de roupa todas as noites.

Mas então eu a vi através das barras, torcendo o pescoço em volta do próprio cabelo, preso à armação da cama. Ela estava muito encantada com a prática de seu pequeno plano, para me ouvir chegar e sua cabeça estava virada para o outro lado, então não me viu olhar para ela ou subir os degraus.

Fiquei furioso. Principalmente comigo mesmo. Deveria ter percebido isso antes, deveria ter percebido que ela poderia tentar se machucar de alguma forma, para escapar desse lugar. Ela nunca me pareceu suicida ou fraca, mas agora, não tinha tanta certeza. Estrangular-se com o cabelo não a mataria de verdade, arrancaria do couro cabeludo dela, antes que houvesse pressão suficiente para sufocá-la, mas eu não tinha certeza se ela sabia disso. Ou talvez ela soubesse e só queria minha atenção.

De qualquer forma, ela tinha.

Saí do abrigo e voltei com uma tesoura, quando ela estava dormindo. Seu cabelo escuro era lindo, luxuriante, mas isso tinha que ser feito. Eu não queria que ela se machucasse, novamente.

Também não queria que ela pensasse que poderia usar métodos como esse, apenas para chamar minha atenção, então, não deixei nenhum livro ou outro tipo de entretenimento, quando eu fui até lá, como planejei inicialmente. Ela precisava de mais um dia. Mais um dia de isolamento desesperado, com os cabelos grosseiramente

cortados, para fazê-la aprender de uma vez por todas, que essa era sua nova realidade, estar aqui comigo e qualquer tentativa de revidar seria tratada.

Eu não podia dizer por que ela estava aqui ainda, não importava o quanto implorasse e pedisse para saber. Ela era forte de muitas maneiras, mas sua mente era frágil nos outros. Se descobrisse tudo de uma vez, poderia piorar as coisas para ela. Eu sabia que se recusaria a acreditar, provavelmente, nem consideraria o menor fragmento disso como verdade e ela se retiraria para sua concha, nunca aceitando minhas palavras. Eu não poderia ter isso. Então, por enquanto, tive que esperar, enquanto ela se acostumava à sua nova realidade.

Eu era um homem paciente e sabia que levaria tempo para ela abandonar, totalmente, o controle para mim. Eu sabia que levaria tempo para ela se lembrar da verdade e entender as coisas que eu precisava contar a ela. Ela lutaria comigo a cada momento e, provavelmente, tentaria escapar mais de uma vez, mas acabaria percebendo que tudo isso era para seu benefício. Ela chegaria lá.

Lentamente. Certamente. Comigo.

Eu sabia que ela me odiava agora. Eu podia ver nos olhos dela, toda vez que dava suas refeições e água, sentia nos olhares que ela me dava. Estava sempre fervendo de raiva. Seu olhar transmitiu todas as coisas que queria dizer para mim, todas aquelas palavras, que ela sabia que não podia falar, sem consequências.

Vá se foder, idiota.

Vai se engasgar com um pau grande e gordo, seu idiota.

Espero que você seja comido por um bando de cães selvagens, porra.

Ela pensava em todas essas coisas, ou algo parecido, sempre que eu chegava perto dela, embora seus lábios dissessem o contrário, espalhando todo tipo de desculpa. Eu sabia melhor do que acreditar nela. Ela não se arrependeu, só queria sair e pensou que eu iria cair por suas mentiras, mesmo que ainda me odiasse com todo seu coração.

Eu não podia culpá-la por tentar e não podia culpá-la por seus sentimentos, também. Claro que ela me desprezava. Claro que pensava que eu era um monstro cruel

e sem sentido. Ser arrancada de sua antiga vida e forçada aqui neste buraco, não poderia ser fácil. Mas era necessário, o que ela acabaria percebendo, quando estivesse pronta.

De que outra forma eu poderia ter feito isso, afinal? Se eu simplesmente me aproximasse dela na rua um dia e lhe pedisse para vir comigo de bom grado, ela teria feito isso? Não, obviamente, não. Tinha que ser assim.

Um dia, ela veria tudo isso. Um dia, veria que eu a estava quebrando para seu próprio bem.

Por enquanto, estava infeliz, mas agora seria muito mais infeliz, se ainda estivesse no mundo real. Isso era certeza. Ela estava segura aqui. Poderia ser feliz aqui, contanto que seguisse as regras.

Ela agia como se as odiasse, mas eu a conhecia e sabia que as regras a faziam sentir-se segura e protegida. Especialmente, quando estava em lugares estranhos, sabia do jeito que ela seguia, religiosamente, o mesmo padrão de comportamento, toda vez que deixava sua casinha de merda, em uma das áreas mais miseráveis da cidade.

Ela até tinha uma pequena lista de regras, em um documento em seu computador, para lembrá-la todos os dias de quão inseguro era o mundo e de como evitar problemas. Eu sabia disso, porque tinha instalado um bilhete dourado em seu laptop, anos atrás, o que me permitiu ver, remotamente, tudo o que fazia no computador, usando meus próprios dispositivos.

Eu vi tudo. Todas as imagens sujas, vídeos e histórias que ela gostava de olhar, todas as coisas que a faziam murchar, com vergonha desnecessária. Todas as suas conversas, nas mídias sociais. Todos os seus ensaios universitários. Até mesmo o site para o abrigo de gatos local, que ela doou, ocasionalmente, quando seu chefe da loja de artigos para casa deu-lhe turnos extras. Ela amava tanto os animais, que preferia dar dez dólares aos gatos, do que comprar uma refeição quente extra. Funcionou contra ela, no entanto, usei o mesmo amor por gatos para atraí-la para fora, duas semanas atrás.

Pobre e inocente garotinha. Tão doce. Tão ingênua.

Minha mente brilhou, com uma imagem de suas bochechas vermelhas, enquanto eu a segurava no lugar, ao longo da borda da cama. Quase podia sentir a suavidade de sua pele nua sob minhas mãos, quase ouvi seus gritos, quando dei vários golpes pesados de uma palmatoria. Ela precisava da dor, tanto quanto eu precisava dar a ela.

Ela só não sabia ainda.

Eu desci em sua cela. Ela estava nua no chão, fazendo seus exercícios de fisioterapia. Boa menina. Pelo menos ela estava seguindo algumas das regras.

"Boa noite, anjo", eu disse, anunciando minha presença.

Ela pulou, cobrindo o corpo com as mãos. Cobrindo sua vergonha. Minha mão livre se enrolou em um punho, ao meu lado. Eu odiava o mundo, por fazê-la se sentir assim sobre si mesma; odiava todos que lhe diziam que corpos eram algo de que se envergonhar, ou quem quer que lhe dissesse que seus desejos e necessidades estavam, de alguma forma, doentes ou errados.

"Olá, senhor", ela murmurou, olhando para o chão.

Levantei a bolsa que estava carregando sobre meu ombro direito, então mostrei a ela o que havia nela. Novas roupas limpas. Garrafa de bochechos, em tamanho de viagem. Saco pequeno de nozes salgadas. Um livro e uma revista. Pequenos confortos para qualquer outra pessoa, mas um grande negócio para Celeste. Ela passou tanto tempo sem essas coisas, que esses mimos devem parecer luxos de cinco estrelas.

"Você está pronta para começar a seguir todas as regras?", Perguntei.

Ela me encarou por mais tempo, seus olhos assombrados e cheios de indecisão. Então, finalmente assentiu e falou, sua voz mal acima de um sussurro.

"Sim senhor."

13

CELESTE

Eu estava quieta e submissa, enquanto meu captor me lavava. Depois de deixar o novo livro e a revista no canto da minha cela, ele foi buscar o mesmo balde da outra semana, cheio de água morna e cheirosa. Finalmente, *finalmente*, eu estava ficando limpa novamente. Foi um grande alívio ter a água escorrendo pelo meu corpo sujo, em regatos ensaboados que, sinceramente, teria preferido durante uma refeição deliciosa e luxuosa de cinco pratos. Ele até enxaguou meu cabelo recém-cortado, o que ele não havia feito da última vez.

Odiava que grande parte da minha glória coroasse agora e o odiava por cortá-lo, mas eu não podia deixa-lo ver isso.

Tinha que ser uma boa menina. Tinha que ser respeitosa e jogar de acordo com as regras dele, de agora em diante. Tive que fazê-lo pensar que estava, finalmente, sendo condescendente e obediente, ou da próxima vez, ele poderia cortar mais do que meu cabelo.

Não, eu não estava quebrada. Ainda não. Nem mesmo perto.

Acabei de ter um novo plano. Muito melhor do que o meu truque de cabelo, que buscava atenção.

Tive muito tempo para pensar sobre isso e parecia, assustadoramente, óbvio que meu captor só tinha duas opções. Ele poderia me matar em algum momento, ou me manter aqui com ele para sempre. Era isso, ele não podia me deixar livre, porque eu o entregaria. Nenhuma dessas duas opções eram as que poderia respeitar, por razões óbvias, então, tive que me permitir a fantasia de uma terceira opção.

Escapar.

Eu não sabia, exatamente, como faria um empreendimento tão corajoso, mas agora sabia que a única maneira de ter uma chance, era levá-lo para meu lado com bom comportamento e não com um mau comportamento que chama a atenção. Imaginei que se eu fingisse concordar com as regras dele e ganhasse sua confiança, poderia, finalmente, sair dessa cela e ser permitida em outro lugar. Talvez tenha mais algumas liberdades. Isso me daria a chance de olhar em volta, tentar descobrir onde estou e, possivelmente, ajudar-me a encontrar uma maneira de sair desse lugar para sempre.

Sabia que não poderia me comportar perfeitamente, rápido demais, no entanto. Tive que jogar, na maior parte do tempo, mas, ocasionalmente apressar ou revidar. Caso contrário, seria suspeito, porque era muito cedo para ter-me quebrado completamente e desistido.

Eu *sairia* daqui e ficaria longe dele, no entanto. Nunca estive tão determinada em nada, na minha vida.

Quando estava limpa, ele foi e pegou o pincel e começou a esfregar minha parte superior das costas e ombros, como fez, depois da última vez que me lavou. Abracei a dor quente e pungente das cerdas de javali, que coçavam minha delicada pele. Duro. Áspero. Rápido. Foi uma distração bem-vinda da dor do nervo dolorido e ardente, sob minha pele, assim como da última vez. Especialmente, desde que minha dose de analgésico havia sido reduzida pela metade, recentemente.

Cretino.

Enquanto ele me esfregava, tentei pensar em maneiras que poderia me impedir de ser, suspeitamente, boa e irritá-lo, sem ser punida com muita força. Ele ainda não tinha feito nada físico ainda, a menos que essa lavagem, incrivelmente, áspera contasse, o que provavelmente não aconteceu, mas, se eu fosse realmente ruim, ele faria.

Eu não queria ser chicoteada ou espancada. Ou pior. Ao mesmo tempo, nunca quis ficar sozinha nesta cela, sem nada para me entreter novamente. Olhe como eu era irracionalmente louca. Tentei me estrangular com meu próprio cabelo, apenas por atenção, pelo amor de Deus. O isolamento deixou louca, desesperada, e eu não pude ir lá de novo.

"Senhor", eu sussurrei. "Por favor, posso fazer uma pergunta?"

"Sim." Ele deu um passo à minha frente e inclinou a cabeça para o lado, a longa escova pendurada ao seu lado agora.

Olhei em seus profundos olhos azuis.

"Vou receber um livro para ler todos os dias?"

"Se você for boa, sim. Não posso tê-la enlouquecendo de tédio, enquanto ainda está aqui. "

Meu coração se levantou, levemente. A maneira como ele formulou isso, fez com que parecesse que eu, definitivamente, seria autorizada a sair da célula, eventualmente. "E se não for boa? Vai me deixar sozinha de novo?" Meus ombros ficaram tensos, enquanto esperava por sua resposta.

Ele sorriu, pacientemente e colocou a escova para baixo. "Não. Acho que você já teve o suficiente disso. "Ele pressionou, suavemente, meus ombros. "Você ainda está de pé, com muita rigidez. Relaxe sua postura."

"Sim, senhor." *Por que você se importa com porra da minha postura?* Queria gritar, em seu lugar. Mas não fiz. Sou uma boa menina agora. "Obrigada pelas novas roupas e livros."

"De nada. Agora se vista. Você tem trabalho a fazer."

"Trabalho?"

"Sim". Ele não elaborou. Em vez disso,

começou a arrumar as coisas de limpeza e as levou para a passagem, do lado de fora da cela.

Enquanto fazia isso, enxuguei-me e vesti minhas novas calças de moletom, sutiã e top. Notei que ele não me deu nenhuma calcinha, dessa vez e eu sabia o porquê. Usei minha calcinha para uma coisa ruim, da última vez, e ele não ia me deixar ser ruim, novamente. Não, se pudesse ajudar.

"Sente-se, anjo", disse ele, apontando para o berço.

Fiz o que ele disse, minhas pernas tremendo, pelo medo do desconhecido. Ele tirou uma foto do bolso da jaqueta e mostrou para mim.

Ao ver, quase vomitei o que restava no meu estômago, desde minha última refeição, arrastei-me para outro lado da cama e cobri os olhos.

"Você precisa olhar, Celeste."

"Não." Balancei a cabeça, minhas entranhas agitadas. "Por favor, não posso."

Ele clicou a língua. “Você estava indo tão bem, sendo tão boa. Apenas olhe. É uma foto. Não pode te machucar.”

Espiei pelas minhas mãos a foto, que ele empurrou na minha frente. Era de uma jovem morena nua, provavelmente apenas dezessete ou dezoito anos e ela estava amarrada a uma cruz negra. Seus olhos estavam escuros, com puro terror e seus seios pequenos, mal florecidos, estavam cobertos de profundas cicatrizes roxas, que contrastavam nitidamente com sua pele mortalmente pálida. Sangue fresco manchava a parte interna das coxas. Em seu abdômen havia um círculo, que parecia ter sido entalhado, profundamente, em sua pele.

A foto era doente e me fez sentir mal.

Parte de mim achava que tinha que ser de algum site falso da internet, só um horrível trabalho de Photoshop, para pessoas cruéis e terríveis, que se excitam com essas coisas ... mas uma parte maior de mim estava preocupada que meu sequestrador tivesse feito isso com a garota. Ele poderia ter tirado a foto e agora, estava me mostrando o que poderia ou viria acontecer comigo em breve.

"Por que você está mostrando isso para mim?" perguntei, meus olhos arregalados e suplicantes. Minha garganta parecia estar se fechando.

“Eu queria que você visse o que as pessoas são capazes. Saber o que eles podem fazer.”

Você quer dizer do que você é capaz, pensei. "Eu não quero mais ver isso", sussurrei, em vez disso. "Por favor senhor."

Ele sentou. "Diga-me o que faz você se sentir."

"Doente. Isso me faz sentir doente. E com medo."

"Essa é uma reação normal. Mas há mais alguma coisa que faz você se sentir ou pensar?"

Minhas sobrancelhas se enrugaram em uma carranca. O que diabos ele estava querendo dizer? Que eu deveria sentir algo, além de medo e repulsa total e absoluta, quando confrontada com tal imagem?

"Não senhor."

Ele ficou quieto, por um momento. "Quero que saiba que você pode falar livremente de novo agora. Pode dizer o que quiser pelo resto da noite. Absolutamente qualquer coisa, mesmo que pense que eu não goste. Não haverá punição."

Minhas mãos tremiam, enquanto considerava suas palavras. Eu sabia o que ele estava fazendo. Chamava-se "clemência irrelevante" e fazia parte dos muitos passos no caminho, para quebrar alguém. Um captor permitiria aleatoriamente a seus prisioneiros pequenos privilégios, sem razão aparente e isso serviria para tornar o cativo mais confuso e, portanto, mais complacente, com medo de que as regras pudessem mudar repentinamente, a qualquer momento.

Estava funcionando. Eu estava com medo e meus pensamentos estavam emaranhados e confusos. Realmente, poderia falar livremente agora, ou ele mudaria as regras em mim novamente e me venceria, se eu dissesse a coisa errada?

"Estou falando sério, Celeste", disse, aparentemente sentindo meu medo. Ele sempre parecia ser capaz de ler meus pensamentos. "Quando eu te mostrar essas coisas, não vou te punir por nada que diga."

"Ok". Balancei a cabeça, trêmula e voltei para ele. "Não sinto nada além de medo e nojo, quando você me mostra essa foto."

"Reconhece a menina?"

Fechei os olhos e tentei lembrar do rosto dela, sem ter que lembrar do seu corpo molestado e terrivelmente machucado. "Hum... sim", eu disse, suavemente. "Lembro,

de alguns anos atrás, uma menina desapareceu. Foi no noticiário. Acho que ela parecia assim. Não me lembro do nome dela."

"Mais alguma coisa que você reconhece?"

"Não."

Ele acariciou minha cabeça, como se eu fosse um bom animal de estimação. "OK. Tudo bem, por enquanto. Que tal isso?"

Ele enfiou a mão no bolso, ostensivamente, para conseguir outra foto horrível. Quando ele moveu a mão ao redor da jaqueta, avançou o suficiente para eu ter um vislumbre de sua camisa por baixo. Havia uma pequena etiqueta na camisa, com o logotipo do Morrison Wright Memorial Hospital, junto com um nome. *Dr. Alex Magnusson.*

Pulei de volta, todo meu corpo tremendo de medo e fúria. Eu sabia onde eu o reconhecia, a partir de agora. Pelo menos o lado dele ou a parte de trás da cabeça.

"Você... era um dos médicos da minha mãe", eu disse, com a voz embargada.

Um olhar de choque brilhou em seus olhos, por um segundo. Então, pareceu perceber seu erro e puxou a jaqueta apertada contra o peito, novamente. "Eu era", disse ele com firmeza.

Todo o horror da realização começou a afundar. Tantas vezes eu tinha ido visitar minha mãe no hospital, ao longo dos anos em que ela esteve doente e esse homem, esse monstro, estava bem ali na sala comigo.

Normalmente, eu estava muito focada na mamãe, para prestar muita atenção em qualquer outra pessoa e sempre eram as enfermeiras que falavam comigo, nunca os médicos... mas ainda assim, ele estava lá com frequência, sempre de costas e lendo um prontuário. Bem ali, tão perto de mim.

Pelo menos agora eu sabia como ele me encontrou e decidiu me atacar, acho. Eu estava pensando sobre isso há muito tempo. Era isso. Ele deve ter me visto em algum momento, quando fui à Morrison com a mãe, quando ela estava doente e ele focou suas

atenções distorcidas em mim, desde então. Não explica *porque* me escolheu, mas, definitivamente, explica como.

“Então é assim que você sabe tudo sobre meu histórico médico. É por isso que pôde conseguir meus remédios, tão facilmente. Você é especialista em dor, no centro médico em que recebo todo meu tratamento.”

Ele assentiu bruscamente. "Está certo."

Estreitei meus olhos. "Você sabe que é ilegal, certo? Olhar para os arquivos médicos de alguém, quando eles não são seus pacientes? ”

Ele arqueou uma sobrancelha e gesticulou ao redor da cela. "Pareço alguém que se importa muito com o que é legal?"

Ele estava certo. Foi uma declaração estúpida e sem sentido. Levantei-me e me afastei dele todo o caminho, até o outro lado da cela. Não que fosse muito longe. "Então você ajudou minha mãe com sua dor, quando ela estava morrendo e o tempo todo estava me perseguindo e planejando me levar, para causar dor?" Balancei minha cabeça. "Você está distorcido."

"Não é o que pensa, Celeste."

"Sério? Porque acho que você é uma foda doente! ”Eu disse. Segurei minhas palmas na minha frente, com medo de que ele me agarrasse, como fez na outra semana. "E você não pode me punir por dizer isso, porque disse que não iria hoje à noite, não importa o que eu diga!"

“Como eu disse, não é o que pensa. Você precisa se acalmar. Agora mesmo, “ele disse, rigidamente.

Eu não precisava me acalmar. Precisava gritar. Precisava bater meus punhos no peito dele.

Fiz uma careta, quando algo me ocorreu. Não pensava nisso há muito tempo, mas, desde que tinha dezessete anos, alguém me enviava pequenos encantos de coração de prata todos os anos, no meu aniversário. No primeiro ano, uma pulseira para prender os encantos, também tinha sido enviada para mim.

Minha mãe começou a ficar doente, quando eu tinha quase dezessete anos. Ela não foi internada em Morrison por doença hepática terminal por dois anos, depois que ela adoeceu, mas ainda estava doente e era uma visitante frequente no local, antes disso.

"Você me enviou as joias." Coloquei minhas mãos nos meus quadris.

"Eu fiz."

"Por quê?" Balancei a cabeça novamente. "Estacar sua reivindicação de algum jeito estranho e fodido? E Deus... por quanto tempo? Quatro anos? Você está mesmo doente."

Ele se levantou. "Você pode pensar o que quiser, por agora, Celeste. Mas entenderá, um dia. Agora acalme-se, ou eu poderia ser forçado a mudar de ideia sobre nosso acordo anterior." Seus olhos estavam sombrios de raiva.

Engoli em seco, mas não respondi.

"Vai continuar sendo uma pirralha?", Ele perguntou.

Lentamente, voltei para a cama, minhas pernas e braços tremendo. "Não."

"Bom. Agora olhe para esta foto." Ele se sentou novamente e estendeu outra foto. Era semelhante a primeira, só que com uma garota diferente, ainda mais jovem e, obviamente, levada para uma sala diferente. Provei bile na minha boca, quando olhei para ele.

"Como você se sente, Celeste?"

"Deus, pare de me perguntar isso, por favor!" Eu disse, afastando a foto. "É horrível, igual ao primeiro! Não sei o que mais você espera que eu diga."

"Tudo bem." Ele treinou seus olhos no meu rosto, como se procurando por qualquer indício de que estava mentindo. "Não muito antes de eu te trazer aqui, escutei algumas de suas anotações de sessões de terapia."

Joguei minhas mãos e o interrompi. "Claro, claro que você fez. Perseguidor Psico."

Ele ignorou minha insolência, por agora. Eu, provavelmente, pagaria por isso depois, mesmo que ele tenha me prometido um alívio por esta noite. “Você disse algo sobre uma porta. Já sonhou com isso de novo?”

Enruguei meu nariz. Como perturbado esse cara era? Parecia que ele estava tentando brincar de psicólogo comigo agora, mas por quê? O que diabos estava errado com ele?

"Algumas vezes", eu disse.

"Alguma idéia do que está por trás disso?"

"Não. Mas também não me importo.”

Ele se levantou novamente. "Você vai", ele disse suavemente. “Mas claramente, esse dia não é hoje. Você não está pronta.”

Revirei meus olhos. Eu estava tão cansada de ouvir isso.

“Eu quero que você continue pensando nisso. Lembre-se o máximo que puder da sala e por que você estava lá,” continuou ele.

Enruguei meu nariz. "Por quê?"

“Porque talvez esteja pronta. Eu só estou cuidando de você, prometo.”

Devo ter feito uma careta, porque ele sorriu timidamente. "Sempre cumpro promessas, Celeste."

Ele saiu da cela e trancou, como sempre fazia.

Eu me levantei e caminhei. "Espere, Alex. Quero dizer... senhor.”

Ele olhou para mim impassível, através das barras. "Sim?"

“Por que me dá todos meus analgésicos e me faz fazer fisioterapia, quando quer me causar dor, de qualquer maneira? Por que não tirar as pílulas, se quiser me machucar?

Eu conhecia a ideia de me punir com chicotes e Deus sabe o que mais o excitou. Tinha visto em seus olhos, toda vez que ele mencionou isso, aquela faísca de fogo, no pensamento de me fazer gritar e chorar. Ele, provavelmente, não podia esperar até a

próxima vez que eu estragasse tudo, só para que pudesse, finalmente, dar-me uma surra.

Ele apertou os lábios em uma linha fina e então respondeu. "Nem toda a dor é ruim." Ele se virou, para descer a passagem, longe da minha cela.

Minha raiva ferveu novamente. "Deus, estou tão enjoada das suas respostas enigmáticas!" Gritei. "Apenas me diga por que está fazendo tudo isso para mim! Sei que me encontrou no hospital, quando tratou minha mãe, mas por que *eu*? Diga-me, porque me escolheu e por que está me mantendo trancada assim?"

Ele parou, mas não se virou. "Talvez não seja isso que você mantém bloqueado de todos os outros. Talvez eu esteja mantendo todo mundo longe de você."

"Oh, vamos lá, eles, basicamente, significam a mesma coisa!" Eu disse indignada.

Ele, finalmente, virou-se para mim, calmo e frio como sempre. "Não. Eles não."

"Eu lhe disse para parar de me dar essas não-respostas evasivas".

Seus olhos se estreitaram e ele caminhou em minha direção. Recuei, afastando-me das barras, meus olhos indo para o chão. *Foda-se, foda-se.* Eu o deixei com raiva, novamente. De alguma forma, o pensamento me envergonhou. Eu sabia que não deveria. Eu não deveria me sentir mal, por enfurecer esse monstro. Mas eu fiz, assim mesmo. E o fato de sentir vergonha fez-me sentir ainda mais vergonha de mim mesma; um círculo vicioso.

Pelo menos não havia como ele pensar que eu tinha sido muito boa hoje. Fui muito, muito mal. Nenhuma suspeita lá.

"Desculpe, senhor", sussurrei, olhando para ele, com uma expressão suplicante. "Por favor…"

"Você não me diz o que fazer." Seus olhos estavam em chamas, descascando minhas paredes de defesa. "Nunca."

"Eu sei, Desculpe-me, " murmurei. "Estou com medo. E confusa. Não sei o que fiz, para me escolher. Só quero que me deixe ir. Quero ser livre novamente..." Afundei no

chão frio, enquanto minha voz sumia. Deus, talvez eu, realmente, estivesse começando a quebrar.

"Vou te dizer uma coisa."

Olhei para cima, meus olhos arregalando-se. Não falei nada, simplesmente, esperei que ele continuasse.

“Você está mais livre aqui, do que já esteve lá fora. Tente se lembrar disso.”

Eu não me incomodei, perguntando o que ele queria dizer. Sabia que descobriria em breve.

14

CELESTE

Colei um sorriso falso no meu rosto, enquanto Alex entrava na minha cela, com o jantar de hoje. "Olá, senhor", eu disse baixinho, mantendo minha cabeça curvada.

"Boa noite, anjo." Ele colocou a bandeja para baixo, em seguida, olhou para o livro de suspense, no final da minha cama. "Terminou isso?"

Balancei a cabeça e ele substituiu por um novo.

Houve seis dias disso, eu fingindo ser boa e obtendo pequenas recompensas, como resultado. Tenho livros e revistas para me entreter durante o dia e Alex tinha até mesmo substituído meu cobertor áspero, por outro um pouco mais bonito. Ele também me trouxe um tubo de desodorante, junto com uma escova de dentes, creme dental e água engarrafada, para que eu pudesse escovar meus dentes pelo ralo. Antes disso, tudo o que me foi permitido para minha higiene dental, era enxaguatório bucal, acho que no caso de eu tentar algo, como colocar a escova de dentes como se fosse um filme de suspense.

Mas ele confiava em mim agora, o suficiente para me dar uma. Meu plano estava funcionando.

Eu sabia que tinha que quebrar as regras em breve, no entanto. Muito em breve. Caso contrário, ele ficaria desconfiado da minha repentina mudança de opinião em relação à minha situação. Ninguém quebrou tão rápido.

Suspirei, quando dei minha primeira mordida no jantar. Era uma espécie de prato de batata. Realmente, foi bastante decente, mas não ia deixá-lo saber disso. Muito pelo contrário.

"Algo em sua mente, Celeste?" Alex perguntou, como eu sabia que ele faria.

"Não quero isso." Fiz beicinho e empurrei a bandeja para longe. "Estou ficando doente dos mesmos alimentos brandos o tempo todo. Você pode aprender a temperar coisas com ervas e especiarias. Ou pelo menos ponha um pouco de sal nele. Não posso comer isso. De novo não."

Ele me olhou incrédulo, como se não pudesse acreditar que eu estava, de repente, tomando uma atitude com ele sobre a comida, depois de todo esse tempo.

"Há algo mais que quer dizer, Celeste?" Seu olhar gelado cortou-me, enquanto andava em direção ao berço. "Você parece cansada de seguir as regras."

"Estou cansada de tudo! Você continua dizendo que não estou pronta para saber por que estou aqui ainda, mas acho que isso é besteira. Não há motivo para eu estar aqui! Você só não quer admitir a verdade ainda."

"E que verdade é essa?"

Eu estreitei meus olhos. "Que você é um maldito psicopata."

"Ah. Então você está de volta com a atitude em pleno vigor, não é? Eu sabia que não tinha terminado ainda." Ele sorriu, mas não havia diversão por trás disso, apenas crueldade. Apesar do fato de que eu, praticamente, pedi por isso, recuei de medo, de qualquer maneira. A punição estava chegando e, embora fosse parte do meu plano, isso não significava que não estivesse com medo.

Ele me agarrou pelo braço direito e me colocou de pé, antes de me puxar pela cela, em direção à porta. "Fui indulgente com você nas primeiras semanas, porque era nova. Não mais, Celeste." Sua voz era calma, ainda que totalmente fria.

"Por favor não! Desculpe, senhor! "Fingi implorar, mas sabia que não fazia diferença. Eu pedi por isso.

Ele me puxou pela passagem, depois me obrigou a subir os degraus. Deixou a porta destrancada e quando a abriu, percebi que tinha razão, algumas semanas atrás. Minha cela estava no subsolo. A julgar pelo ângulo e aparência da porta, parecia que fazia parte de um antigo abrigo antiaéreo.

Estremeci, quando o frio me atingiu. O chão estava coberto de neve espessa e ventos gelados batiam no meu rosto, arrepiando-me até os ossos. Alex me pegou, levando-me para longe do abrigo, segurando-me apertado, em seus braços fortes. Ele não estava fazendo isso para ser legal. Estava se certificando que não consegui queimaduras nos pés, caminhando na neve, como isso me causaria dor. Ele queria ser a única pessoa ou coisa que me causou dor.

Isso ficou claro para mim agora.

"Por favor, desculpe-me! Leve-me de volta para a cela! ” Continuei implorando, batendo meus punhos em seu peito, enquanto me levava para uma casa. Ele não respondeu.

Enquanto eu fingia implorar e suplicar, aproveitei a oportunidade para verificar o que nos cercava. Deve ter sido por volta das seis, porque o sol estava desaparecendo rapidamente e o céu estava colorido com os tons rosa, azul e roxo do crepúsculo. Eu ainda podia ver o suficiente, para ter uma ideia de onde estávamos, no entanto. Em nenhum lugar perto da cidade, isso era certo. Parecíamos estar no meio do nada, em uma enorme propriedade. A neve nítida cobria o que, provavelmente, eram campos verdes durante a primavera e eles eram ladeados por densas florestas, que se estendiam por quilômetros em todas as direções, exceto uma. À nossa esquerda, havia uma estrada estreita e arborizada, que levava à casa e, além disso, eu conseguia distinguir uma estrada maior.

A casa em si era enorme. Tinha uma aparência de château, com um telhado íngreme, arcos de base circular e mansardas e a alvenaria era de pedra creme. Se eu a visse, em quaisquer outras circunstâncias, poderia pensar nela como minha casa dos sonhos.

Agora, tudo que conseguia pensar era*: é onde um monstro mora.*

Alex me arrastou para dentro e nos poucos segundos que tive, girei minha cabeça e olhei para o interior, e pude ver que era tão elegante e bonito quanto o exterior. Espaçoso, com paredes brancas e lambris, piso de madeira polida, balcões de mármore e móveis caros.

Como alguém, com uma alma tão feia, poderia ter um gosto tão lindo?

Ele me arrastou por um corredor, chutando e gritando, em uma sala com paredes cinzentas escuras. Seus dedos torceram no meu cabelo, puxando-o, enquanto eu tentava olhar ao redor, para ter uma ideia do que era este lugar. A câmara de tortura era, provavelmente, a descrição mais adequada. Havia uma pequena plataforma de um lado, com uma espessa viga de madeira pendurada acima dela. Uma grande mesa, ao lado, continha cordas, punhos, facas e correntes e uma prateleira continha todos os tipos de chicotes e palmatorias.

Tudo o que ele tinha guardado para mim, ia doer.

Mesmo que eu tenha feito isso acontecer, o pânico explodiu através de mim, no entanto e comecei a gritar e chorar. Tentei sair correndo da sala, mas não fui páreo para Alex. Num piscar de olhos, ele me colocou na frente da plataforma e me amarrou na viga, de modo que meus braços estavam acima da minha cabeça e meus dedos apenas tocavam a base da plataforma.

Então ele ficou na minha frente, seus olhos brilhando a apenas alguns centímetros dos meus. “Tenho sido legal com você, até agora. Não mais."

"Por favor, senhor..." Sussurrei, meus olhos se enchendo de lágrimas. Eu sabia que isso tinha que acontecer, mas ainda não suportava a ideia de dor iminente.

Ele balançou sua cabeça. “Você sabe que ganhou isso. Precisa obedecer e me respeitar.’’

"Eu não posso."

Ele sorriu. “Eu sabia que estava apenas fingindo, nos últimos dias. Estava só esperando você sair e jogar de novo.’’

Eu me debati e lutei, inutilmente, enquanto pendurava no ar. "Espere", engasguei, em uma última tentativa de impedi-lo de me machucar muito mal. "Não deveria haver... regras? Com esse tipo de coisa?’’

Alex riu, como se eu tivesse contado a piada mais engraçada que ele já ouviu. “As únicas regras, neste lugar, são as que eu te dou para seguir.”

Ele pegou uma faca da mesa e, gentilmente, tocou-a lentamente andando ao meu redor. Tirou minha roupa, até que eu estava completamente nua, usando a faca para cortar minha camisa e sutiã. Olhei para frente, tentando bloquear a vergonha de estar nua na frente dele, novamente.

Eu estava com medo do que ele ia fazer comigo, mas havia algo mais acontecendo no meu corpo, ao mesmo tempo, reagindo à ideia desse homem me tocando. A única coisa que pude pensar, de repente, foi sua proximidade e o calor de seus dedos, quando ele tocou minha carne nua. Meus mamilos endureceram e a área entre as minhas pernas umedeceu.

O que estava acontecendo comigo?

Eu estava mais com medo dessa reação, do que da dor que iria receber, porque significava que havia algo, seriamente, errado comigo. Estava doente, torcida, confusa.

Alex deu um passo para trás, em minha frente, um sorriso familiar no rosto. Mesmo que eu estivesse suspensa de uma viga, ele ainda se elevava sobre mim. "Você está molhada, não está?", Ele perguntou, inclinando-se e deslizando a boca perto da minha orelha.

Como ele sempre soube tudo sobre mim? Sequer me tocou lá...

"Não, senhor", sussurrei. Eu estava mentindo e nós dois sabíamos disso.

Ele, suavemente, acariciou a mão ao longo do interior da minha coxa esquerda e se afastou, sorrindo, enquanto me contorcia contra ele, tentando chutá-lo para longe. “Você está, não é? Não minta para mim, anjo.

"Não..." Repeti a mentira anterior, mas era tão óbvio agora. Minha voz estava aguda, desesperada.

Alex riu baixinho, as pontas dos dedos acariciando a linha, onde minhas coxas encontraram minha boceta. Então se moveu mais alto, acariciando o polegar sobre meus lábios e o broto sensível, que eu mal havia tocado. Soltei um grito humilhado. Não havia como negar que estava encharcada e totalmente preparada para ele.

Nunca estive tão envergonhada. Se ele me chicoteasse ou me espancasse, hoje à noite, as cicatrizes curariam, mas nunca poderia escapar da minha memória doentia essa humilhação.

Alex riu novamente e se afastou, indo em direção à mesa. Colocou a faca no chão e pegou um chicote de couro preto da prateleira. Não era enorme, mas eu sabia que ainda doeria como o inferno.

"Hora de pagar o preço, Celeste", ele disse suavemente. “Cinco golpes, por recusar sua comida. Cinco, por ser desrespeitosa. E mais cinco, por mentir.”

"Mas eu não menti!"

Ele sorriu, arrastando o chicote sobre as mãos, enquanto me olhava. “Oh, anjo. Quando vai admitir isso? Você diz que sou o único em negação, mas é você.”

"Não..." Eu odiava que ele estivesse certo. Novamente. Por que mais eu estaria tão excitada?

"Sim." Ele deu um passo atrás de mim. “Você contará cada golpe. Se parar ou informar o número errado, começaremos de novo. Entendeu?"

Choraminguei. "Sim senhor."

Ele arrastou o chicote na minha bunda, antes de levá-lo mais alto, sobre a parte superior das costas. Então, ele se afastou. Pensei que ele, pelo menos, perguntaria se eu estava pronta ou anunciaria sua intenção de começar, mas não o fez. Ouvi o couro assobiando no ar, um segundo depois e então, gritei, quando o primeiro ataque veio. A dor aguda, agonizante e vermelha cortou meus ombros.

"Um", eu chorei, forçando-me a espalhar a palavra. Reflexivamente, torci meu corpo, tentando e não conseguindo fugir.

Por um momento, a sala ficou em silêncio e imóvel. Então, o assobio veio novamente e o chicote bateu nas minhas costas, em um ponto diferente. "Dois", eu ofeguei, lágrimas enchendo meus olhos.

Outras três barras de fogo atravessaram minhas costas, em suma sucessão. "Três, quatro, cinco", chorei, mal fazendo a contagem. A dor era demais, demais. Certamente, não conseguiria sobreviver a isso.

Queria fechar meus olhos e desaparecer em minha mente, fingir que não estava aqui, para ver se isso diminuiria a queimação, mas não poderia, no caso, esquecer de contar em voz alta. Isso só traria mais golpes e mais dor.

O sexto golpe veio. Lágrimas salgadas entraram na minha boca. Minhas pernas estremeceram, enquanto eu uivava, mas o solavanco logo diminuiu e os gritos agonizantes morreram em minha garganta, quando Alex baixou o chicote pela sétima e oitava vez. De alguma forma, a experiência estava se tornando quase gratificante. Com os golpes veio uma dor aguda, ardente, mas na verdade, mascarou a dor do nervo eletrizante, debaixo da minha pele.

Enquanto Alex deixava o chicote cair de novo e de novo, meu cérebro e meu corpo pareciam alcançar um ponto de entrega total, absorvendo as sensações e respondendo com excitação, em vez de agonia. Ainda doía, mas ao mesmo tempo parecia meio... bom.

O que estava acontecendo comigo? No que esse homem me transformou?

"Catorze", eu chorei. O suor escorria da minha testa. A dor voltou, subitamente, queimando mais do que o prazer ardente.

Os golpes, misericordiosamente, cessaram com o próximo, como prometido. "Quinze", ofeguei, lágrimas de alívio escorrendo pelo meu rosto.

Alex deu um passo, para me encarar novamente. "Você aprendeu sua lição?" Ele perguntou, sobrancelhas franzidas.

"Sim, senhor." Solucei as palavras, não querendo admitir que uma pequena parte de mim, realmente, gostou da surra. Isso estava errado. Doente. Eu não era assim...

Oh, mas você é, uma pequena voz na minha cabeça, disse. Uma memória velha e antiga brilhou em minha mente. Meus pais compraram uma coleção de enciclopédias para mim, quando aprendi a ler corretamente e costumava passar horas debruçada

sobre elas. Mamãe e papai estavam felizes, na época, amando como eu parecia interessada em ler e aprender, mas, na realidade, meus olhos estavam sempre examinando a mesma seção, no livro "P". *Punição*. Eu costumava ler sobre torturas medievais, flagelações em prisões antigas, até nove chicotadas de rabo de gato em navios piratas e eu não conseguia parar de voltar de novo e de novo.

Quando eu era jovem, não sabia por que achava tão intrigante. Tudo que sabia era que isso me dava uma sensação engraçada na barriga. E agora... agora eu tinha menos certeza do que estava acontecendo. Certamente, não queria essas coisas. Quero dizer, ainda gostava de ler sobre esse tipo de coisa e se alguém passasse pelo meu histórico de navegação na internet, provavelmente ficaria chocado com as histórias que li e os vídeos que assisti.

Mas isso não significa que eu queria para mim mesma. Foi apenas... interessante. Isso é tudo.

Alex desamarrou meus braços do feixe e me ajudou a ir para o chão. Minhas pernas eram como geléia e minhas costas doíam, mas ele, gentilmente, guiou-me para fora do quarto e entrar em um pequeno banheiro, no final do corredor, sem piorar minha dor.

Depois de se agachar em um armário, por um momento, encheu um copo com água e me entregou duas cápsulas brancas. "Analgésicos", disse ele. "Não se preocupe, eles não interagem com os que você já está usando. É seguro tê-los ao mesmo tempo. Ajudará com a dor.''

Balancei a cabeça e engoli as pílulas. "Obrigada, senhor", sussurrei.

Ele sorriu para mim. "Você pode andar mais um pouco?"

Balancei a cabeça e ele acenou para segui-lo mais abaixo, no corredor. Meus joelhos tremeram, mas consegui fazê-lo.

Alex parou do lado de fora de um conjunto de portas duplas brancas e olhou para mim, as sobrancelhas ligeiramente levantadas. "Aqui."

Andei até as portas, quando ele as abriu, olhando para o enorme espaço além.

A primeira coisa que notei foi uma cama queen-size fofa, com lençóis cor de ardósia cinza, inúmeros travesseiros e um cobertor de vison falso. À direita, havia uma poltrona antiga, em um canto e uma cômoda branca, com espelho anexado, encostada na parede, do outro lado. Um candelabro pendia do teto.

"Você pode olhar em volta", Alex disse, batendo na minha bunda, para me empurrar para a frente. Ocorreu-me que eu não estava mais envergonhada de estar nua na frente dele. Acho que, finalmente, acostumei-me com isso agora.

Olhei ao redor, maravilhada, observando o resto do enorme quarto, enquanto, lentamente, caminhava através dele. Uma parede estava forrada com uma estante branca combinando, empilhada com livros e revistas e outra, com um grande armário de TV cheio de DVDS e uma enorme tela LCD pendurada acima, presa à parede. Na frente, havia um sofá secional de sarja cinza escuro, com almofadas de assento e um tapete de tecido creme, com furos.

Além de tudo, havia uma passagem curta, que levava a dois cômodos anexos, um grande closet, cheio de roupas e um banheiro luxuoso. O banheiro tinha azulejos de mármore, com um enorme chuveiro para duas pessoas e uma banheira redonda autônoma. Grandes toalhas felpudas pendiam das prateleiras. Eu não podia tocá-las ou cheirá-las, de onde estava, mas só pela visão, sabia que elas seriam quentes e cheirariam a um campo fresco na primavera.

Era como um quarto de hotel inteiro, dentro da casa, luxuoso, com certos pequenos toques, que faziam com que parecesse uma casa também. Uma casa construída para mim. As pinturas e fotos na parede, certamente implicavam isso, de qualquer forma. Eles apresentavam representações de muitas coisas que eu adorava olhar. Paisagens montanhosas, arquitetura européia e gatos bonitinhos. Havia até um pôster do tipo "I Want To Believe" pendurado perto da TV, algo que aparece em um dos meus programas de TV antigos favoritos, Arquivo X.

Quem projetou este quarto conhece-me por dentro e por fora. Era o estilo exato que sempre sonhei em ter, mas nunca consegui. Algumas das decorações poderiam ser consideradas coisas genéricas, que a maioria das pessoas gostava de ter, como as

pinturas de paisagens, mas as fotos do cartaz e do gato deixaram claro que o designer do quarto tinha-me em mente.

A única coisa que não gostei foi a pequena tigela de peônias rosa, colocada em uma mesa baixa de café branca, em frente ao sofá. Eu odiava peônias. Não faço ideia do porquê; simplesmente não podia suportar a visão delas.

"O que é este lugar?" perguntei, meus olhos arregalados, quando voltei para Alex.

"Aqui é onde você poderia ficar, se ganhasse minha confiança e se comportasse corretamente", disse ele. "Você ainda não está nesse ponto, obviamente. Não aprendeu o suficiente. Mas um dia, poderia estar aqui. Isso tudo pode ser seu.''

Gesticulei ao redor do amplo quarto. "Você, realmente, tem tudo isso só para mim?"

Ele assentiu. "Sim. Vá e deite na cama. Em frente.''

Meus joelhos, de repente, pareciam fracos novamente. "Mas você disse que não iria..."

Seus olhos se estreitaram. "Não vou estuprar você, Celeste. Quero esfregar creme medicamentoso nas suas costas, para ajudar com os vergões.''

Ele atravessou a sala e abriu uma das gavetas da cômoda, puxando um pequeno tubo branco. "Deite."

Desta vez, fiz o que ele disse, confiando que não iria me violar. Agora que eu sabia seu nome verdadeiro e estava dentro de sua casa, parecia mais humano para mim. Eu não tinha certeza do porquê, ainda era um monstro, por me manter aqui. Mas, de alguma forma, sabendo que era uma pessoa com um nome real e uma vida, fora disso, fez dele menos aterrorizante e mais um ser humano, que poderia cometer erros. Apenas como eu.

Engoli em seco e balancei a cabeça, como se isso sacudisse os pensamentos do meu cérebro. Esperava que isso não fosse síndrome de Estocolmo. Esperava que não estivesse simpatizando com Alex, de qualquer forma.

É apenas um mecanismo de enfrentamento. Uma técnica de sobrevivência.

Deitei no meu estômago, a pele formigando de antecipação. As mãos de Alex logo encontraram o caminho para minhas costas e arrepios apimentaram cada centímetro de mim, quando ele começou a esfregar o creme em movimentos suaves e radicais. O creme era fresco e suave e suas mãos eram como mágica, massageando-me, até meus mamilos ficarem duros contra a cama.

Foi tão bom que, por alguns momentos felizes, esqueci que estava em um pesadelo vivo. Sorri, mas logo isso desapareceu, quando lembrei porque ele estava me tocando assim.

Apertei meus olhos e tentei me forçar a lembrar que Alex era um monstro e gostava de me machucar. Na verdade, ele me machucou apenas vinte minutos atrás. Mas estava ficando tão difícil concentrar-me nisso agora, que suas pontas perfeitas e mágicas estavam em cima de mim. Meu corpo inteiro parecia estar se derretendo no cobertor de vison macio e minhas coxas pareciam se abrir por conta própria, enquanto eu, lentamente, muito lentamente, comecei a me esfregar contra a cama. Fingi que estava apenas me movendo com o ritmo das mãos de Alex, enquanto me massageavam para cima e para baixo, mas qualquer um, com mais de dois neurônios, saberia a verdade.

Ainda assim, não consegui parar. Era tão bom, o prazer se desenrolando no fundo da minha barriga, com cada movimento de moagem da minha fenda contra o vison macio. Eu me toquei no passado, mas nunca por muito tempo, porque me senti muito culpada. Mas agora não. Essa culpa foi, repentinamente, perdida, embora não estivesse sozinha e meus instintos não mais me diziam para fugir. Eles me disseram para ficar. Obedecer.

Tudo, de repente, apertou dentro de mim, uma doce tensão crescendo a cada batida rítmica. Eu empurrei na cama, incapaz de impedir minhas pernas de se contorcerem. Estava chegando perto de alguma coisa. Tão perto.

Alex puxou as mãos para trás e me virou. Seus olhos estavam escuros com luxúria. "Você gostaria de ter seu primeiro orgasmo, Celeste?"

Eu não queria dizer sim, não para ele. Mas era como se alguém tivesse tomado posse da minha mente e da minha boca. "Sim", encontrei-me dizendo. "Sim, por favor, senhor."

Em algum lugar, em uma parte distante da minha mente, eu me perguntava como ele sabia que nunca tinha gozado antes. Então, outra onda inebriante de desejo inundou-me, abafando tudo, até que restou um pensamento singular.

Prazer.

Alex se levantou e atravessou a sala, de volta para as gavetas da cômoda. Puxou um par de calcinhas de renda branca e um pequeno dispositivo preto, eu não tinha certeza do que era e caminhou de volta para mim.

"Coloque isso", disse ele, entregando a calcinha para mim.

Eu fiz como ele disse. Seus lábios se curvaram em um sorriso e ele apertou um botão na coisa preta. A calcinha, instantaneamente, começou a vibrar e ofeguei, quando minhas pernas sacudiram-se, em surpresa. "Oh!"

"De joelhos", Alex ordenou.

Eu fiz como ele disse, afundando de joelhos na frente dele.

“Eu tenho isso na configuração mais baixa. O suficiente para se sentir bem, mas não o suficiente para te fazer gozar ”, disse ele. "Você vai me levar em sua boca. Quanto melhor você me agradar, mais aumentarei as vibrações.

Eu corei. "Sim senhor."

"Se tentar me morder, não vai querer saber o que vou fazer com você", ele disse, os olhos brilhando, com a ameaça sombria.

"Sim, senhor", murmurei novamente.

Ele abriu o zíper de sua calça preta e tirou o pênis. Eu não pude deixar de arregalar os olhos, com a espessura dele, projetando-se para cima de uma mecha escura de cabelos.

Ele deslizou dois dedos grossos em minha boca, forçando-me a abrir bem. Então empurrou para dentro de mim, sem esperar que eu me ajustasse ao seu tamanho. Lágrimas ardiam nos meus olhos, enquanto eu lutava para respirar pelo nariz. Peguei a base do seu pênis, como vi em todas as fotos sujas que olhei, secretamente, no meu laptop, em casa. Comecei a mover minha mão no mesmo ritmo de seus movimentos, enquanto ele empurrava em minha boca, bombeando-a impiedosamente, forçando-me a levá-lo profundamente, até que quase engasguei e sufoquei.

"É isso", ele rosnou, os dedos enroscados no meu cabelo.

Tentei o meu melhor para não me contorcer e, acidentalmente, mordê-lo, quando aumentou as configurações de vibração no controle da calcinha. Cada impulso de seu pau dentro da minha boca e garganta, fez a umidade crescer entre minhas pernas. Não foi só por causa da calcinha vibrando em todo meu clitóris.

Nunca imaginei que me sentir tão suja seria tão agradável. Eu costumava, secretamente, gozar, vendo fotos sujas de outras mulheres sendo amarradas e prontas para chu*par* paus, antes de levá-las para qualquer outro lugar também, mas sempre havia algum tipo de desconexão entre mim e elas. Gostava de olhar, mas não sabia *por que,* certamente, não sabia que poderia ser uma delas. Ou que, realmente, pudesse gostar disso.

Alex gemeu muito alto, quando joguei minha língua contra a parte inferior sensível da cabeça de seu pênis, sempre que ele puxou para fora, então, continuei fazendo isso de vez em quando.

"Você é uma porra natural, Celeste", ele murmurou, puxando meu cabelo novamente. Doeu, quando ele puxou, mas gostei. Algo sobre isso enviou pequenas emoções quentes, através do meu sistema e fez arrepios por todo o pescoço. ‘‘Uma puta tão perfeita. Continue chupando, baby.’’

Uma emoção eletrizante passou por mim e me senti relaxar mais. Ele estava feliz comigo. Eu gostava de saber que estava agradando a esse homem, mesmo que o pensamento me envergonhasse em meu núcleo.

Ele grunhiu e fodeu minha boca com mais força, antes de soltar um gemido longo e tão masculino, derramando fluido quente e salgado por minha garganta. Ele não disse isso, mas eu sabia que ele queria que engolisse até a última gota. Então fiz. Engoli tudo e, embora o gosto fosse estranho e novo para mim, senti uma corrida exultante. Fiz isso. Apesar das lágrimas nas minhas bochechas e da crueza em minha garganta, sabendo que daria prazer a alguém tão poderoso, tão perigoso, era quase o suficiente para me fazer gozar ali mesmo. Como se o servir, servisse-me, por sua vez.

Alex sorriu para mim, calorosamente, com aprovação, dedos gentilmente enfiando no meu cabelo, quando, finalmente, deslizou seu pênis para fora da minha boca. "Sua vez. Assim como prometido, ”ele disse, sacudindo o controle novamente.

Meus dedos do pé curvaram-se, quando a pressão e a tensão aumentaram dentro de mim, exatamente como antes, quando, praticamente, arqueei no cobertor, como uma puta no cio. Meus músculos latejaram e apertaram em torno de nada, quando ofeguei. Senti-me tão vazia, tão carente. Tão safada.

Alex me pegou do chão e me inclinou sobre a cama, de bruços e bunda para cima. A calcinha continuou vibrando sobre meu clitóris, enquanto gemidos necessitados saíam dos meus lábios e mal percebi quando ele os puxou de lado, na parte de trás e trouxe um dedo para minha buceta. Sua ponta do dedo deslizou sobre meus lábios, reunindo minha umidade escorregadia, e então, pressionou dentro da minha bunda.

Soltei um suspiro agudo e fiquei dura por alguns segundos, os alarmes soando em minha mente. Ele não deveria estar lá. Ninguém foi. Era sujo, errado, embaraçoso. Tudo bem para fantasiar, mas na verdade *não*.

Mas Deus, senti-me bem....

Foi apenas um dedo, mas eu estava quase, insuportavelmente, cheia. Tremi, odiando como a sensação de estar tão cheia e esticada fez-me sentir tão incrivelmente quente, de uma maneira tão imunda. Eu estava com medo do que isso significava para mim e do que deveria ser. Eu era uma aberração, assim como aquele cara me disse, há muitos anos.

Deixando escapar um gemido baixo, fechei meus olhos e Alex riu, atrás de mim, quando deslizou o dedo mais fundo. "Eu sabia que gostaria disso", disse ele, sua voz profunda e grossa com a luxúria. "E você deveria."

Isso foi o suficiente, como se suas palavras concedessem permissão ao meu corpo. Onda após onda de calor caiu sobre mim, espalhando-se do meu núcleo e irradiando, através de cada centímetro do corpo. Meu primeiro orgasmo... e aconteceu comigo inclinada sobre uma cama, com um perigoso dedo psicopata fodendo minha bunda. Este não era o conto de fadas, que a maioria das garotas sonhava, com pétalas de rosa e beijos doces, em um quarto de hotel, mas, rapidamente, percebi que não queria de outra maneira. Essa mistura de medo e imundície era perfeita. Exatamente o que eu precisava, para meu primeiro clímax.

De alguma forma, Alex sabia disso.

"O que você diz?" Ele perguntou, virando-me, enquanto eu tremia como uma louca.

"Obrigada, senhor", engasguei.

"Boa menina." Ele esperou meu corpo parar de tremer, então me puxou em pé e apontou para o closet. "Você pode se vestir", disse ele.

Eu deveria me sentir mal do estômago, por deixá-lo me fazer gozar. Por fazê-lo gozar e por engolir tudo. Mas não me importei. Logo, saí da minha nuvem de felicidade, mas poderia esperar pelo menos mais alguns minutos.

Eu poderia odiá-lo mais tarde.

Em uma névoa, passei pelas gavetas e cestas no armário. Selecionei um par de calças pretas de yoga e um suéter grosso cinza, antes de sair e olhar, ansiosamente, para a enorme cama. Eu sabia que Alex não me deixaria dormir aqui esta noite. Esta experiência foi apenas um gostinho do que poderia ter, se eu fosse boa. Mas eu fui má, antes, muito má, então, agora que a dor e o prazer acabaram, era hora de me levar de volta para minha cela.

Nem me importei. Eu o segui para fora do quarto e para fora da casa, como se estivesse andando no ar e, de bom grado, subi em seus braços e deixei que ele me

carregasse através da neve, em direção à porta do abrigo. Estava congelando, mas mal registrei isso. Estar em seus braços era quente e reconfortante e nunca me senti tão segura e protegida. Por um momento fugaz, esqueci o quanto o desprezava.

Estava tão entorpecida pelo prazer, que quase me esqueci de fazer uma pergunta urgente, antes que ele me deixasse trancada. Agora era a melhor hora para fazer isso. Percebi que ele estava satisfeito comigo, então sua guarda pode estar um pouco abaixada.

Graças a Deus, ainda tinha um pouco de razão e sanidade em minha mente torturada e confusa.

"Senhor, posso fazer uma pergunta?" Eu disse, quando ele estava prestes a trancar a porta nas barras.

"Sim. O que é?"

"Sei que fui má, mais cedo, mas queria pedir um favor."

Seus lábios se curvaram em um sorriso divertido. "Um favor?"

Mordi meu lábio inferior e balancei a cabeça, alargando os olhos apenas o suficiente para parecer doce e inocente, mas não de forma suspeita. "Notei algumas baratas ao redor. Olhar para elas me faz sentir doente. Sei que, provavelmente, mereço isso, mas apenas pensei... talvez você pudesse me trazer algum tipo de pesticida.''

Suas sobrancelhas franzidas. "Eu não vi nenhuma barata."

"Elas devem entrar e sair das saídas de ar, que levam para fora", eu disse, mantendo minha cabeça respeitosamente inclinada em um pequeno ângulo. “Geralmente, é muito tarde da noite, quando você não está por perto. Acho que elas estão tentando evitar as piores partes do frio.''

Ele assentiu. "Não posso culpá-las. Mas sim, entendo como elas te enojariam. Que tal fazermos um acordo?”

"Um acordo?" Meus olhos se arregalaram um pouco.

“Pegarei um repelente de insetos e, em troca, você fica com a calcinha toda a noite.”

"Eu já estou usando-as, senhor", respondi. "Mantive-as sob as calças de yoga."

"Isso não é o que quis dizer." Ele tirou o controle do bolso, onde deslizou mais cedo. "Você as mantém."

Minhas bochechas aqueceram. "Ok", sussurrei.

"Espere aqui."

Ele retornou dez minutos depois, com uma caixa de iscas de Barata, e colocou um pouco no respiradouro, antes de sair da minha cela. Ligou o interruptor para ativar a calcinha, em seguida, colocou-a no bolso.

"Vou colocar mais alguns lá dentro, em alguns dias", disse ele, apontando para o respiradouro. "Mas isso deve se livrar da maioria delas, por enquanto."

"Obrigado, senhor", murmurei. Forcei um sorriso agradecido, enquanto falava, com uma sugestão de falsa brincadeira em relação à calcinha. No começo seria bom, mas depois de horas e horas, tornar-se-ia demais e não conseguiria dormir. Pelo menos era uma tortura doce, no entanto. Se esse era o tipo de recompensa que eu recebia, por jogar seu jogo distorcido, então estava feliz em pegá-la, por enquanto. Até tomaria mais punição, se fosse necessário. Afinal, não demoraria muito, até eu sair daqui.

Não agora, que meu plano estava começando a tomar forma, com a única coisa que ele me entregou.

Alex se virou para sair, mas, rapidamente se virou e voltou para as barras. “Eu quis dizer o que disse antes. Uma vez que você ganhou minha confiança e aprendeu tudo, esse quarto lá dentro é seu, juntamente com tudo o que vem com ele. Gostaria disso, anjo?”

A mensagem foi clara. Ele poderia fornecer todos os tipos de dor, dor ardente horrível, mas ele também poderia fornecer tantos prazeres. Prazeres perturbadores, de derreter o cérebro. Tudo o que eu tinha que fazer era desistir, entregar-me completamente a ele.

Seus olhos azuis escuros procuraram meu rosto, por uma reação e tentei manter minha expressão em branco. "Sim, senhor", eu disse suavemente, sabendo que era o que ele queria ouvir.

Por mais que odiasse, uma imagem cor-de-rosa de mim mesma vivendo com Alex, naquela grande casa, estava passando pela minha mente. Pode ser tão fácil. Eu poderia viver no luxo, com tudo que sempre quis. Sem contas, sem aluguel, sem trabalho, sem dívidas. Nenhuma responsabilidade da vida real. Tudo o que teria que fazer era seguir as regras e agradá-lo. Talvez tenha sido isso que ele quis dizer na outra semana, quando disse que eu estava mais livre aqui, do que no mundo real.

O pensamento foi fugaz e a realidade lamentável me atingiu, uma fração de segundo depois. Não havia liberdade para ser encontrada aqui. A grande sala, os orgasmos alucinantes, a vida de aparente luxo... tudo isso vinha com um custo exorbitante. Eu nunca seria capaz de sair. Sem dúvida que a janela na sala luxuosa era barrada e eu, provavelmente, estaria trancada lá, quando Alex estivesse no trabalho ou onde quer que fosse. Nunca mais veria meus amigos, novamente. Nunca teria *nenhum* contato humano de novo, além dele e nunca seria permitido o livre arbítrio.

Prefiro trabalhar em três empregos, pagar contas sem fim e morar em uma área degradada, do que viver sem liberdade.

Além disso, não é como se ele me deixasse ficar para sempre. Homens como ele, certamente, queriam novos brinquedos brilhantes, de vez em quando, sobre os quais os antigos eram jogados fora. Talvez eu durasse alguns anos aqui, talvez até uma década... mas, eventualmente, ele iria querer um novo brinquedo e eu ficaria de lado. Nesse mundo obscuro e fodido que criou, ser deixada de lado significava estar disposta para sempre, porque, como eu já percebi, ele nunca me deixaria sair daqui viva.

O pensamento sombrio enviou arrepios na minha espinha, como fazia, toda vez que eu considerava isso.

Sempre tive essa estranha fantasia de fugir para a escuridão. Correndo em direção ao perigo. Às vezes, quando assistia a filmes sobre coisas como guerras, acidentes de

avião e armas, sentia uma onda de adrenalina, ao pensar em estar lá naquelas situações.

Não fazia muito sentido, passei minha vida inteira buscando segurança e proteção, quando, na verdade, a maior coisa que me levou foi o sentimento precário de vulnerabilidade. Aquela sensação trêmula e dolorosa de que qualquer coisa poderia acontecer. Algo novo, algo inesperado.

Uma vez li que era algo a ver com a dopamina. Alguma reação química no cérebro, que faz as pessoas implorarem experiências novas e excitantes, para estimular o aumento de hormônios felizes em suas cabeças. Mesmo se essas situações as pusessem em perigo, elas poderiam se tornar viciantes. Outras pessoas escolheram pára-quedismo ou salto de base, para obter suas emoções. Eu? Escolhi desaparecer na minha cabeça e, secretamente, fantasiar sobre coisas muito mais perigosas. Foi por isso que gostei de olhar para todas aquelas fotos sujas e ler as histórias imundas, no meu laptop.

Mas isso não significa que eu queria na vida real. Foi tudo apenas uma fantasia sombria, certo? No final, eu poderia recuar para o casulo seguro e quente da minha cama e o perigo desapareceria. Tudo na minha cabeça.

Não era assim aqui, no entanto. Aqui, o perigo era real. Sempre espreitando na esquina, enlouquecendo-me de suspense e medo. Isso poderia me machucar. Isso me machucou.

Não, definitivamente, não poderia viver assim. Às vezes, eu ansiava pelo perigo, claro. Ansiava por alguém tomar o controle de mim. Mas isso era apenas uma fantasia fugaz e depois de, realmente, experimentar aquele perigo sombrio de verdade, ansiava muito mais pela minha vida normal. Eu queria meus amigos. Queria minhas aulas e meus trabalhos irritantes. Queria panquecas da Pamela e passear no Frick Park. Até queria minha pequena casa de baixa qualidade.

Acima de tudo, eu queria viver. E esse homem... esse homem impressionante, aterrorizante e incrivelmente bonito... Eu estava além da certeza, de que ele ia me matar um dia.

Isso me deixou com apenas uma maneira de escapar.

Eu tinha que matá-lo primeiro.

15

AGENTE JASON WEST

Recostei-me na cadeira e esfreguei os olhos. Madrugadas e madrugadas estavam começando a chegar a mim, mas era necessário. Nós tínhamos um assassino à solta e o público estava perdendo a fé em sua força policial, bem como aqueles de nós aqui, no FBI. Quinze anos e essa criatura sanguinária tinha espreitado a cidade, mirando em pessoas e as destruindo, depois de semanas de isolamento e tortura.

"Agente West?"

Olhei para cima para ver uma das nossas jovens analistas de pé, ao lado da minha mesa. "Sim?" Eu me endireitei.

"Tem alguém aqui para te ver", disse ela. "O cara da recepção me pediu para encontrá-lo e ver se está tudo bem."

"Quem é?"

"Uma garota chamada Samara Silva."

Fiz uma careta e olhei para minha agenda. "Não tenho uma reunião com ninguém com esse nome."

"Eu sei. Mas ela disse que quer falar com o senhor. Disse que é urgente. Aparentemente, é sobre aquela garota interna, que costumava trabalhar aqui. Aquela, que saiu de repente.

Minhas sobrancelhas se levantaram. "Celeste Riley?"

A analista assentiu. “De qualquer forma, apenas avisando que ela está por aí. Eu tenho que ir a uma reunião agora.”

"Obrigado por me avisar." Levantei-me e fui pelo corredor.

Normalmente, eu não faria uma reunião com nenhum estranho que entrou aqui, mas sempre tive um fraco por Celeste. Ela era educada, boa em suas tarefas e inteligente. Um pouco tímida e triste, talvez, mas eu poderia dizer que ela tinha uma espinha dorsal à espreita em algum lugar, sob tudo isso. Foi uma pena quando saiu e fiquei curioso com o que esta Samara Silva tinha a dizer sobre isso.

Entrei na sala de recepção. Uma mulher estava ali, nervosamente mudando o peso de um pé para o outro. Ela parecia estar em seus vinte e poucos anos, com pele escura e cachos negros brilhantes.

"Sra. Silva?"

A jovem olhou para mim. Seu rosto caiu de alívio e ela correu para mim. "Obrigada por me ver, agente West."

"Posso perguntar o que é isso? Disseram-me que era algo a ver com Celeste Riley."

Ela assentiu ansiosamente. "Podemos ir a algum lugar privado?"

"Claro." Eu a levei para uma das salas de conferência, então, convidei-a para sentar. Permaneci de pé. "O que está acontecendo, Sra. Silva? Celeste está bem?"

Ela roeu uma unha. Pude ver que ela já tinha roído a maioria delas até o final. "Eu pensei… pensei que talvez pudesse me ajudar. Nada está acontecendo e estou ficando... " Ela parou, quando seus olhos castanhos se encheram de lágrimas.

Coloquei uma mão reconfortante em seu ombro. "Respire fundo. Comece do começo."

Ela assentiu e fez o que eu disse, engolindo várias respirações profundas, antes de falar de novo. "Celeste está desaparecida há semanas."

"Eu estava com a impressão de que ela..."

Samara levantou a mão. "Ela está desaparecida. Acredite em mim."

Minha testa enrugou e me sentei. "Continue."

"Ela desapareceu no aniversário dela. Eu a vi mais cedo, naquele dia, mas saí para terminar a festa. Tive toda essa grande surpresa arranjada, e ela deveria se encontrar

comigo às sete, mas nunca apareceu. Pensei que talvez ela estivesse se sentindo dolorida, por causa de seu problema nas costas. Você sabe."

Assenti. Quando Celeste começou seu estágio aqui, ela mencionou que sofria de dor nas costas bastante severa e sua fisioterapeuta recomendou que evitasse levantar caixas pesadas de arquivos, enquanto trabalhava.

Samara continuou. “Liguei para ela e mandei uma mensagem. Sem resposta. Finalmente, fui até sua casa, mas ela não estava lá. Então, fui ao antigo local de seus pais, onde estávamos arrumando coisas, mais cedo e vi que o carro dela estava lá. A casa estava destrancada e sua bolsa e telefone estavam dentro. Mas ela se foi.”

"O que aconteceu depois disso?"

Ela balançou a cabeça e ergueu as mãos, exasperada. "Nada. Comecei a olhar nos próximos dias. Perguntei à vizinha se viu alguma coisa e ela disse que não. Tudo o que ela sabia era que Celeste partiu naquele dia e nunca mais voltou. Perguntei a todos os nossos amigos em comum, mas eles sabiam tanto quanto eu. Até perguntei a seus chefes, em seus empregos de meio período. Todos disseram que ela, simplesmente, parou de aparecer para o trabalho. Então, depois de três ou quatro dias de me preocupar, apresentei um relatório, em uma delegacia de polícia.”

"E o que eles disseram?"

Seus olhos se encheram de lágrimas. “Eles foram idiotas. Disseram que investigariam, mas agiam como se ela, provavelmente, apenas fugisse. É assim para pessoas que não são super ricas, certo? A maioria dos policiais não se incomodam em lidar com isso.”

Levantei a mão. "Tenho certeza que não é o que eles inte..."

Ela me cortou. "Isto é. Eles, basicamente, desistiram, depois de alguns dias, não importa o quanto eu tenha ido lá, nas últimas semanas, para assediá-los para levar a sério. No final, disseram que a opção mais provável era que ela fugiu para cometer suicídio. E foi isso.”

Suspirei e balancei a cabeça. "Eu sinto Muito. Isso é horrível. Mas tenho que perguntar... você acha que tem alguma chance de ser verdade? Que Celeste tiraria a própria vida?”

Ela balançou a cabeça, veementemente. "Não. Estava totalmente infeliz com sua lesão nas costas, mas já havia melhora! E ela, simplesmente, não é assim. Ela é forte, passou por tantas coisas e nunca desistiu. Não iria, simplesmente, desaparecer na floresta e morrer.”

Balancei a cabeça lentamente, desejando que eu pudesse acreditar nisso. Algumas pessoas escondiam seus verdadeiros sentimentos tão bem, que nenhum de seus amigos, ou familiares jamais sabiam o que, realmente, estava acontecendo em suas mentes.

“Ela também estava prestes a obter uma herança de fundo fiduciário, que seu pai criou, quando ela nasceu. Certamente, alguém não decide se matar, quando está prestes a conseguir algo que possa resolver pelo menos oitenta por cento dos problemas deles? ”

Balancei a cabeça lentamente e suspirei. "Você nunca sabe." O dinheiro não resolveu todos os problemas, com certeza.

"E se ela, simplesmente, fugisse, por que não pegaria o dinheiro, para tornar isso mais fácil? Entrei em contato com o advogado que estava encarregado de esclarecer tudo e ele disse que não tinha notícias dela. O dinheiro não foi tocado ”.

"Certo."

"O que todos vocês aqui no escritório acham?" Samara perguntou, seus olhos brilhando. "Quando ela parou de aparecer para o seu estágio, eu quero dizer."

“Presumiu-se que ela desistiu. Ela teve um dia ruim, foi ofendida e envergonhada pelo nosso SAC. Essa foi a última vez que qualquer um de nós a viu. Sua faculdade foi contatada, mas eles disseram que não conseguiram falar com ela. ”

Os olhos de Samara se estreitaram. "Você não acha que é sexista? Como se as mulheres não pudessem lidar com críticas e todos nós ficamos emotivas e largamos nossos empregos, no primeiro sinal de problemas? ”

Levantei a mão. "Peço desculpas. Não foi assim que quis dizer isso. É só que Celeste, obviamente, não estava se divertindo. Ela parecia... perturbada.”

“Nenhuma merda. Ela tinha muito em seu prato.”

Eu, distraidamente, bati meu sapato no chão. "Então, por que, exatamente, veio até mim, Sra. Silva?"

“Ela me disse que você era uma das pessoas legais aqui. Pensei que talvez me ouvisse e me ajudasse. Algo ruim aconteceu com minha amiga. Posso sentir isso."

"O que acha que aconteceu com ela?"

Ela mastigou os restos de sua última unha, os olhos embaçados. Então, olhou para mim, novamente. "Prometa que vai me ouvir. Não me ignorar, como todos os policiais fizeram.”

"Não vou te ignorar", eu disse, suavemente.

"OK. É só... ”Ela fez uma pausa para respirar fundo novamente. “Ela estava obcecada com o caso Heartbreaker. Quer dizer, somos todos obcecados, porque vocês ainda não o pegaram e é muito estranho. Mas Celeste estava tipo... realmente nisso. Eu sei porque, claro. Mas ainda assim.” Ela olhou para mim. “Você deve saber sobre o passado dela. As coisas que aconteceram.”

“Eu sei, sim. Nós todos sabemos.”

“No dia em que ela desapareceu, eu estava ajudando a arrumar algumas coisas, como estava dizendo antes. Demorou séculos, então estávamos falando sobre todos os tipos de porcarias aleatórias e o caso surgiu. Ela me contou sobre todas essas teorias que as pessoas têm, por que ele mata as pessoas. ”

"Eu, sinceramente, espero..."

Ela levantou a mão novamente. "Não se preocupe, ela não me contou nada que aprendeu aqui. Nada confidencial. Apenas todas as pessoas discutem sobre Websleuths ou o que quer que seja chamado. ”

"Certo."

Ela lambeu os lábios, nervosamente. "Ela disse que achava que havia algum motivo para o assassino atacar pessoas, que os policiais ainda não descobriram. Ou até mesmo o FBI. Ela não tinha certeza do que era, mas estava tendo alguns sonhos estranhos e disse que achava que poderiam estar ligados.”

Fiz uma careta e inclinei a cabeça para o lado. "Sonhos?"

“Eu sei que parece idiota, mas ela pensou que talvez estivesse começando a lembrar de algo. Sua terapeuta parecia pensar o mesmo, então não era apenas ela sendo paranóica.”

"Entendo."

“Isso, realmente me assustou. Porque todos nós sabemos que ela é a única pessoa que viu o Heartbreaker. ”

Eu assenti. Essa foi a principal razão pela qual Foley foi contra Celeste assumindo um dos novos cargos de estágio aqui. Ela estava muito perto do nosso maior caso, dado que ela era a única pessoa no mundo a ter visto o rosto de Heartbreaker de perto, depois de uma de suas mortes — pelo menos nós tivemos que assumir que ela viu — e vivemos para contar o conto . Ela era uma criança muito jovem, na época e alegou que não se lembrava o suficiente para nos dizer como o assassino se parecia, além de que, ele era um homem alto, mas ainda assim... ela era a única.

Havia todo tipo de reclamações legais e éticas sobre tê-la no escritório de campo, mas no final, eles tiveram que deixá-la trabalhar aqui, contanto que não fosse autorizada perto desse caso, em particular. Ela teve excelentes notas e conquistou o estágio, em vez da escola.

A idéia de deixá-la participar de uma de nossas reuniões de criação de perfil Heartbreaker incomodou-me um pouco, quando foi sugerida pela primeira vez, como

obviamente aconteceu com Foley, mas minha curiosidade acabou vencendo. Eu tinha votado para deixá-la ficar naquela manhã, assim como os perfiladores de Washington e a maioria dos outros agentes.

Suponho que estivéssemos todos curiosos, imaginando se ela, de algum modo, lembrar-se-ia de algo importante, se a deixássemos ver todas as informações do caso. Estava errado, mas todos pensamos que tudo ficaria bem. Possivelmente, nos deu uma nova liderança ou ângulo. Estávamos desesperados por isso, porque, a essa altura, os assassinatos de Heartbreaker haviam se tornado um daqueles casos infames, que só poderiam ser resolvidos de uma maneira: se alguém apresentasse novas informações.

Fiz uma careta, quando percebi que foi, realmente, o último dia em que vimos Celeste, aqui no escritório. Talvez tenha sido nossa culpa. Nós a empurramos muito forte.

Um raio de culpa passou por mim. "O que, exatamente, está tentando dizer, Samara?" perguntei suavemente. Eu já tinha um pressentimento, mas queria que ela confirmasse.

"Estou preocupada que ela começou a se lembrar muito. E se o assassino, de alguma forma, descobrisse? Quero dizer, ele a deixou sozinha todos esses anos, provavelmente, porque assumiu que ela era apenas uma criança pequena e não se lembrava de nada. Mas, se descobrisse que ela estava começando a se lembrar, aposto que a levaria e..."

Ela parou, muito perturbada com a idéia do que poderia ser feito para sua amiga.

"Como ele poderia descobrir?" Eu perguntei.

Ela franziu a testa, impacientemente. "Eu não sei! Mas sinto isso. Algo muito ruim aconteceu com ela e acho que pode ser por causa dele. Acho que descobriu alguma coisa e a levou. E todos nós sabemos o que ele faz com suas vítimas. Ele os mantém presos por semanas, então..." Ela fez um gesto macabro de cortar a garganta com o dedo indicador direito, depois estremeceu e começou a chorar.

Refleti, enquanto ela chorava e enxugava o rosto na manga do suéter. Era estranho mas, e se a jovem estivesse certa? E se o assassino *tivesse* vigiado Celeste todos esses

anos? Ele não queria matá-la, pois ela não combinava com o perfil de suas vítimas, mas, como Samara disse, se ele se sentisse ameaçado, provavelmente, não teria problema em se livrar dela, para se proteger.

Ele poderia tê-la perseguido. De alguma forma, ganhou acesso aos registros de terapia dela. Poderia saber que ela estava preocupada, pois estava começando a se lembrar de algo horrível e poderia tê-la levado.

"Se ele a sequestrou, ela poderia."

“...já estar morta. Eu sei.” Samara me cortou, seus olhos cheios de mais lágrimas ainda. “Pensei nisso. Mas também pensei... se você pudesse me ajudar a encontrá-la, talvez não seja tarde demais. Ela ainda pode estar lá fora.”

Meu pulso acelerou. O que ela estava perguntando era louco. Estava, essencialmente, pedindo-me para resolver um caso, que confundiu os investigadores por quinze anos e agora, dentro de algumas semanas. Não era possível. Não conseguirei encontrar o Heartbreaker e resgatar Celeste, mais do que ela poderia. Isto é, se ele ainda teve Celeste.

"Realmente, não sei o que dizer, Sra. Silva. Quero ajudá-la, mas, simplesmente, não sei o que podemos fazer aqui. Não posso te prometer que o encontraremos em breve. Você sabe quanto tempo tem sido. O homem é bom no que faz, por mais terrível que isso pareça.” Soltei um suspiro profundo.

Samara mordeu o lábio inferior, por um momento. "Você tem filhos?" Ela perguntou, olhando para mim novamente.

"Tenho uma filha, sim."

“E se sua filha desaparecesse? Não gostaria de perder a esperança de que ela ainda estivesse lá fora. Então, não quer fazer nada para encontrá-la?”

"Sim, claro."

“Celeste é minha melhor amiga. É assim que me sinto sobre ela. Você tem que acreditar em mim. Posso apenas sentir isso, ela ainda está lá fora. Mesmo que o

psicopata não a tenha, ela está em algum lugar e está com problemas. Deve haver algo que você possa fazer.

Suspirei e balancei a cabeça lentamente. "Olhe, farei o meu melhor. Se ela não está com o Heartbreaker, então pode ser possível rastreá-la, onde quer que ela tenha chegado. Então, vou começar a investigar."

"Obrigada." Os ombros de Samara caíram de alívio. Ela se levantou, lambendo o lábio inferior novamente. "Deixei meu número de telefone na recepção, se precisar entrar em contato comigo."

Sorri gentilmente. "OK. Entrarei em contato."

"Bom." Ela andou até a porta da sala de conferência, então se virou e olhou para mim. "Por favor, encontre-a, agente West. Encontre-a, antes que seja tarde demais."

16

CELESTE

"VIRE-SE."

Eu, automaticamente, fiz como Alex me disse, mal registrando suas palavras, enquanto ele me dava banho e me esfregava, na minha cela. Minha mente estava em outro lugar, repleta de pensamentos ansiosos do que eu tinha que fazer, em breve.

Meu plano havia mudado, por necessidade.

A idéia original era coletar pó suficiente de dentro das iscas de baratas, para matá-lo. Eles vendiam pesticidas comuns, na loja de artigos para casa, que eu costumava trabalhar em meio expediente e sabia que as iscas continham algum tipo de organofosfato que afetava o sistema nervoso dos insetos. Algo a ver com o bloqueio de neurotransmissores, o que levava à paralisia. Não havia o suficiente para matar um humano, nas iscas, mas se juntasse muitas delas, durante um período de tempo e as esmagasse em uma grande dose, poderia ser o suficiente.

Nos últimos oito dias, Alex me trouxera três iscas, três vezes, para resolver a inexistente questão da barata. Todas as noites, depois que ele se foi, alcancei o respiradouro, peguei as iscas, parti-as e, cuidadosamente, esmaguei os ingredientes tóxicos delas. Também esvaziei uma cápsula da Lyrica e a escondi, entre os itens que ele me trouxe nos últimos dias, por exibir um bom comportamento.

Planejava coletar pó inseticida suficiente, das iscas de baratas, para matar um homem e então colocaria tudo na cápsula quebrada e a colocaria na boca de Alex, de alguma forma. Infelizmente, ele mencionou ontem à noite, que ia parar de trazer as iscas, porque o problema da barata deveria estar bem resolvido agora. Isso só despertaria suspeitas, se eu discutisse e pedisse mais. Então, tive que me ajustar.

Eu não podia mais matá-lo, mas ainda podia machucá-lo.

Lembrei-me de um antigo colega de trabalho contando-me uma história sobre um cara que ele conhecia, que tentara se matar, ingerindo algum tipo de inseticida em pó. Não o matou, porque ele não tomou o suficiente, mas levou a sintomas agudos, como convulsões, fraqueza, vômitos e espuma na boca. Depois disso, acabou inconsciente e em coma por dois dias.

A quantia que eu acumulei estava longe da quantidade que aquele sujeito tomou, mas ainda havia pó de barata suficiente, na cápsula de Lyrica, para incapacitar Alex por um tempo. Uma vez que isso fosse feito, eu pegaria as chaves dele e daria o fora daqui.

Eu sabia que tinha que fazer isso hoje à noite. Todo dia que passei aqui, arrastou-me ainda mais na escuridão, fez-me perder mais e mais da minha mente. Eu podia sentir os tentáculos sufocantes e insaciáveis de simpatia inexplicável por meu captor, rastejando silenciosa mas, seguramente, se não fizesse meu plano em breve, provavelmente perderia a coragem e nunca terminaria fazendo isso. Então ficaria presa aqui, com ele, pelo resto da minha vida, por mais curta que seja.

Tinha minha cápsula de veneno escondida em minhas roupas agora; os que eu colocaria, assim que Alex terminasse de me lavar. Meu coração martelou, dolorosamente, contra minhas costelas, com o pensamento de, finalmente, passar com tudo isso e estava com medo de que ele pudesse pegar no meu pulso rápido e suspeitar que estava fazendo algo.

Ele não disse nada, porém, além das instruções simples que sempre usava, quando me lavava. *Levante seus braços. Vire assim.*

"Como está sua costas agora?" Perguntou, de repente, quebrando o silêncio. Ele largou a esponja e passou, suavemente, as unhas pelos meus ombros e parte superior das costas. Parecia divino e tive a sensação de que era uma recompensa pelo meu comportamento, aparentemente, bom, nos últimos dias.

"Acho que está tudo curado, senhor", eu disse baixinho, minha mente voltando para o chicote, na semana passada. Doeu por alguns dias, mas não me incomodou, recentemente.

“Eu quis dizer a condição do seu nervo. A dor por dentro. Como está isso?"

Fiz uma careta. Isso não tinha me ocorrido antes, porque estava tão distraída com o meu plano de fuga e também porque estava tão acostumada a viver com dor, no último ano, ou mais, desde que minha condição começou. Mas a dor do nervo, na verdade, não era tão ruim quanto costumava ser, apesar de minha dosagem diária de analgésico ter sido reduzida pela metade, há algum tempo. Ele ainda estava lá e perceptível, mas em uma escala de um a dez, sendo um deles uma pequena picada de uma agulha e dez sendo queimados vivos, era um cinco, quando costumava ser um oito.

Deve ter sido os exercícios diários da fisioterapia. Eles estavam, finalmente, trabalhando.

"Acho que, na verdade, ficou um pouco melhor."

Ele passou as mãos pelas minhas costas, novamente e tremi, odiando o quão bom era. Quando ele fez isso, eu, na verdade, mal senti a dor. "Bom", disse. "Está começando a funcionar."

Ele não esclareceu sua declaração, mas assumi que ele também estava se referindo à fisioterapia.

Voltamos ao silêncio, quando ele parou de me coçar e pegou uma garrafa próxima. Fechei os olhos e suspirei feliz, com a sensação agradável de água morna sendo derrubada sobre minha cabeça, alguns segundos depois, deixando meu cabelo bom e molhado, para que Alex pudesse ensaboá-lo com xampu.

"Cristo, eu gostaria de poder te dizer", ele murmurou, enquanto estava atrás de mim. Ele falou tão baixo, que tive a sensação de que estava falando para si mesmo, distraidamente e não percebeu que eu o ouvira, apesar da água escorrer pelos meus ouvidos.

Virei a cabeça para olhar para ele, piscando a água dos meus olhos. "Você pode me dizer."

Seus olhos se arregalaram, por uma fração de segundo, como se tivesse acabado de perceber que falou em voz alta. Então, seus lábios pressionaram em uma linha fina e

ele balançou a cabeça. "Você ainda não está pronta para ouvir isso. Acredite em mim. Eu queria que estivesse."

Eu me virei e revirei os olhos. Essa fome, provavelmente, a milionésima vez que ele disse isso.

"Quando *estarei* pronta, senhor?" Eu disse, tentando manter o sarcasmo fora da minha voz.

"Muito em breve, espero. Você está indo bem."

Ótimo. Vago como sempre.

"Isso é tudo para o seu próprio bem", acrescentou.

Sim, ouvi isso antes também. Idiota.

Tenho certeza que foi, definitivamente "para o meu próprio bem", que ele me forçou a assistir a um vídeo de uma jovem sendo estuprada em grupo, até a morte, ontem.

Na última semana, fui forçada a ver esse vídeo e também mais cinco fotos repugnantes de adolescentes abusadas e violentadas. Pelo menos pareciam adolescentes. Algumas poderiam ter sido mais jovens, outras mais velhas. Era difícil dizer, com a maquiagem borrada, hematomas e sangue em seus rostos.

Cada menina tinha o mesmo círculo esculpido em seu abdômen. A cicatriz era grossa, brutal, áspera nas bordas.

Eu não sabia por que Alex continuava me mostrando as imagens horríveis, mas, toda vez que eu via uma, parecia que algo, no fundo da minha mente, estava se encaixando em algum lugar tão distante, que mal conseguia acessá-la. Talvez algum tipo de memória.

Toda vez que eu tentava pensar muito sobre isso e descobrir o que era, ele escapava. Parecia que estava em um deserto, durante uma tempestade e meus pensamentos e lembranças eram grãos de areia, soprando mais e mais longe nos ventos fortes, até desaparecerem completamente.

Parecia que Alex estava me testando, toda vez que trazia uma nova foto, esperando meus pensamentos reunirem-se, adequadamente. Esperando por uma luz no meu cérebro, para ligar e descobrir a reviravolta. Deus sabe o que essa torção deveria ser, no entanto. A coisa mais óbvia parecia ser a minha primeira teoria, que essas garotas eram suas vítimas anteriores e ele estava tentando mostrar-me o que aconteceria comigo. Alguma tortura mental doentia, inventada pela mente mais distorcida desde Ted Bundy[4].

Tentei não pensar sobre o que ele fez com as garotas, quando terminou com elas. Onde elas podem estar. Eu tinha certeza de que já sabia a resposta, mas não conseguia encarar isso. Era horrível demais, real demais para mim, porque um dia eu, provavelmente, estaria com frio, enrijecida e enterrada bem ao lado delas.

Perguntei-me se ele as manteve nessa mesma cela. Torturou-as, da mesma maneira que me torturou. Eu me perguntava quando ele iria esculpir esse círculo em mim e por quê.

No pensamento doentio, afastei-me de seu toque. "Acho que meu cabelo está pronto, senhor", murmurei, por meio de explicação.

"Tudo bem. Seque e se vista."

Eu fiz o que ele disse e me agachei perto das minhas roupas, propositalmente virada para o outro lado. Antes de colocar a camisa, esgueirei minha cápsula de veneno e a coloquei, cuidadosamente, em minha boca, escondendo-a no pequeno espaço entre as minhas gengivas e bochecha esquerda. Isso tornaria difícil para falar, sem soar estranho ou desalojar a cápsula, mas seria capaz de, desde que tivesse o cuidado de não mover muito meu queixo ou falar muito rápido e alto.

Pratiquei com minhas cápsulas regulares de analgésicos, tantas vezes. Eu poderia fazer isso.

Respirei fundo pelo nariz, depois me virei para encarar Alex, novamente. "Senhor", murmurei, mantendo a cabeça baixa. "Posso lhe fazer uma pergunta?"

---

4 Theodore Robert Cowell, mais conhecido pela alcunha de "Ted" Bundy, foi um dos mais temíveis assassinos em série da história dos Estados Unidos da América, durante a década de 1970.

"Claro."

Inclinei minha cabeça, lentamente. "Bem, é só que a outra semana, quando você... me tocou. Você fez todas essas coisas, mas... ”Parei de propósito e desviei os olhos, tentando fazer parecer que eu estava, claramente, envergonhada de estar falando essas palavras. Na verdade, estava, mas serviram ao meu motivo oculto, então, tudo deu certo.

"Mas o que?" Alex inclinou a cabeça para o lado. Ele ficou intrigado. Eu sabia que ele estaria.

Eu olhei para ele, através dos meus cílios, então, rapidamente, olhei para baixo novamente. Apenas a mistura certa de inocente e provocante. “Acho estranho que tenhamos feito tudo isso um com o outro, mas você nunca… uh… me beijou. Quero dizer... corretamente.” Eu não precisava fingir o rubor que aqueceu meu rosto, apenas alguns segundos depois. Mesmo que só estivesse dizendo isso para obter uma certa reação dele, ainda era embaraçoso.

Alex riu, seus olhos brilhando nos meus, enquanto arrisquei um olhar para ele, novamente. Ele deve estar tão orgulhoso de si mesmo, pensando que, finalmente, quebrou uma parte de mim. Pensando que, eu o queria. "Está me pedindo para beijá-la, anjo?", Disse ele, dando um passo mais perto.

"Sim, senhor", sussurrei, meus joelhos tremendo.

"Então, isso..." Ele se inclinou e roçou os lábios contra minha testa, assim como fez, quando me deu banho nesta cela, todas aquelas semanas atrás. Minha pele, imediatamente, explodiu em arrepio, e contra a minha vontade e melhor julgamento, cada batida do meu coração clamava por mais. "Isso não é suficiente para você?"

"Não, senhor." Minha voz estava pouco acima de um sussurro.

Suas pupilas estavam dilatadas e escuras, enquanto ele olhava para mim. Eu sabia que ele sabia, que esse seria meu primeiro beijo de verdade. Apesar da minha idade, nunca tive um homem pressionando seus lábios nos meus, mesmo que alguns tivessem

desejado. O timing, simplesmente, nunca estava certo e os homens estavam ainda menos certos.

"Você quer mais." Não era uma pergunta.

Assenti. "Sim."

"Então diga", disse, erguendo as sobrancelhas grossas. "Pergunte-me corretamente."

Ele colocou as mãos nos meus ombros e caí de joelhos diante dele. Então, olhei para ele com os olhos arregalados. "Por favor, beije-me, senhor."

Ele não disse mais nada. Grosseiramente, levantou-me e inclinou meu rosto para o dele. Sua boca desceu para a minha, pairando a apenas uma polegada de distância. Provocação. Tortura.

Uma mão segurou minha nuca, a outra descansou, firmemente, nas minhas costas. Então, ele, finalmente, pressionou seus lábios nos meus. Foi suave no início, mas, lentamente, tornou-se mais firme e mais insistente. Todas as terminações nervosas explodiram com a luz e minha mente ficou feliz, por aqueles poucos segundos, enquanto uma sensação quente e carente afogava todo o resto.

Ofeguei, quando sua língua sacudiu contra meus lábios, tentando me fazer abrir a boca para ele. Pulsos de prazer dispararam direto para meu clitóris, enquanto ele sondava suavemente, perigosamente, a língua se lançando para dentro. Eu me contorci no lugar, tentando acalmar a dor crescente entre minhas coxas.

Isso não deveria ser bom, mas aconteceu. Era um beijo que eu poderia, facilmente me perder, ficar perdida. Parecia tão certo se abrir para Alex, ter seu corpo moldado contra o meu e os pensamentos inebriantes enviaram-me em uma pirueta de desejo zonzo. Por um momento, quase esqueci quem ele era e do que era capaz e me senti deslizando para o abismo.

Pare, antes que você se perca para sempre. Alguma parte distante da minha mente me disse.

Saindo do meu devaneio, abri mais a boca, deixando a língua de Alex, lentamente, explorar cada centímetro de mim. Antes que ele pudesse alcançar a cápsula, tirei-a da

minha boca com a própria língua, bem na parte de trás da sua boca. Então, estendi a mão e apertei meus dedos sobre seus lábios, observando, enquanto ele, reflexivamente, engolia a pequena coisa.

Graças a Deus ele não cuspiu. Meu plano estava funcionando perfeitamente.

Alex ainda estava por um segundo, como se tentasse processar o que aconteceu. Então deu um passo à frente, os olhos arregalados e em pânico, quando uma mão voou para a garganta. "O que diabos você fez?"

Gritei e recuei, minhas pernas tremendo. Ele veio para mim, suas mãos enfiando no meu cabelo, formando um punho, quando forçou meu rosto para cima, para olhar para ele. Faíscas de dor sacudiram meu couro cabeludo e gritei de novo, quando ele me bateu contra a parede.

"Que porra você fez?" repetiu, sua voz rouca. Suas palavras me abalaram até o núcleo e deixei de lado a inexplicável culpa que, de repente, senti.

Tentei me afastar e, para minha surpresa, foi fácil. Suas mãos tremiam agora, já afetadas pelo veneno e ele não conseguia me segurar, facilmente.

O veneno estava trabalhando rápido. Graças a Deus. Eu estava preocupada que ele esmagasse minha cabeça contra a parede da célula e me matasse, antes que ela fizesse efeito.

"Eu só te dei o que merece", eu disse, empurrando seu peito o mais forte que pude.

Enfraquecido, cambaleou para trás, cada parte dele crivada de tremores, agora. Ele caiu de joelhos e tentou respirar fundo e parecia que cada movimento penoso era pura agonia para ele. Finalmente, engasgou e caiu no chão de concreto, com o corpo sacudindo e agitando. "Não... não..." ele continuou resmungando, saliva voando de sua boca. Tentou agarrar meu tornozelo, mas me desviei para o outro lado da cela.

Esperei um momento, depois, hesitante, aproximei-me de seu corpo de bruços e vasculhei nos bolsos as chaves. *Merda*! Nenhuma chave do carro, apenas as chaves da cela e do abrigo. Suponho que poderia correr o risco de correr até a casa, para encontrar

as chaves do carro lá, mas eu não tinha ideia de, exatamente, onde ele as colocara e poderia perder cinco ou dez minutos procurando por elas lá dentro. Talvez até mais.

Eu não tinha esse tempo, porque Alex não ficaria totalmente incapacitado, por muito tempo. Ele, definitivamente, ficaria doente por alguns dias, depois disso mas, uma vez que os efeitos agudos tivessem passado, seria capaz de se levantar e andar de novo. Esses efeitos agudos, provavelmente, durariam meia hora, mas se eu tivesse azar, poderia ser menos. Eu poderia ter apenas dez minutos.

Sem acesso a um carro, eu teria que descer a longa estrada arborizada até a estrada principal e seguir meu caminho a pé, correndo o mais rápido que pudesse. Certamente haveria algum tipo de abrigo por perto, onde pudesse me esconder e ficar quente, enquanto descobrisse meu próximo passo. Melhor ainda, um carro pode passar e me resgatar.

"Celeste... por favor", Alex resmungou, tentando e não conseguindo agarrar minha perna novamente, quando me afastei dele. "Não é seguro lá fora..."

Eu fiquei lá, enrolada e sibilando por dentro, enquanto olhava para sua forma patética e enfraquecida. “Oh, você acha que eu me importo com um pouco de neve e congelamento? Prefiro perder todos os meus dedos, do que ficar aqui e perder minha vida! ”

Seus olhos se arregalaram e ele balançou a cabeça. "Não. Por favor… mate… se for preciso. Mas... aqueles círculos... não... por favor, fique ...” Ele estava incoerente agora, ofegando e balbuciando como um louco, enquanto seu corpo inteiro convulsionava.

Hora de ir.

Eu sabia que o chão estava coberto de neve e não tinha sapatos. Eu teria que pegar os sapatos de Alex e correr o mais rápido que pudesse, tão desajeitada e desajeitada como seria. Melhor que nada, acho.

Eu os puxei de seus pés, junto com suas grossas meias de lã e roubei sua jaqueta também. Coloquei todos eles, antes de olhar para ele. Ainda estava convulsionando,

mas olhava diretamente para mim. Pensei que iria ver raiva ou ódio, em seus olhos. Mas tudo o que eles seguraram foi tristeza. Medo. Desapontamento.

Um pedaço congelado, na parte mais profunda de mim, começou a derreter.

Não. Afastei meu olhar e me dirigi para a porta gradeada, minhas mãos tremendo, quando deslizei a chave na fechadura pesada. Eu não podia me deixar sentir esse tipo de culpa angustiante. Não, depois das coisas que esse homem fez comigo. Se eu fizesse, nunca fugiria. Eu me perderia para ele e então morreria aqui.

Quando estava fora, tranquei a porta da cela como uma boa medida, mesmo que houvesse uma combinação nela, significando que ele, provavelmente, poderia abri-la com um código memorizado, como prova de falhas, no caso de eventos como este. Só poderia me comprar uns trinta segundos extras, mas precisava de todo o tempo que conseguisse.

Recusando-me a olhar para ele de novo, corri até os degraus de concreto e abri a porta do abrigo. Ventos frígidos explodiram imediatamente, mas ignorei o frio e respirei fundo, deixando minha boca se abrir. Pela primeira vez, em semanas, provei a verdadeira liberdade.

De alguma forma, não tinha um gosto tão bom quanto pensava.

17

CELESTE

Corri para a noite, rapidamente encontrando o caminho para a estrada estreita, que eu sabia que levava a uma estrada maior. Vi, quando Alex me tirou do abrigo para punição e parecia grande o suficiente para ser uma estrada real e não apenas parte dessa propriedade, onde quer que fosse.

Meu coração batendo forte, fui em direção a ela, a lua minha única fonte de luz. O final da entrada estava, provavelmente, a cerca de duzentos ou trezentos metros de distância, mas pareciam quilômetros e quilômetros, enquanto eu abria caminho pelos ventos gelados. Era difícil correr nos sapatos grandes de Alex e tropecei na neve, caindo para a frente, enquanto tentava ir mais rápido.

Continue indo, continue, meu cérebro cantou para mim, enquanto me levantava e tentava recuperar o fôlego, que tinha sido arrancado de mim, quando caí. Eu só tinha saído alguns minutos e já estava congelando, meu corpo sacudindo em dores estremecidas, que seguiam cada arrepio. Tive que ignorá-lo, tive que continuar correndo.

Finalmente, cheguei ao final do caminho e olhei para a escuridão, tentando descobrir qual caminho seguir. À minha esquerda, a estrada parecia se estender por quilômetros, até o nada. Sem edifícios, sem luzes. À direita, não parecia muito melhor, mas quando olhei com força, consegui distinguir uma pequena placa à distância.

Encorajada pela esperança de que a placa pudesse me dizer onde eu estava e o quão perto de ajuda poderia estar, fui para a direita e fiz meu caminho pela estrada larga, indo pela beira da mata, apenas no caso. Havia árvores lá, que poderiam fornecer cobertura, se necessário.

Meu coração, subitamente, ganhou vida. Ao longe, pude ver pequenas luzes. Peguei o ritmo, ignorando a dor aguda do frio. Então, percebi quais eram as luzes. Era um carro, a quilômetros de distância e estava indo na mesma direção em que eu corria, para longe de mim. Tão longe, não havia esperança de me ver assim, por trás disso.

Meus ombros abaixaram-se, em desânimo, caí de joelhos, para descansar e recuperar o fôlego. Apenas por um minuto e então, precisei continuar me movendo.

Fiquei de pé e meu coração pulou uma batida, quando percebi que quase alcancei a placa que vi antes. Chegando mais perto, pude ver que era uma coisa velha, decrépita, que não inspirava muita esperança, mas quando me arrastei e olhei, quase chorei de alívio. *Gás. Pão. Leite. 2 milhas.*

Havia também uma flecha, apontando na direção que eu estava indo.

Um arrepio violento sacudiu-me novamente, os dentes batendo alto, na escuridão silenciosa. Meus nervos acenderam em desespero, a tentativa desesperada do meu corpo, para criar calor. Eram apenas duas milhas até a segurança. Eu poderia fazer isso, antes de sucumbir ao frio.

Enquanto corria, pensei em Alex deitado ali, na cela, convulsionando e fraco. Parte de mim ainda se sentia mal pelo que fiz e por deixá-lo, mas o lado racional de mim, rapidamente, anulou o pensamento. Não, não me arrependi. Ele era um monstro sem coração. Ele merecia o que conseguiu. Além disso, não iria morrer. Ele ficará bem, quando se recuperar.

Não demorou muito, até o posto de gasolina aparecer. Não havia luzes acesas, então, tudo que eu podia ver era a silhueta do edifício à distância, mas isso não me deteve. Era, obviamente, muito tarde da noite, então, estava fechado. Eu ainda poderia entrar, de alguma forma e usar um telefone ou computador, para obter ajuda.

Meu coração começou a bater ainda mais rápido, com excitação e antecipação da ideia de ser salva. Aproximei-me do posto de gasolina e parei, balançando a cabeça. "Merda!" Eu disse em voz alta, de repente, querendo afundar de joelhos e soluçar. Não era assim que deveria acontecer...

O posto de gasolina estava abandonado. Janelas lacradas com madeiras, sinais antigos desbotados, que não tinham sido tocados em anos. Sem esperança.

Uma lágrima deslizou pelo meu rosto, enquanto eu respirava fundo e envolvia meus braços em volta de mim, esfregando as mãos para cima e para baixo. Eu não podia mais ignorar o frio. Estava sem esperança contra isso, pois apertava meus músculos fracos e exaustos, de novo e de novo. Estava cansada. Tão cansada. Senti, como se pudesse apenas cair e morrer a qualquer momento. Talvez eu morresse bem aqui, em frente a este antigo prédio em ruínas, no meio da porra de lugar nenhum.

Eu, mentalmente, chutei-me por não entrar em casa e procurar pelas chaves do carro de Alex. Pensei que não teria tempo suficiente, antes que ele pudesse se levantar e vir atrás de mim, mas, certamente, era uma opção melhor do que *isso*. Eu deveria ter assumido o risco.

Melhor ainda, eu poderia ter ido para a cozinha e pegar uma faca. Poderia ter voltado para a cela e cortado seus tendões de Aquiles, para que ele não pudesse me perseguir, mesmo que quisesse. Ou esfaqueá-lo até a morte.

No calor do momento, não me ocorreu que pudesse fazer isso. Que deveria fazer isso. Eu estava tão convencida da ideia de dar o fora de sua propriedade, que a ideia de encontrar outra maneira de incapacitá-lo, simplesmente, não tinha me ocorrido. *Idiota!*

Uma voz furtiva e rastejante, na parte de trás da minha cabeça, sussurrou para mim, perguntando se, talvez, tivesse feito isso de propósito. Talvez, parte de mim não quisesse matá-lo e parte de mim, realmente, não queria fugir. Talvez essa parte de mim tenha bloqueado minha mente racional, apenas o tempo suficiente para sabotar meu plano de fuga.

"Não!" Eu disse em voz alta. Isso não era verdade. Eu queria fugir Queria liberdade. Se tivesse ocorrido a mim, na hora de encontrar outra arma e matar Alex, de uma vez por todas, teria feito isso. Certo?

Tremores violentos sacudiram-me, enquanto eu me arrastava em direção ao prédio abandonado, diante de mim. Mesmo se não houvesse telefone ou computador lá, eu ainda poderia encontrar o calor por dentro. Pode até haver um mapa antigo de algum

tipo, ali, algo que poderia me dizer, exatamente, onde eu estava, ou a localização da casa mais próxima, além de Alex.

Chutei a porta com as madeiras, achando, surpreendentemente, fácil. Deve ter sido toda a adrenalina inundando através de mim. Ou isso, ou a madeira estava apodrecendo.

O posto estava escuro como breu, sem o luar para me guiar e esperei meus olhos se ajustarem ao quarto, antes de olhar em volta. Meu coração disparou, quando me virei e li algumas palavras, em um letreiro velho desbotado, bem atrás de mim, perto da janela principal. *Telefone público.*

Corri de volta para fora, procurando desesperadamente o telefone, no perímetro do posto de gasolina. Mesmo que o lugar estivesse abandonado, ainda poderia funcionar e o 911 era uma ligação gratuita.

Sim! Ali estava, nos fundos do prédio. Exultante, corri em direção a ele, esperando que isso não provasse ser mais uma decepção. O receptor estava densamente coberto de sujeira e poeira, mas não hesitei em pegá-lo. Um tom de discagem fraco soou em meu ouvido e, para mim, era o som de mil anjos cantando.

Com as mãos trêmulas, comecei a discar 91...

Antes que eu pudesse pressionar o final 1, o telefone foi arrancado da minha mão.

18

CELESTE

Gritei e tentei me afastar do meu agressor. Eu não precisava olhar, para saber que era Alex. "Não! Não!"

"Eu pensei em te encontrar aqui." Sua voz soou a poucos centímetros da minha orelha esquerda, confirmando sua presença.

Apesar da minha tentativa de fugir, ele me pegou, imediatamente. Seus braços me envolveram por trás, arrastando-me para longe do telefone público. Estendi meus braços, desesperada para me agarrar a qualquer coisa, mas ele era forte demais para mim e logo estava sendo arrastada para a frente do posto de gasolina. "Nem tente correr de novo", disse ele em voz baixa e perigosa.

"Não!" Gritei novamente, chutando e cavando meus pés na neve, em uma tentativa fútil de atrasá-lo. "Socorro! *Socorro*!"

"Não se incomode. Ninguém pode te ouvir. Não há ninguém por milhas."

"Deixe-me ir!" Continuei gritando e cavando meus pés no chão.

"Não."

Apesar das minhas dificuldades, ele me pegou sem esforço e me segurou em seus braços, agarrando-me com tanta força, que suas unhas enterraram-se em mim. Então, começou a andar em direção a um SUV escuro, a cerca de cem metros da estrada. Ele deve ter mantido os faróis apagados e estacionado tão longe, então nunca o veria ou ouviria chegando.

Não desisti. Continuei gritando e me contorcendo, tentando me libertar do seu aperto. Mas não adiantou. Ninguém viria para ajudar. Ninguém viu ou ouviu nada.

Alex me colocou para baixo, por um segundo, segurando-me com uma mão, quando abriu a traseira do SUV. Então me empurrou para dentro e fechou. Alguma parte distante da minha mente, sentiu-se grata por ele ter trazido esse carro, em vez do outro, com o porta-malas fechado, no qual me transportou, originalmente. Pelo menos neste SUV, eu podia ver por cima o caminho de volta e gritar com ele. não podia me ignorar.

"Eu não sinto muito!" Gritei, quando ele entrou na frente e colocou suas chaves na ignição. "Você tem sorte de não ter matado você! Eu poderia ter, você sabe!"

Ele não respondeu. Simplesmente ligou o SUV e saiu para a estrada escura, voltando para sua propriedade.

Eu tremia de medo e raiva, enquanto pensava no que poderia acontecer a seguir. Eu sabia que estava furioso e me puniria terrivelmente. Vai me machucar, por machucá-lo. O pensamento de tortura fez-me estremecer e comecei a chorar, silenciosamente, lágrimas salgadas escorrendo pelo meu rosto. Não podia deixá-lo ver-me assim. Não poderia dar a ele a satisfação de saber que me fez chorar.

Quando chegamos de volta à sua casa, abriu o porta-malas e estendeu a mão, braços fortes puxando-me para fora. Lutei com ele todo o caminho, gritando e batendo nele, com meus pequenos punhos. "Vá em frente!" Gritei. "Chicoteie-me de novo! Não me importo. Não há nada que você possa fazer, que me faça pedir desculpas, por tentar sair! Então faça. Chicoteie-me tanto quanto quiser!"

Ele parou por um segundo e seus lábios curvaram-se em um sorriso desagradável. "Ah, eu vejo. Você pensou que isso era um castigo *real,* no outro dia."

Recuei. Não foi?

Antes que eu pudesse responder, ele me jogou por cima do ombro e caminhou em direção à porta da frente da casa. Provavelmente, iria me levar para sua câmara de tortura e fazer furos em mim. Ou arrancar meus dentes e unhas, uma a uma.

Por mais que eu temesse a dor, minha mente continuava vagando para outro medo, um que estava incomodando meu cérebro, desde que ele me pegou no telefone. Talvez

até antes, mas fui capaz de afastar isso, fingir que não existia. Eu não podia ignorar agora; não podia ignorar o sentimento de afundamento no meu estômago. Estava me comendo por dentro.

Não foi um medo da morte. Era um medo que ele me odiasse agora, que ele não quisesse me levar de volta. Que ele estava farto de mim. Eu não queria me arrastar de joelhos e implorar para ele não me matar, mas o pensamento de que ele poderia me odiar e querer se livrar de mim o mais rápido possível, encheu-me de uma dor insuportável. Eu o odiava e odiava o que ele fizera comigo, mas não conseguia mais reprimir meus sentimentos por ele. Era tão óbvio agora.

Parte de mim, realmente o queria, tanto quanto tentei me convencer de que o desprezava, com cada centímetro da minha alma.

Tentei me acalmar, repetidamente, cantando dentro da minha cabeça que era apenas a síndrome de Estocolmo. Eu não estava me apaixonando por esse homem. Eu não poderia, não faria, não faria.

Fiquei mole, enquanto ele me carregava pelo corredor, em direção à câmara de tortura. Eu tinha razão. Estava farto de mim e me queria morta e enterrada o mais rápido possível. Comecei a soluçar em seu ombro, então. Soluços doloridos, incessantes e dolorosos.

Talvez eu pudesse pedir desculpas, mas ele sabe que não quis dizer isso. Apesar dos meus sentimentos recém-realizados por ele, ainda não me arrependi de ter feito o melhor, para conseguir minha liberdade de volta. Então fiquei em silêncio e continuei a chorar, molhando a jaqueta, com as lágrimas.

Para minha surpresa, ele não abriu a porta da sala de tortura. Levou-me para um pequeno banheiro, em vez disso, o mesmo onde me deu analgésicos e água, depois da minha surra, na outra semana. Depois de acender a luz, deixou-me cair sobre os azulejos frios e ligou o chuveiro. Não tentei me levantar. Não tentei correr novamente.

Ele me despojou de tudo, então me pegou e me colocou dentro do box, segurando-me debaixo d'água. Provavelmente, era apenas morna, mas parecia escaldante, na minha pele congelada. Na luz, eu podia ver minhas unhas pintadas de azul e minha

pele nunca tinha sido mais pálida. Após cinco minutos sob a água, meu sangue começou a aquecer e a pele ficou vermelha, mas meus dentes ainda estavam batendo e meus mamilos doíam, de tão rígidos estavam.

Alex colocou a água mais quente e me deixou por mais alguns minutos. Então me puxou para fora e me secou, com uma toalha áspera, antes de me envolver em um cobertor grosso. Ele se agachou no armário, por um momento, depois apareceu com uma agulha hipodérmica.

Tremendo, recuei. "Não. Por favor…"

"É atropina, para envenenamento por organofosfato. Eu também dei a mim mesmo. Você pode ter sido exposta a níveis tóxicos, ao tocar nas iscas da barata. Improvável, porque havia tão pouco disso, mas é melhor prevenir, do que remediar ", disse ele. Fez uma pausa, para puxar meu braço esquerdo para fora do cobertor, em seguida, espetou a agulha no meu braço. "Isso ajudará a impedir que sofra os efeitos colaterais de longo prazo, caso tenha sido afetada."

Lágrimas escorreram pelo meu rosto, novamente. Ele não tinha dito isso, mas se estava ajudando meu corpo a se recuperar do frio e quaisquer possíveis efeitos colaterais da exposição tóxica das iscas de baratas, então isso significava que não ia me matar. Ele me queria viva.

"Eu não sinto muito por ter tentado escapar", murmurei, olhando para ele. "Mas sinto muito, por ter te machucado."

Ele olhou para mim, não com desprezo, mas com pena. "Eu sei."

"Você ainda vai me punir, não é?" Eu disse, em um sussurro irregular.

Ele assentiu. "Você sabe que precisa disso."

Uma parte doente e profunda de mim, realmente, concordou com ele, mas esmaguei o sentimento, imediatamente. Olhei para os azulejos e minhas pernas tremeram. O tremor não era do frio, agora. Eu estava me aquecendo, mas fiquei petrificada, com o que minha próxima punição envolveria. Alex poderia me querer viva, mas era sádico e cruel. Fosse o que fosse, seria terrível.

Ele me levou para fora do banheiro, pegou algumas roupas simples para mim, então me levou de volta para fora, em direção à porta do abrigo. Minutos depois, eu estava de volta à minha cela, com todos os seus tons depressivos de cinza.

"Quando vai me punir?" perguntei, quando Alex me trancou.

Ele olhou para mim. "Pergunte-me corretamente."

Engoli em seco. "Quando vai me punir, senhor?" Eu disse suavemente.

"Não vou lhe dizer. Isso é parte da punição. Vai esperar e vai se perguntar."

"Eu te odeio." Estreitei meus olhos, instantaneamente, cheios de raiva pelo homem parado na minha frente. Eu estava em uma montanha russa de emoção, quando se tratava dele. Num minuto, percebi meus sentimentos por ele e apavorada que não me queria mais e, no seguinte, odiava-o de novo.

Alex sorriu, timidamente, com minha resposta. "Você é uma verdadeira lutadora, não é? Continua fingindo entregar todo o controle, mas está sempre conspirando contra mim. Sempre tentando manter o controle."

"Sim, porque sou uma pessoa do caralho! Não sou nada!"

Ele olhou para mim, rigidamente. "Você pode ser uma pessoa e ainda desistir do controle. Eu me pergunto quanto tempo levará para perceber isso." Ele fez uma pausa. "Eu me pergunto quanto tempo levará para perceber que você é minha."

"Eu não vou." Cerrei meus dentes.

"Você irá. Você já me anseia, não é?" Ele levantou uma sobrancelha.

Ele estava certo, mas não admiti isso. Simplesmente, olhei para ele.

Ele sorriu. "Você é um desafio, Celeste, mas vou te quebrar. Vou fazer você totalmente, completamente, minha."

Ele se afastou e eu não me incomodei em discutir, porque tanto quanto me doía, sabia que ele estava certo.

Ele veio para mim na manhã seguinte. Não peguei o café da manhã. Só água. Ele não disse uma palavra, mas seus olhos estavam cheios de escuridão.

Já era tempo.

Ele abriu a porta da cela e tirou algo de uma sacola. Alguma coisa de couro preto, com anéis de metal prateado. Eu não tinha ideia do que era, mas logo percebi, quando ele encaixou no meu rosto e pescoço. Era uma mordaça, para me impedir de falar ou gritar e a parte de baixo estava ligada a um colarinho apertado.

Quando estava satisfeito com o ataque, obrigou-me a ajoelhar e prendeu uma coleira no colarinho. "Rasteje por mim", disse ele, puxando a liderança.

Humilhada, fiz o que ele disse, mantendo meus olhos no chão frio, enquanto ele me puxava para os degraus em minhas mãos e joelhos. Ele fez uma pausa, para abrir a porta do abrigo, então me fez continuar rastejando como um animal. No começo, pensei que estaria rastejando pela neve, mas vi que havia um caminho de pedra, que levava do abrigo para a varanda da frente da casa. Já estava coberto de neve antes, mas ele, misericordiosamente, cavou, para que eu não perdesse nenhum dedo para o congelamento.

Quando eu estava dentro, Alex me levou para o que parecia ser uma sala de estar. Havia dois grandes sofás no quarto, colocados em um tapete persa, elaboradamente estampado. Ele tirou minha mordaça e me disse para ficar, depois, aproximou-se de um deles. Abaixando o lado esquerdo, puxou algo e o topo saiu, para revelar um espaço oco dentro do sofá.

Meus olhos se arregalaram, quando ele me pôs de pé e mostrou para mim. Era um pequeno espaço fechado, como um caixão. Uma vez que me trancou, mal tinha espaço para chutar meus pés ou bater meus punhos nele.

Uma sensação esmagadora de claustrofobia superou-me, com a mera visão da coisa. "Por favor, não!" Implorei-lhe, imediatamente, caindo de joelhos novamente. "Não me tranque lá. Desculpe por tentar sair. Eu nunca farei isso de novo. Por favor, deixe-me ir!"

Sua expressão não mostrou nenhum sinal de simpatia. Agora eu sabia por que ele tinha tirado o focinho. Ele queria me ouvir implorar e implorar. "Nunca", ele respondeu, seus olhos piscando. "Eu nunca vou deixar você ir."

"Por favor!" gritei.

"Não." Ele olhou para mim, seus olhos se estreitaram. “Isso não é nada, comparado ao que os outros fariam com você.”

Meu coração pulou uma batida. "O que os outros?"

“Figura de linguagem. Muitos monstros andando nesta terra, anjo.”

Com isso, ele colocou minha mordaça de volta, pegou-me e me colocou dentro da caixa, antes de amarrar minhas mãos com laços de seda. Ele fez o mesmo com meus tornozelos.

Antes de fechar a caixa e colocar o sofá de volta, olhou para mim. "Você vai ter muito tempo para pensar sobre o que fez. Não poderá se mover ou ver nada, mas poderá ouvir e respirar. "

"Mmm!" Tentei gritar com ele, implorar-lhe uma última vez, mas não pude formar mais do que um gemido nasal estrangulado, com a mordaça amarrada.

Alex sorriu para mim, antes de me fechar. Então, meu mundo ficou escuro. O terror acendeu em minhas terminações nervosas e respirei fundo, já sentindo que estava sufocando. Eu sabia que não, porque Alex me disse que eu seria capaz de respirar, mas não consegui impedir que o sentimento horrível e paralisante viesse sobre mim, de qualquer maneira.

Continuei respirando profundamente, tentando acalmar-me. Eu poderia tentar dormir, para passar o tempo. Alex fez soar como se estivesse aqui por um tempo e

dormir era muito melhor, do que ficar aqui com os olhos abertos, olhando para a escuridão que me cercava.

Minha mente estava girando demais, para dormir por pelo menos uma hora, mas, finalmente, consegui me afastar. Espero que, quando eu acordar de novo, esse pesadelo acabe e voltarei à minha aconchegante cela.

Não tive essa sorte.

Um período de tempo desconhecido depois, acordei novamente, ainda presa na escuridão sufocante da caixa. Desta vez, não havia como dormir. Eu estava bem acordada, meu coração batendo de terror. Deus, quanto tempo Alex me deixaria aqui? Dias?

Tentei contar os segundos, mas acabei perdendo a noção de como se tornaram minutos, depois horas. Eu precisava fazer xixi e estava morrendo de fome. Tanto a minha bexiga e meu estômago doíam e cada um dos meus músculos estava em cólicas. Tentei lutar contra os sentimentos, sabendo que não podia desistir ainda. Certamente, ele não me deixaria aqui para sempre. Ele disse que isso era apenas uma punição.

Tentei uma nova tática, tentando me forçar a desfrutar da paz e tranquilidade que veio, quando estava trancada aqui assim. Pelo menos não estava sendo espancada. Ou pior. Eu deveria aproveitar esta solidão enquanto posso, porque sabia que Alex não estava mentindo, mais cedo. Ele nunca iria me deixar ir e um dia, quando estivesse cansado de mim, provavelmente me tornaria uma daquelas garotas nas fotos e vídeos. Um dia, quando terminasse comigo, ele me torturaria e me mataria também.

Depois do que poderia ter sido outra hora, ouvi algo fora da caixa. Passos no chão. Vozes flutuando pela sala.

Alex não estava sozinho.

Eu gemi, fazendo tanto som quanto poderia, com a mordaça ainda no lugar. Mas nada aconteceu. Quem estava com Alex, obviamente, não conseguia ouvir meus gritos abafados. Eu podia ouvi-los, no entanto. As tensões do que parecia ser uma conversa agradável e casual, chegaram até mim.

Agora percebi que essa era minha verdadeira tortura. Sabendo que a ajuda estava a poucos metros de distância, mas achava impossível conseguir a atenção deles.

A atenção dela. Acabara de saber que era uma voz feminina falando. E se essa fosse uma mulher, que Alex estava namorando? Porra? E se ela acabou sendo uma prisioneira aqui também?

Um ciúme ardente e incandescente percorreu meu sistema, com o pensamento. Eu sabia que não era uma resposta adequada. Não deveria sentir inveja que outra garota, ou mulher, acabasse presa aqui. Eu deveria sentir pena delas, sabendo que tipo de tortura veio com isso.

Ah, mas eu estava com ciúmes. Tão fodidamente *ciumenta*. Ciumes do pensamento das mãos de Alex em outra mulher. Sua respiração, seus lábios, sua língua... deixou-me louca, com uma raiva fervilhante.

Gemi baixinho, tentando anular os pensamentos terríveis. Eu não podia deixá-lo fazer assim. Não poderia tornar-me outra vítima quebrada, rendendo-me a um mestre do mal.

Mas, mesmo quando tinha esse pensamento, eu sabia que já tinha começado. Não consegui mais lutar. Alex estava conseguindo quebrar-me, lenta, mas seguramente.

Um dia, eu veria seu rosto e cairia de joelhos em adoração, não em terror. Um dia, imploraria para que me tocasse e me fizesse gozar de novo, assim como ele fez, depois da surra daquele dia e eu imploraria para que pegasse a única coisa que não tinha arrancado de mim, ainda. Minha virgindade.

Um dia, provavelmente, estaria convencida de que o amava.

Fechei meus olhos e me resignei aos pensamentos, nem mesmo tentando lutar contra eles, quando me inundaram, preenchendo cada centímetro da minha mente.

Alex abriu a tampa, cerca de três horas depois. Eu tinha certeza que tinha me molhado, mas ele não disse nada sobre isso. Abaixou-se, mexeu nas correias do cano e o puxou para baixo. "Você está pronta para sair?" perguntou. Não havia raiva em sua voz ou olhar. Apenas curiosidade.

"Não, senhor", falei. Minha garganta estava seca demais para fazer qualquer outra coisa. “Você estava certo em me punir. Eu mereço isso."

Eu sabia que era o que ele gostaria de ouvir. E de alguma forma, eu meio que quis dizer o que disse. De alguma forma, estava feliz por estar aqui com ele, novamente, apesar da minha tentativa de fuga fraca, apenas vinte e quatro horas atrás. Queimei com ódio, por esse homem, mas uma pequena parte de mim, simplesmente, queimou por ele. E essa parte estava crescendo, a cada minuto. Não ficaria pequeno por muito mais tempo.

Realmente, estava me desintegrando, mal aderindo à minha identidade, nas névoas da minha nova realidade. Mas qual *era* minha identidade agora? Eu nunca poderia voltar ao normal, não agora, que tinha passado por essas coisas.

No meu tempo aqui, Alex, sistematicamente, derrubou-me, pedaço por pedaço, até que eu estava muito confusa para pensar direito. Ele me fez questionar tantas coisas sobre mim mesma e nem sabia quem ou o que eu, realmente, era. Não tinha certeza se já sabia e, no entanto, agora tinha certeza de que *saberia,* quando, finalmente, separasse-me, completamente.

Tive muito tempo para pensar nessa caixa e decidi que ser quebrada obriga você a olhar para dentro e descobrir, exatamente, do que você é feita. Todos os pequenos elementos que se encaixam e fazem você. E uma vez que sabe do que é feita, pode se recompor e se fortalecer mais do que nunca.

Então Alex poderia me quebrar. Quebre-me em um milhão de pequenos pedaços. Eu *queria* que ele fizesse isso agora. Queria estar quebrada. Porque então, e só então, realmente, saberia quem eu era.

19

AGENTE JASON WEST

"SR. WEST, POR FAVOR ENTRE.”

Zara Pompeo me chamou em seu escritório, com um sorriso. Balancei a cabeça e entrei, antes de sentar em uma confortável cadeira cinza, ao lado de sua mesa. "Estou tentando entrar em contato com você há vários dias."

A médica sentou-se à minha frente. “Eu sei, desculpe, recebi todas as suas mensagens, quando voltei. Estava de férias. Precisava ficar longe desse mundo triste, por um tempo.”

"Compreendo."

"Então você disse que está com o FBI? E precisa falar comigo sobre um paciente meu.”

Assenti. “Celeste Riley. Ela está desaparecida.”

Os olhos da Dra. Pompeo se arregalaram. "Celeste? Eu me lembro dela. Ela estava aqui... humm, deve ter sido...”

"4 de setembro."

Ela digitou algo em seu teclado. "Sim, isso mesmo." Virou-se para mim, as sobrancelhas franzidas. "Então ela sumiu?"

"Sim. Tenho tentado acompanhar todos os movimentos dela, nos meses que antecederam o seu desaparecimento. ”

"Claro. Então, com o que exatamente posso ajudá-lo?”

Fiz uma careta. “A polícia que, inicialmente, investigou o desaparecimento, parece achar que ela pode ter cometido suicídio. Quando falei com sua terapeuta, ela disse que concordava que isso é possível. Quero ouvir sua opinião.”

A Dra Pompeo suspirou e tirou os óculos. "Odeio dizer isso, mas temo que a polícia possa ter razão."

"Por quê?"

Seus lábios puxaram para baixo em uma expressão triste. "Celeste estava com muita dor."

"Mas suas amigas me disseram que você aumentou a dose de analgésico."

Ela assentiu. “Eu fiz sim. Mas não muito. Temos que considerar coisas como o vício e como os efeitos colaterais podem afetar a vida do paciente. Celeste não é uma garota muito grande. Eu tinha que manter sua dosagem limitada a 150 miligramas por dia, ou então ela, provavelmente, se sentiria muito enevoada para sair da cama.”

"Justo. Então, por que você diz que concorda com os outros?”

“A condição do nervo com que a diagnostiquei, pode ser muito debilitante. Mentalmente e fisicamente. Cria um coquetel perfeito para o sofrimento.”

"Como assim?"

“Bem, a dor começa a limitar a vida social da pessoa, pois é mais fácil para ela ficar em casa, do que se arriscar a mais dor, vestindo-se e saindo. Por exemplo, no caso de Celeste, doía, quando usava sutiãs ou camisas apertadas ”.

“Uh-huh.”

“Então, o paciente se afasta, só saindo para as coisas que eles têm que comparecer. Trabalho, por exemplo. Todas as coisas que costumavam fazer para se exercitar ou se divertir, por exemplo, caminhar, dançar, ir ao ginásio, eles desistem. A falta de vida social e atividades habituais, juntamente com a dor constante, começa a afetar seu humor geral, tornando-os muito para baixo. Então, o estresse provoca uma dor ainda pior, já que se sabe que o estresse torna os nervos mais sensíveis ”.

“Ah. Então, eles simplesmente continuam em espiral mais abaixo. ”

“Exatamente.” A Dra. Pompeo inclinou-se para a frente. “Eles podem se sentir sem esperança. Como se nunca melhorasse. É muito comum que pacientes, com condições de dor crônica, experimentem ideação suicida. ”

"Mas isso é apenas *pensamentos* de suicídio, certo?"

"Sim. Mas...” Ela hesitou, sobrancelhas franzidas em uma profunda carranca. “Realmente, odeio dizer isso e, sinceramente, espero que este não seja o caso com Celeste, mas não é particularmente incomum, para alguns pacientes, experimentarem isso para... bem, afastar-se e pular de uma ponte, por assim dizer. E, certamente, não há escassez de pontes nesta cidade. ”

Pressionei meus lábios em uma linha fina, enquanto ela falava. O terapeuta disse, essencialmente, a mesma coisa, embora de maneira muito mais delicada. limpei minha garganta. "Aprecio sua franqueza."

Ela balançou a cabeça. "Desculpe, isso não foi profissional. Não dormi no avião, no caminho de volta, então mal estou pensando. Não pretendia soar como se estivesse esclarecendo o problema, de alguma forma. Eu não estava.”

"Está tudo bem, entendo o que disse." Dei-lhe um sorriso aberto. "Isso não seria, exatamente, um choque enorme, para alguém com dor crônica cometer suicídio."

"Sim." Ela suspirou. "Há quanto tempo Celeste está desaparecida?"

"Desde 14 de outubro, de acordo com a amiga dela."

"Oh não." Os lábios da médica se torceram. Eu sabia o que ela estava pensando. *Verifique os necrotérios.* Ela não seria a única a pensar nisso. Inferno, até eu pensei, de vez em quando. Na maioria dos casos, se uma pessoa desaparecida não foi localizada nos primeiros três dias, ela estava morta.

Celeste estava desaparecida há mais de cinco semanas.

Eu tinha verificado o necrotério, no entanto. Não há Jane Doe,[5] com descrição dela, encontrada, nas últimas semanas. Claro, isso não significava que ela estivesse viva. Mas

5 Pessoa desconhecida

isso significava que havia uma chance. Uma chance infinitamente pequena, talvez... mas ainda assim uma chance.

"Quando Celeste estava aqui, como ela parecia?", Perguntei. "Além da dor."

"Você quer dizer seu humor geral?", Perguntou a Dra. Pompeo. Balancei a cabeça e ela continuou, inclinando a cabeça para o lado. “Bem, na verdade, achei que ela parecia muito resiliente. Pensei que, dentre todos os pacientes que já tinha visto com essa condição, ela teria a maior probabilidade de se recuperar totalmente e retornar à atividade normal, em um curto período de tempo. ”

"Então não parecia deprimida."

Ela balançou a cabeça. "Não."

"Você, pessoalmente, acha que Celeste era um risco suicida, baseado em sua experiência com ela?"

“Baseado nisso, não. Mas tem que entender, as pessoas podem ser muito boas em esconder seus pensamentos e sentimentos reais. E eu só vi Celeste uma vez. ”Ela parou por alguns segundos, então, inclinou a cabeça ligeiramente para o lado. “Você disse que falou com a Dra Angela Fitzgibbons, não falou? Acho que Celeste a via, regularmente. Ela saberia muito mais sobre seu estado mental, do que eu.”

"Sim, eu falei com ela e me deixou ler todas as anotações de sua sessão sobre Celeste."

Dra. Pompeo assentiu devagar. “Ela é uma excelente terapeuta. Às vezes, usa métodos não convencionais, mas obtém resultados e quase sempre tem razão, quando se trata de suas avaliações. Se ela acha que Celeste era um risco de suicídio, então, odeio dizer isso, mas, provavelmente, era.”

Assenti. Desde que falei com a Dra. Fitzgibbons (que era uma mulher bastante estranha, como muitos terapeutas pareciam ser) na semana passada, percebi que Celeste estava começando a recuperar algum tipo de memória traumática. Ela não podia me dizer o que a memória realmente era, no entanto. Aparentemente, Celeste não tinha progredido tanto e então, não tinha ideia do que era ela mesma. De acordo

com o terapeuta, o que quer que essa lembrança traumática, ou memória, acarretou, provavelmente contribuiu para o estresse e o humor geral de Celeste.

A Dra. Fitzgibbons parecia achar que isso a tornava um risco de suicídio, mas concordei com Samara Silva que não era um problema suicida. Havia algo mais acontecendo com Celeste. Algo a ver com essa memória reprimida, o que quer que fosse. E essa memória, provavelmente, envolveu o Heartbreaker.

Eu, realmente, não acreditei em nada disso, quando Samara me abordou pela primeira vez e me pediu para encontrar sua amiga, mas quanto mais pensava sobre isso e quanto mais olhava, mais sentido isso fazia. Isso não tornou mais fácil encontrá-la. Levaria tempo e recursos.

Levantei-me. "Obrigado por me receber", eu disse, esperando que minha esperança não estivesse aparecendo. "Por favor, entre em contato comigo, se lembrar de alguma coisa que possa me ajudar."



Três horas depois, fui até minha escrivaninha, no escritório de campo, apenas para ser interceptado por outro agente. "Ei, Foley disse que queria ver você, quando voltasse."

B a cabeça e fui em direção ao escritório do SAC. Quando bati e abri a porta, vi que ele estava com o ASAC Dwyer, examinando alguns arquivos. Levantaram o olhar, quando me ouviram. "Você queria me ver, senhor?" Eu disse.

Foley me deu um sorriso de boca fechada. "Sim. Onde você esteve?"

"Eu estava fora, re-entrevistando a família da segunda vítima Heartbreaker." Eu não estava mentindo, depois de ver a médica esportiva de Celeste Riley, foi exatamente isso que fiz.

"Então, pode me dizer por que uma Dra. Zara Pompeo ligou para cá antes, dizendo que esqueceu de lhe dar seu endereço de e-mail, caso tenha alguma outra pergunta para ela, sobre o desaparecimento de Celeste Riley?"

Merda. Suspirei. "Estive procurando por ela, para a amiga de Celeste. Ela me pediu para dar uma olhada, quando a polícia não fosse mais ajudar."

"Mas sua tarefa atual é examinar os antigos arquivos do caso Heartbreaker e entrevistar novamente as famílias, amigos e colegas das vítimas." Ele franziu os lábios.

"Eu tenho feito exatamente isso."

"E também assumindo a responsabilidade de ir em perseguições sem sentido, aparentemente."

"Tenho todo o meu trabalho feito, por isso não está interferindo."

"Quando você está usando o tempo de trabalho para entrevistar as pessoas sobre isso, está interferindo", disse ele, friamente. "Precisa deixar isso de lado e focar nas tarefas reais que recebeu."

"Mas Celeste está desaparecida há mais de um mês e sua amiga parece pensar que ela ainda pode estar viva. Ninguém mais a está ajudando."

"Eu sei que ela está desaparecida. Sua faculdade acabou contatando-nos novamente e nos avisando que eles foram informados como tal, pela polícia. Infelizmente, uma viciada em analgésicos, vagando, não garante nossa atenção, mais do que o caso de Heartbreaker. "

Estreitei meus olhos. "Ela não era viciada em analgésicos."

"Poderia ter me enganado. Ela sempre estava tomando comprimidos, quando trabalhava aqui."

"Ela possuía uma receita, pois tinha uma condição médica."

Foley acenou com a mão. "Ainda não merece nossa atenção. É uma questão policial e se pensarmos diferente, pediríamos para você investigar."

Dwyer se mexeu, desconfortavelmente. Eu sabia que ele achava que Foley era um idiota, igual a mim. Ele não disse nada, no entanto.

Levantei a mão. "Olha, senhor, a principal razão que eu disse à amiga que iria investigar isso, é porque ela acredita que há, realmente, uma ligação entre os assassinatos de Heartbreaker e o desaparecimento de Celeste. Então, isso é, realmente, relevante para minha tarefa, de certa forma. ”

Os olhos de Dwyer se arregalaram. Foley, simplesmente, começou a rir. “Um elo entre ela e ele? Você deve estar brincando."

"Pensei o mesmo no começo, mas na verdade, não é tão absurdo. Ela o viu, quando era criança. Ela é a única pessoa que já o viu, enquanto ele estava matando e sobrevivendo, até onde sabemos.”

Foley revirou os olhos. "Sim, mas ela tinha seis anos e não se lembrava de nada útil."

“Veja, essa é a coisa. Sua amiga disse que estava começando a se lembrar de algo, recentemente. Ela está preocupada com a identidade do Heartbreaker, e que ele pode tê-la sequestrado, como resultado. ”

Foley estreitou os olhos. "Sinceramente, duvido que Celeste se lembre de uma coisa sobre aquele dia, além do que ela já nos contou, quando criança", ele começou. "E mesmo se ela o fizesse, nós deveríamos acreditar seriamente, que um serial killer tem ficado de olho nela todo esse tempo, checando, constantemente, para ver se ela, alguma vez, lembra-se de seu rosto?"

"Sim. E ele pode tê-la levado. Se fez, poderíamos, teoricamente, rastreá-lo, ”eu disse, expressando uma ideia que estava chutando minha mente, nos últimos dias.

Dwyer finalmente se mexeu. "Como assim?"

“Ele, geralmente, é muito cuidadoso, mas, provavelmente, acha que nunca suspeitaríamos que é responsável pelo desaparecimento de Celeste. Então, pode ter baixado a guarda um pouco, se e quando a levou e não foi tão meticuloso. Isso significa que pode haver alguma evidência, para ajudar a rastreá-la, de onde ela foi levada.

Então, se investigarmos e descobrirmos onde ela acabou, poderemos encontrá-lo também. ”Mesmo que ela já esteja morta, acrescentei em silêncio, esperando que não fosse o caso.

Foley bufou. “Faz uma boa teoria para um thriller de crime de grau B, mas a explicação mais provável para o desaparecimento de Celeste, é que ela fugiu ou se matou. É muito trágico, mas como eu disse, é um assunto policial. Você deixará essa busca por ela, Agente West e retornará aos deveres que lhe foram designados e *apenas* aos deveres que lhe foram atribuídos. Entendeu?"

"Sim, senhor." *Foda-se, senhor.*

Seus olhos gelados se estreitaram, como se ele pudesse ler meus pensamentos. "Saia."

Eu me virei e saí de seu escritório, fervendo. Sim, era uma teoria absurda, mas para Foley apenas descartá-la abertamente e agir, como se Celeste fosse uma espécie de viciada em fuga, era perturbador, para dizer o mínimo. Ele sempre foi um idiota abrasivo, então, não era exatamente chocante que reagisse de uma maneira negativa, ao descobrir que eu estava, secretamente, trabalhando em algo diferente da minha designação, mas isso era uma baba do próximo nível, mesmo para ele.

Sua atitude só me fez querer me concentrar ainda mais no desaparecimento de Celeste.

“Agente West.”

Virei-me, ao som do meu nome, para ver o ASAC Dwyer indo em direção à minha mesa. "Sim, senhor?" Levantei minhas sobrancelhas, meio esperando ser mastigado novamente.

Ele se aproximou de mim e ficou perto, olhando em volta primeiro, para se certificar de que ninguém estava nos observando. “Você, realmente, acha que pode haver algum elo entre o desaparecimento de Heartbreaker e Celeste Riley? Acha que ela pode estar viva e com ele?” perguntou em voz baixa.

Assenti. “Sim.” Descrevi tudo o que eu sabia até agora, o que não era muito, admitidamente e quando terminei com “Se há a menor chance de eles estarem ligados, então acredito que deveríamos investigar.”

Dwyer assentiu. "Concordo, completamente."

Minhas sobrancelhas se levantaram. "Você faz?"

"Sim. Mas sabe como Foley é. Defensor das regras.”

"Sim."

Ele se inclinou para frente. "Então, aqui está, vou lhe cobrir, enquanto você continua tentando rastrear Celeste de quando e onde ela foi vista pela última vez. Você ainda precisa fazer seu outro trabalho designado, é claro, mas pode usar os recursos necessários para encontrá-la. ”

"Mesmo?"

Ele assentiu. "Como você disse antes, se encontrá-la... pode muito bem *encontrá-lo*."

20

CELESTE

"LEMBRE-SE, CELESTE." SLAP. "TENTE LEMBRAR."

Ofeguei, quando o chicote de montaria atingiu a pele macia da minha bunda. Eu estava debruçada sobre uma mesa, na sala de tortura, meus pés algemados ao chão, e Alex estava alternando entre me bater com o chicote e me mostrar fotos de velhos e mulheres.

"Eu... não posso."

Slap. Outro estalar do chicote de montaria. "E sobre estes?" Ele se moveu ao redor da mesa e varreu todas as fotos, substituindo-as por um novo conjunto. "Concentre-se o máximo que puder."

"Eu estou", gritei.

Ele não estava me punindo agora. Tinha sido muito claro sobre isso. Ele disse que estava usando as sensações picantes do chicote na minha bunda, para distrair minha mente da dor do nervo nas minhas costas, que ocupou tanto da minha vida.

Às vezes, aquela dor era tudo em que eu conseguia pensar. Mesmo quando não era tão ruim, estava sempre lá, no fundo da minha mente, o que tornava difícil focar e pensar direito. Mas, com outra coisa para afastar minha mente completamente, algum outro tipo de dor, que pudesse ser controlado, realmente não sentiria a dor neural. Isso me deixou mais afiada e clara do que nunca. Fui capaz de me concentrar mais, ir mais fundo na minha mente e memórias.

Alex sabia disso e também parecia saber que havia alguém ou algo, nessa pilha de fotos, das quais eu lembraria, ou saberia alguma coisa. Eu não sabia o que deveria procurar em minha mente, porém e a dor ardente do chicote estava começando a se tornar demais.

"Por favor..." Implorei.

"Vamos. Está lá em algum lugar."

Slap. Ele me empurrou ainda mais alto e, em algum lugar, no fundo da minha mente, algo, finalmente, encaixou no lugar. "Ele!" gritei.

Alex parou. "Qual?"

Apontei um dedo trêmulo sobre uma das fotos, mostrando um homem com cabelos finos e grisalhos. "Este."

"Você tem certeza?"

Balancei a cabeça através da névoa ardente. "Sim. Eu o reconheço, " ofeguei. Eu não estava mentindo; realmente fiz.

"De onde?"

Fechei os olhos, deixando a velha memória se infiltrar. "Eu estava em um dos jantares do meu pai. Deveria ter ao menos cinco anos. Esse homem estava lá. Ele era algum tipo de advogado ou juiz, acho."

Alex assentiu. "Sim, ele é, agora, um juiz da Suprema Corte. O que mais você lembra sobre ele?

"Lembro que ele era legal. Sentei no colo dele por um tempo e me empurrou para cima e para baixo e me contou histórias. Fiquei sentada lá por muito tempo, porque papai saiu para falar com um amigo e demorou para voltar."

Fiz uma careta, quando me lembrei do incidente. Eu não pensava nisso há anos e por que eu iria, afinal? Foi apenas uma festa, mas lembrei de estar com raiva de meu pai, naquela noite. Louca por ele ter desaparecido da sala por tanto tempo. Seu amigo juiz foi legal e cuidou de mim, mas ainda assim, eu não gostava de ficar sozinha sem meus pais por muito tempo e minha mãe não estava presente.

"Entendo. Algo mais?"

Balancei a cabeça. "Por quê? Você o conhece?"

"Não."

"Vai fazer alguma coisa com ele?"

"Talvez." Ele não elaborou e soltou meus tornozelos, de onde estavam presos. "Você tem sido muito boa hoje", disse ele. "Vou te dar uma recompensa. Poderá ter um pouco de ar fresco. Não por muito tempo, no entanto. Está muito frio."

Meus olhos se arregalaram. Eu poderia tê-lo beijado. "Está, realmente, deixando-me sair?"

Ele sorriu para mim. "Em uma maneira de falar."

Descobri o que ele quis dizer, quinze minutos depois. Vestida com roupas grossas de inverno, eu o segui para fora e deixei que me prendesse a uma corrente, atrás da casa. Permitiu-me a liberdade de vagar para fora, por um tempo, mas tinha apenas cerca de 30 metros de liberdade.

Alex se levantou e me observou, enquanto eu me arrastava ao redor da neve, sorrindo e respirando o ar frio e fresco. Depois de ficar confinada à cela tantas vezes, o ar fresco era um deleite para mim e ele sabia disso. Mesmo se estivesse presa em uma corrente, como um animal, ainda estava, realmente, agradecida, por estar do lado de fora.

"Obrigada, senhor", disse, olhando para ele.

Pela primeira vez, quis dizer isso, quando agradeci Alex. Eu o vi sorrir e sabia que estava ciente.

Explorei o mais longe que pude, vagando atrás do que parecia ser uma grande estufa, com um jardim anexo. Além disso, havia um caminho quase invisível, margeado por cercas cobertas de neve. A corrente não me deu folga suficiente para segui-lo até o fim, mas Alex me contou onde foi. "Vê essas árvores, por todo o caminho até lá?", Perguntou-me, apontando para uma linha de árvores, a algumas centenas de metros de distância.

Assenti. “Uh-huh.”

“Há um riacho, que atravessa a propriedade. O caminho leva até lá. É legal na primavera. Congelado agora, no entanto. Vai ser até o final do inverno.”

"É inverno agora?" Perguntei. Perdi, completamente, a noção do tempo.

"Ainda não. Quase, no entanto. É quase o final de novembro."

"Oh." Então eu estava aqui há cerca de cinco semanas agora. Parecia muito mais do que isso. "Onde estamos?"

Ele riu. "Boa tentativa, anjo. Vamos voltar para dentro. Está muito frio para você ficar aqui por muito mais tempo."

Suspirei e deixei que ele me levasse de volta para dentro. Foi legal, enquanto durou, eu acho. Se fosse boa, poderia até ter mais tempo fora, um outro dia.

Quando voltei para dentro, Alex me alimentou com uma refeição quente, então me levou para o quarto de luxo, que me prometeu uma vez, se eu ganhasse sua confiança. Eu não teria isso em breve, mas, enquanto estava sendo recompensada, aparentemente, estava autorizada a ficar aqui por um curto período de tempo.

"Tome um banho", disse ele, apontando para o banheiro. "Isso vai te aquecer."

Fiz o que ele disse e entrei no banheiro. Enquanto me despia, percebi que a torneira do banho estava bloqueada por algo que foi enrolado em volta dela. Eu sabia por que Alex havia feito isso.

Era para ter certeza de que não ia tentar me afogar.

Uma dor aguda roeu minhas entranhas. Em um dia como esse, quando ele estava sendo tão legal comigo, era fácil esquecer quem era. *O que* ele era. Mas quando vi coisas como essas, lembrei-me que uma pessoa normal, nessas circunstâncias, poderia, simplesmente, irromper, até o ponto onde prefeririam morrer, do que morar aqui.

Ainda assim, estava ficando difícil para mim associar isso com Alex. Desde minha tentativa de fuga e punição de caixa, no outro dia, as linhas da minha realidade estavam borradas e estava começando a separar, mentalmente, Alex, em duas pessoas diferentes.

Houve o Alex que me tirou da minha vida e me aprisionou e, provavelmente, torturou muitas outras garotas no passado. Então, havia o Alex que me trouxe tantos prazeres e me deu o que eu queria e precisava, controlando-me, quando eu nem sabia

que queria ser controlada ainda. Eles pareciam duas pessoas totalmente diferentes, mesmo que a parte racional da minha mente soubesse que não eram.

Eu ainda me odiava por desejá-lo tanto, porque essa parte racional de mim ainda era forte, mas a outra parte de mim estava começando a vencer. Ansiava o peso do seu corpo no meu, seus murmúrios contra meu ouvido, suas mãos nos meus quadris.

Eu não duraria muito mais...

21

CELESTE

Tomei banho o máximo que pude, sem que minha pele ficasse enrugada, saboreando o calor da água, que fluía em cima de mim. Doeu um pouco, quando toquei as marcas finas na minha bunda, mas não foi tão ruim assim. Na verdade, bastante agradável.

Quando, finalmente, saí, percebi que Alex tinha levado as roupas que eu tinha tirado. Saí pelada para o quarto principal e meu coração pulou uma batida, quando o vi parado ali, segurando o que parecia ser um chicote multi-caudal, com uma alça grossa.

Caí de joelhos, meus olhos arregalados de terror. “Por favor, senhor, você disse que eu estava boa hoje. Você disse..."

Ele pressionou um dedo nos meus lábios. “Shh, anjo. É um flogger; parece muito pior, do que realmente é. Isso faz parte da sua recompensa. Você confia em mim?"

Meus olhos ainda arregalados, assenti. Confiei nele. Até agora, Alex sempre fez, exatamente, o que ele disse que faria. Então, se disse que isso era uma recompensa, eu tinha que acreditar que era.

“Venha para a sala de jogos.” Ele me colocou em pé, então me fez segui-lo pelo corredor, até a sala com todos os outros chicotes, que eu, pessoalmente, chamei de Sala da Tortura. Direcionou-me para algo que não tinha visto antes, uma grande cruz preta, em forma de X, afixada na parede. Estava no lado oposto da mesa em que fui algemada hoje cedo e na plataforma que fui chicoteada, na primeira vez que estive aqui, então, nunca percebi isso, até agora.

Havia algemas em cada ponto da cruz e quando Alex colocou cada uma delas nas minhas mãos e tornozelos, eu estava de pernas abertas sobre a coisa, nua, vulnerável e tremendo de antecipação, enquanto encarava a parede.

Não conseguia ver o que ele estava fazendo, mas senti. Começou a me chicotear com o flogger e não foi nada como a minha punição chicoteando, na outra semana. Era estranhamente agradável, como uma carícia gentil. Sensação lenta, sensual e pura. Senti como se estivesse se afastando em uma nuvem, dançando no ar.

Eu estava certo em confiar nele.

Endorfinas inundaram meu sistema, quando ele me levou mais alto, acelerando as picadas das caudas de couro espalhadas, atingindo-me mais forte. Gritei, mas não porque eu queria que parasse. A onda inebriante de dor, misturada com prazer, estava formando um potente coquetel de desejo e cada centímetro de mim ansiava por liberação.

"Mais", eu respirei. Ele me bateu mais forte, mais rápido e eu estava grata por isso. "Mais, senhor... mais duro..."

Pulsos de prazer sacudiram meu clitóris, com cada estalido duro do chicote, fazendo meus músculos internos pulsarem e apertarem em torno de nada. Meus olhos se fecharam e gemi, como uma prostituta desesperada. Eu não estava envergonhada. Não, nem um pouco. Aqui, estava autorizada a ficar excitada com isso. Fui autorizada a gritar, exigir mais dor. Foi-me permitido abandonar todo o controle ao meu captor e me permitiram amá-lo.

O flogger desceu na minha parte superior das costas, em mais três listras pungentes, mas quase não senti mais como eu estava aqui. Estava muito delirante, flutuando na minha nuvem de fogo e excitação. Minha boceta nunca esteve tão molhada, nunca esteve tão pronta e eu sabia de tudo, sem nem tocar nela.

Havia apenas um pensamento em minha mente agora, piscando como uma luz neon.

Eu queria Alex.

Queria que ele tomasse minha virgindade. Queria que seus dedos, língua e pênis me enchessem, queria que ele batesse em mim, até que eu estivesse machucada e

saciada. Era impossível não desejar, impossível não precisar. Não, por mais tempo. Minha boceta se contraiu, com o simples pensamento de tê-lo me quebrando.

Uma parte muito distante da minha mente perguntou se isso era, simplesmente, uma síndrome de Estocolmo profundamente enraizada, onde eu acreditava, desesperadamente, que o queria, como parte de alguma técnica de sobrevivência. Concedido de bom grado dormir com ele, provavelmente, prolongaria minha expectativa de vida, dado o que eu achava que sabia sobre ele, mas ainda assim... era tudo o que havia? Poderia Estocolmo me fazer sofrer por ele tão mal?

Eu não sabia a resposta para essa pergunta. Mas sabia como me sentia. Tão excitada, tão desesperada, que poderia explodir. Tonta, ofegante, quente, molhada por toda parte, meus músculos tensos. Choraminguei, deixando escapar um pequeno soluço de submissão.

"Por favor, senhor..." sussurrei.

"Por favor, o que?" Alex perguntou, sua boca apenas a centímetros da minha orelha. Ele, certamente, poderia ver minha excitação pingando, meu cheiro enchendo o quarto. Ele já sabia o que estava por vir.

Exalei, então falei as três palavras, que prometi a mim mesma que nunca diria a esse homem. "Por favor, foda-me."

Isso foi pura rendição. Isso era o que ele queria, o tempo todo. Ele me queria tão completamente quebrada, que eu imploraria para ele fazer sexo comigo. Ele até me disse que isso aconteceria. E estava certo. Quebrei e entrei de bom grado. Afundei-me mais baixo, do que jamais pensei que pudesse e agora estava implorando pelo pau do meu captor.

Era tão errado, tão obsceno, que me tornou completamente e totalmente selvagem. Se ele dissesse não, eu poderia, simplesmente, morrer.

Mas ele não me recusou. Seus dedos me separaram, minha boceta encharcando sua mão. “Implore novamente, como a pequena puta que você é.

Gemidos de desespero caíram dos meus lábios. Suas palavras eram grosseiras e possessivas e eu adorei. Isso me excitou ainda mais, por ouvi-lo dizer coisas imundas. "Por favor, por favor, por favor…"

"Fale-me corretamente."

"Por favor, senhor... preciso que você me foda..."

Senti-o então, a cabeça enorme de seu pênis empurrando contra a minha entrada. Meu corpo lutou, com o pensamento de algo tão grande invadindo-me, enquanto minha mente gritava "pegue, pegue agora". Alex mergulhou dentro de mim e um som de dor bruta saiu da minha garganta. Todas as terminações nervosas gritaram e ainda assim, implorei para ele continuar, enquanto empurrava outra polegada forte.

"Você é minha", ele grunhiu contra meu ouvido esquerdo, enquanto empurrava todo o caminho para casa. Quando começou a se forçar para dentro e para fora da minha boceta virgem, senti como se estivesse sendo separada, quebrada em dois. “Seu corpo é meu. Cada parte sua é minha. Eu nunca vou te deixar ir. ”

"Sim, senhor", sussurrei, meus olhos se enchendo de lágrimas quentes. "Não me deixe ir. Não pare.”

Ele me fodeu como um homem possuído, apertando e beliscando meus seios, enquanto ia mais profundo, molhando-se com meus sucos. Gritei, quando ele me reivindicou, de novo e de novo, reivindicando o que pertencia a ele e só a ele. Ainda doía, mas eu o queria mais e mais. Queria que ele me estendesse, além dos meus limites. Queria dar-lhe mais de mim.

Os dedos de Alex começaram a tocar meu clitóris, quando bateu em mim. Se eu não tivesse sido algemada à cruz, teria ficado fraca nos joelhos e desmoronado. Comecei a implorar de novo, desta vez como a puta suja que eu era, minhas palavras intercaladas com gemidos intensos e gemidos frenéticos. “Continue me fodendo, senhor… quero você em todos os lugares… por favor! Preciso disso."

Eu ainda estava dolorida, mas a fricção de seus dedos no meu clitóris estava me levando mais e mais alto, enrolando meu corpo como um relógio. Não demoraria

muito agora. O puro prazer estava se construindo profundamente, construindo até um crescendo, ameaçando explodir dentro de mim.

"Goze para mim", Alex rosnou no meu ouvido. Sua voz era crua, urgente. "Goze no meu pau, anjo."

Minha boceta apertou ao seu redor, pulsando e pulsando. Já tinha tido um orgasmo antes, inclinada sobre a cama, na outra semana, mas isso foi diferente. Melhor. Ter seu pau grosso dentro de mim, enchendo e me esticando, mudou o foco do meu prazer para dentro do meu núcleo.

Mais um impulso duro foi o suficiente. Ofeguei de susto, com a intensidade do meu orgasmo, quando onda após onda de prazer passou por mim, fazendo meus músculos internos apertarem o pau de Alex, em ondas apertadas e pulsantes.

Ele gemeu, quando gozou também, seus dedos segurando-me grosseiramente. Haveria pequenos hematomas por toda minha pele, amanhã, de onde ele me agarrou, mas eu não faria de outra maneira.

Ele se afastou de mim, lentamente, enquanto eu ofegava, tentando recuperar o fôlego. Então me soltou da cruz e me levou de volta para o quarto, de alguma forma sabendo que minhas pernas ainda estavam muito fracas e trêmulas, para andar ainda.

Ele me limpou, depois me colocou no grande sofá, em frente à TV. Sentou também, recostando-se contra o tecido de sarja e me enrolei entre suas pernas, como um animal de estimação leal.

Eu sabia que teria que voltar para a cela, depois que ele terminasse comigo hoje, já que ainda não tinha ganhado a confiança dele, mas, realmente, queria de qualquer maneira. Minha mente parecia ter se ajustado ao ponto em que ansiava um pouco pela cela e sentia falta dela, quando estava longe dela, porque agora ela estava "em casa", para mim. Acredite ou não, realmente me senti segura lá, no subsolo e longe do mundo. Ninguém e nada poderia me machucar lá embaixo... exceto Alex. E enquanto eu fosse boa, ele não faria. Pelo menos não de um jeito ruim.

Era incrível o quanto o cérebro humano podia se adaptar a novos ambientes, forçados ou não. Eu só estava aqui há cinco semanas e já vi uma cela úmida como um refúgio seguro. Um lar.

Durante a hora seguinte, assistimos a um episódio de um novo programa de suspense e, vagamente, ocorreu-me o quão absurdo isso era. Eu era, literalmente, prisioneira de Alex e aqui estávamos assistindo TV juntos, como se fôssemos apenas um casal todos os dias, passando algum tempo íntimo juntos. Foi bom fugir da realidade assim, mas isso é tudo. Uma fuga. Assim como a dor e os prazeres de sua sala de tortura. Ou sala de jogos. O que quer que ele quisesse chamar. Foi tudo uma fuga da realidade.

De alguma forma, não me importava mais. Um dia, eu sabia que iria e sabia que gostaria de fugir novamente. Mas por enquanto, se isso era o necessário para sobreviver aqui, poderia lidar com isso. Até mesmo aproveitar.

Um casal, no programa de TV que estávamos assistindo, começou a se beijar apaixonadamente e a mulher puxou a cabeça para trás e gemeu. Meu corpo endureceu. A voz da atriz era semelhante à voz que eu tinha ouvido nesta casa, no outro dia, quando eu estava na caixa como punição. O ciúme se agitou em minhas tripas de novo.

Alex baixou o volume e acariciou com ternura os dedos pelo meu cabelo. "O que está errado?"

"Nada, senhor", sussurrei.

"Diga-me." Houve um tom de aviso em sua voz. "Eu sei quando está mentindo."

Olhei para ele. “Quando me castigou, outro dia, ouvi uma voz. Você esteve com alguém aqui.”

Seus olhos se enrugaram ligeiramente nos cantos. Ele sabia que eu estava com ciúmes e se divertiu. "Sim. Você tem alguma dúvida sobre isso?”

Ele ia me fazer soletrar. Eu o desprezei por isso, quase tanto quanto me desprezava, por ser tão ciumenta. "Era... era alguém com quem você está? Ou alguém com quem você quer estar?”

Ele balançou sua cabeça. “Minha convidada, no outro dia, era uma colega do hospital. Ela queria meu conselho em um projeto de pesquisa, no qual está trabalhando. Normalmente, nós nos encontraríamos em algum lugar mais central, mas eu queria puni-la, já sabe disso.”

Abaixei meus olhos. Só porque ela veio aqui, por motivos de trabalho platônico, não significa que nada aconteceu. Alex era um homem bonito; qualquer mulher seria louca, por não o querer.

Ele inclinou meu queixo para cima, forçando-me a olhá-lo novamente. “Ela não é nada. Você é minha. Não ela."

Assenti.

Ele me deu um sorriso indulgente e beliscou meu mamilo direito. "Sente-se melhor agora?"

Corei. Bagunçada como era, eu fiz. "Sim senhor."

Suas sobrancelhas franzidas. "E quanto à sua dor no nervo?"

Balancei a cabeça, miseravelmente. "Ainda não é ótimo."

Ele franziu a testa. "O que estava na balança, quando você chegou?"

“Cerca de oito em dez. Muito ruim. Agora são quatro ou cinco. Ainda está lá, não tão ruim assim ”.

Alex assentiu. "Isso é uma grande melhoria, em apenas cinco semanas."

Dei de ombros. "Eu acho."

Ele agarrou meu queixo e me obrigou a olhá-lo novamente. “É significativo, Celeste. Você deveria estar orgulhosa de si mesma. Foram oito, em dez, com 150 mg de analgésicos por dia. Agora são apenas cinco, com zero analgésicos. ”

Fiz uma careta, confusa. “Mas senhor, ainda estou tomando analgésicos. Você reduziu para metade minha dose, mas ainda os tomo todos os dias.

Ele sorriu. "Eles foram placebos, nas últimas duas semanas. Nada além de açúcar em pó, nessas cápsulas.”

Minhas sobrancelhas levantaram. "O que? Por quê?"

"Estou tentando ajudar você e parece que está funcionando."

Afastei-me dele, cobrindo minha nudez com o tapete de tecido grosso. "Eu não entendo."

“Eu sabia sobre sua condição de seus registros médicos, como já sabe. Queria te ajudar, pois sou especialista em dor, afinal de contas. ”

Fiquei de boca aberta. "Espere... então é por isso que estou aqui? Você me sequestrou, me aprisionou e me torturou, para me ajudar?”

Ele riu, um riso profundo e gutural. “Não, não é por isso que te levei. De modo nenhum. Mas ainda precisava te ajudar, enquanto estivesse aqui. Você é minha. Minha responsabilidade."

"Eu não entendo. Tudo o que fez foi me obrigar a fazer meus exercícios de fisioterapia, todos os dias.

Ele se inclinou e acariciou meu cabelo novamente. "Não. Você. Simplesmente. não percebeu o que estava acontecendo” disse suavemente. "Tenho certeza que sua médica explicou sua condição, com algum tipo de analogia de alarme de incêndio."

Timidamente, balancei a cabeça, a mente ainda girando. "Sim. Algo parecido."

“Há muitas maneiras de tentar treinar seu cérebro, para desligar esse alarme. Tenho usado métodos diferentes em você e tenho tentado reformular a maneira como você vê a dor. Eu tenho tentado fazer você ver que existem tipos diferentes, bons e ruins. A dor do nervo é ruim, mas o tipo que lhe dou é bom.”

Balancei a cabeça, lentamente. "Eu não entendo."

Ele sorriu, pacientemente. “Deixe-me começar de novo. Você não gosta de todo mundo, Celeste. A razão pela qual seu cérebro faz isso, é porque parte de você *quer* isso. Quer dor.”

Abaixei meus olhos. Isso era verdade, como descobri recentemente.

"Mas não esse tipo de dor", continuou ele. “Esse é o tipo ruim. Você ainda sofre com isso, porque não aprendeu a controlá-lo ”.

"Então, como faço isso?"

"Você sabe a resposta para isso. Você não pode. Precisa ser feito por você.”

"Por quê?"

Suas sobrancelhas se uniram. Tive a sensação de que ele estava perdendo a paciência comigo, por fazer perguntas que já sabia as respostas, no fundo. Mas precisava ouvi-lo em voz alta, para que afundasse.

"Porque você foi feita para ser submissa", disse ele. “É sua natureza. Tem que deixar alguém controlá-la; tem que deixar ir tudo. Sempre quis isso. Eu sei disso há muito tempo, anjo.”

Ele não elaborou *como* sabia disso sobre mim.

Eu acho que já sabia como. O homem me perseguiu por anos. Ele, provavelmente, entrou sorrateiramente na minha casa e espiou pelas minhas janelas algumas vezes, viu as fotos e os filmes que eu costumava assistir. Ou hackeado meu laptop e leu as histórias sujas que costumava aproveitar.

De certa forma, ele, provavelmente, conhecia-me melhor do que eu me conhecia na época. Afinal, estava em negação sobre quem e o que era, por tanto tempo, convencendo-me que gostava de todas essas coisas por puro interesse, quando, no fundo, eu sabia que era muito mais do que isso.

Mesmo agora, ainda estava tentando chegar a um acordo com o que, realmente, queria e ansiava. Mas Alex já sabia tudo sobre mim. Ele podia ler-me como um livro, porque foi capaz de se afastar e olhar para mim, objetivamente.

Finalmente, balancei a cabeça, sem saber como responder. "Eu... hum..."

Ele sorriu e pressionou um dedo nos meus lábios, silenciando minha voz gaguejante. “Pense desta maneira, eu não estou apenas ajudando você a se curar, estou te ajudando a ser o que sempre quis ser. Estou te ajudando a desistir do controle. É o que sempre quis, não é?”

Eu odiava que ele estivesse certo.

E me odiei, por não odiá-lo.

"O que você tem feito para ajudar a me consertar?" perguntei suavemente, meus olhos se arregalando. "Além de tentar fazer-me desistir do controle?"

Suas sobrancelhas se uniram. "Eu não posso passar por tudo isso agora. É muito. Mas usei muitas técnicas de distração. Se você tocar seu corpo, com texturas diferentes e desconhecidas, ele pode distrair sua mente de sentir a dor do nervo de sua condição e, eventualmente, seu cérebro começa a desligar esse sistema de alarme. Tenho certeza que notou que gosto de esfregar você, todos os dias, com aquele pincel duro. Também aquelas folhas incrivelmente ásperas, que te dei. É por isso. Tudo ajuda."

"Oh. Então é como você fez esta manhã, com o chicote de equitação? "

Ele assentiu. "Exatamente assim. Você não sentiu a dor do nervo, quando te bati com isso, não é?"

"Não. Tudo o que senti foi a dor do chicote. Era como se meu problema nas costas nem existisse e, de repente, meu cérebro voltou ao normal. E é o mesmo quando..." Parei e mordi meu lábio inferior.

Seus olhos escureceram. "Diz."

"Quando você me toca", sussurrei, minhas bochechas aquecendo rapidamente. "É melhor também."

"Espero que tenha começado a me entender, então", ele disse em voz baixa. "Espero que entenda que o que eu lhe dou é uma boa dor. Eu não quero que você sinta a dor ruim, novamente."

A mensagem estava clara. Não era que Alex não gostasse de me machucar, ele gostou. Mas queria que eu quisesse que me machucasse. Ele queria me dar o tipo de dor que eu gostava; a dor que eu ansiava.

"Eu me preocupo com você, Celeste", acrescentou. "Sei que não acredita nisso, mas eu acredito."

Mastigando meu lábio inferior, abaixei meus olhos. Por mais conflitante que estivesse, sobre ele, era grata a ele, pelo que fez. Sem que eu soubesse, ele estava treinando meu cérebro, lentamente, para desligar minha dor neural, e aparentemente estava funcionando. Forçando-me a desistir de um pouco do meu controle, ele me ajudou.

Hoje foi um dia de estreias, ao que parece, enquanto sussurrava mais duas palavras, que nunca pensei em dizer a esse homem. "Obrigada, senhor."

"De nada, anjo."

Nós nos sentamos em silêncio e assistimos TV, novamente. Finalmente, olhei de volta para Alex e arrisquei uma pergunta ousada, esperando não estragar o bom humor atual. “Senhor, o outro médico me disse que o estresse piora minha dor. Então..., por que me aprisionar contra minha vontade? Por que me punir? Por que se recusar a me deixar ir? Isso é estressante. Certamente, não ajuda minha dor.”

Alex levantou as sobrancelhas. "Você é uma garota inteligente. Mas como eu disse anteriormente, não te trouxe aqui para te tratar. Trazer-te até aqui e fazer as coisas que fiz para você, foi uma necessidade. Tenho que mantê-la aqui e treiná-la, até que esteja pronta.”

Suspirei. "Sei que não vai me dizer por que me trouxe aqui ainda. Mas pode, pelo menos, dizer-me, quando estarei pronta para saber, senhor? ”Olhei-o com um olhar suplicante.

Esperava que ele me desse uma resposta vaga e esotérica, como costumava fazer. Em vez disso, sorriu. "Amanhã", disse-me com firmeza. "Amanhã, você vai começar a abrir os olhos, novamente."

22

CELESTE

Acordei na minha cela, no dia seguinte, assustada por um barulho de raspagem. Esfregando os olhos, olhei para as barras, supondo que fosse Alex me trazendo café da manhã e água. Meu coração começou a correr, quando vi o que realmente estava acontecendo. Alex arrastava um homem inconsciente para a cela menor, em frente à minha.

Fiquei de pé, imediatamente. "Senhor", eu disse. "O que está acontecendo? Quem é aquele?"

Ou ele não me ouviu, ou estava me ignorando. Ele tirou os sapatos e a jaqueta do homem, depois o largou em uma pequena cama, do outro lado da cela. Olhei para o homem, tentando dar uma boa mirada em seu rosto. Era relativamente jovem, provavelmente com vinte e poucos ou trinta e poucos anos e bonito.

Alex me trouxe algum tipo de companheiro? Eu deveria fazer algo com esse homem, como com ele? O pensamento fez-me sentir um pouco enjoada. Por mais que ainda estivesse em conflito sobre Alex, sabia que não queria outro homem agora. Mesmo que fosse fofo e musculoso, como o cara inconsciente, do outro lado do corredor.

Alex o trancou, então, finalmente se aproximou da minha cela e a destrancou. "Venha", disse ele, chamando-me para fora.

"Senhor, você não me deu café da manhã", eu disse timidamente.

Seus olhos endureceram. "Tenho a sensação de que vai me agradecer por isso, mais tarde. Mas te darei um pouco de água, quando entrarmos."

Fiz uma careta e saí da cela, curiosamente olhando para a nova chegada. Eu só conseguia ver algo, em seu braço esquerdo, agora que a jaqueta estava solta e o braço esticado. Uma pequena tatuagem de círculo duplo preto.

Um buraco se formou no meu estômago. Isso me lembrou de algo, mas não sabia o que. Era como a tempestade de areia na minha cabeça, sempre que Alex me mostrava aquelas fotos e vídeos perturbadores de garotas sendo torturadas, ou estupradas. Eu sabia que havia algo em minha mente, relacionada a isso, mas não conseguia provocá-la e toda vez que tentava pensar mais, o pensamento desaparecia ao vento.

A dor atingiu minhas omoplatas e fiz uma careta. Realmente, acordei me sentindo bem, mas a dor do nervo estava, de repente, de volta, tão ruim quanto quando cheguei. Perguntei-me o que isso significava.

Não questionei Alex, quando ele me levou até a casa. Eu sabia, desde ontem, que ele tinha algo planejado para mim, algo grande e tinha a sensação de que não queria mais responder às minhas perguntas. Ele estava feito com as palavras e queria ação.

Mas tinha suas próprias perguntas para mim, no entanto.

"Vi você olhando para a tatuagem dele", disse, franzindo a testa para mim, enquanto me entregava um copo de água. "Isso significa alguma coisa para você?"

Tomei um gole e balancei a cabeça. "Não tenho certeza. Isso me faz pensar em..." Por um segundo, uma imagem brilhou em minha mente, mas antes que pudesse compreender o que era, desapareceu. "Não me lembro. Quer dizer, estava lá e, de repente, não estava. Mas minhas costas começaram a doer novamente, assim que vi. Eu não sei se isso significa alguma coisa."

Ele me deu outro olhar duro. "As coisas estão começando a voltar, assim como pensei", falou mais para si mesmo, do que para mim. "Você está tão perto, mas... há algo mais que quero fazer."

Vago como sempre. Choque, horror...

Ele me puxou para um corredor diferente da casa, em direção a um quarto desconhecido. Não havia nada, exceto o que parecia ser uma cápsula branca gigante. Era cerca de um metro e meio de largura e oito metros de comprimento.”

"Senhor, o que é isso?" Murmurei, de repente, aterrorizada novamente.

"É um tanque de isolamento".

Meus joelhos ficaram fracos. Agora sabia por que o alarme em minha mente estava tocando; por que, de repente, senti-me tão assustada. Ouvi falar desses tanques antes, a privação sensorial completa era o objetivo. No interior, uma pessoa não podia ver ou ouvir nada. Tudo o que podia fazer era ficar deitada no escuro. Soou como pura tortura para mim. Na verdade, lembrei-me que os tanques de isolamento eram, às vezes, usados como método de tortura.

"Tortura Branca", foi chamado. Uma pessoa seria forçada a entrar em um desses tanques, por horas e horas, e o isolamento prolongado faria com que perdessem sua identidade pessoal. Nenhum dano físico, apenas mental.

"Isso é um castigo?" Perguntei, minha voz tremendo, enquanto também tremia, ao lado de Alex. Tentei pensar no que poderia ter feito para merecer isso. Fiz muitas perguntas ontem? Disse a coisa errada?

Estranhamente, estava mais chateada, por ter desagradado Alex, do que o pensamento da própria punição.

Ele olhou para mim, com uma careta. "Não. Não é um castigo.”

Meu coração levantou-se.

"Tire a roupa e entre", ele ordenou.

"Mas eu não..." Estava prestes a discutir, mas depois me lembrei com quem estava falando. Não podia discutir com Alex. Ele deixou isso claro, no passado.

Sem hesitar, tirei a roupa e entrei no tanque.

"Vá devagar", Alex disse, observando-me como um falcão.

Eu me abaixei na água. Era quente e grosso. Escorregadio, com sal. Como sabia o que tinha que fazer, inclinei a cabeça para trás e fiquei lá, esperando a escuridão descer.

"Enquanto estiver aí, quero que pense o máximo possível", Alex disse, de pé sobre mim. “Pense sobre essa tatuagem. Pense nos sonhos que tem sobre o corredor e as portas. Pense nas fotos que mostrei a você. Não se preocupe, se ouvir um som agudo. Isso é apenas o seu sistema nervoso.”

Com isso, ele se inclinou e me fechou. Meu mundo estava, de repente, em branco, envolto em escuridão sem som, cheiro ou qualquer outro estímulo, além de um fraco choramingar, que, rapidamente, percebi que vinha de mim. Deve ter sido disso que Alex estava falando.

Segundos depois, também pude ouvir meu batimento cardíaco. Até o fluxo do meu sangue nas veias. Nunca me senti tão perto do meu próprio corpo, nunca me senti tão consciente de mim mesma. Depois de alguns minutos, senti meu pulso desacelerar e meus músculos relaxarem. Isso não foi tão ruim.

Não tive que fazer nenhum esforço para flutuar. O sal fez meu corpo completamente flutuante. Dado o quão escuro estava aqui, não precisava fechar os olhos, mas fechei assim mesmo e respirei fundo. Entendi porque estava aqui agora.

Desde que tinha sido privado de todos meus sentidos físicos, não havia nada para o meu cérebro se concentrar em outro, que não a estimulação mental. Nada para fazer, mas me voltar para dentro, cavando em minha mente. Isso me lembrou um pouco da terapia de hipnose, guiada pela Dra. Fitzgibbons, só que isso parecia muito mais eficaz. Como se o tanque estivesse forçando minha mente à meditação profunda, de fora para dentro.

Tomei outro fôlego e tentei me concentrar no que Alex me disse para pensar.

O corredor e as portas duplas apareceram na minha cabeça, primeiro. Eu as vi, claramente, como sempre, mas desta vez, era como se a memória estivesse em esteróides. Havia sons acompanhando a imagem e cheiros também. Eu podia ouvir música jazz fraca, vinda de trás das portas e podia sentir o cheiro de chocolate, fumaça

de charuto e uísque. Podia até sentir o cheiro da fragrância de peônias, que ficavam na mesa de assento, ao lado da porta da direita.

De repente, percebi outra presença. Alguém ao meu lado, muito maior que eu. Devo ter sido uma criança de quatro ou cinco anos, para ser tão breve.

Olhei para cima, meus olhos passando sobre as calças pretas do homem e a camisa azul clara e abotoada. Na memória, senti-me sorrindo, enquanto falava. "É onde a festa é, papai?"

Houve uma mistura de luz e cor, como uma tela de computador. Memórias voltaram rápido demais, para que eu as visse corretamente. Houve a tatuagem de duplo círculo novamente, tocando em um loop e rostos sorridentes, que piscaram rápido demais, para eu reconhecer.

Depois disso, foi como uma luz em minha mente desligada. Tudo estava em branco novamente e, de repente, eu estava ciente da dor do nervo nas minhas costas, latejando e queimando. Tentei chutar a borda do tanque de flutuação, mas era impossível dizer onde estavam as bordas.

Misericordiosamente, a tampa abriu, um minuto depois.

"Você está bem? Lembrou-se de mais alguma coisa? ”Alex perguntou, olhando para mim, através dos olhos ligeiramente estreitados, com preocupação e curiosidade.

"Sim", sussurrei. "Acho que sim."

"E?"

"As portas. Eu sei porque, estava lá agora. Estava em uma festa com meu pai, na mansão de seu amigo.”

"Que amigo?"

"Eu... eu não me lembro."

"Onde estava a mansão?"

"Eu não sei."

Se ele estava desapontado, não deixou transparecer. Estendeu a mão, para me ajudar a sair do tanque. "Algo mais?"

Balancei a cabeça. "Muitas coisas vieram à minha mente, mas muito rápido para processar."

Ele assentiu. "Isso é algo que vai ter que se acostumar por um tempo, ok? Agora que começou a chegar, continuará chegando. "

Ele não falou mais sobre isso. Jogou-me uma toalha e disse para me vestir novamente. Fiz o que disse e então ele me levou de volta para a cela, no abrigo.

O homem estranho estava acordado agora, de pé, junto às barras de sua cela. Quando chegamos, ele gritou com Alex e bateu nas barras. "Não tenho medo de você, seu maldito idiota! Sei quem você é e vou te matar, antes que possa chegar até mim! ”

Alex não respondeu. Empurrou-me para dentro da minha cela, depois trancou a porta e olhou para mim, as sobrancelhas puxadas para baixo e seu olhar distante e vazio. Era quase uma expressão triste, embora eu não tivesse certeza de que alguém como ele, fosse capaz de sentir verdadeira tristeza.

“Converse com seu novo amigo. Tenho certeza que vai achar isso esclarecedor, ”ele disse, suavemente. "Você está quase pronta para a verdade, Celeste."

Eu estava muito chocada com os eventos de hoje, que não tive tempo de responder, antes que ele desaparecesse no corredor e subisse os degraus, o som de seus passos afogados pelos gritos e ameaças do meu novo companheiro de prisão.

"Não se incomode", eu disse ao homem, dando-lhe outro olhar curioso. "Eu tentei. Você não vai sair.”

Ele começou a andar de um lado para o outro, na sua pequena cela, os punhos amontoados ao lado do corpo. "Eu tenho que. Voce tem que. Nós dois temos que dar o fora daqui.” Ele parou por um segundo, então olhou para mim. “O que ele fez com você? Ele te estuprou?”

Hesitei e olhei para baixo, sem saber como responder. Implorei para Alex me foder ontem. Estava desesperada por ele. Mas era uma prisioneira aqui e não tinha certeza de

onde as linhas eram mais atraídas. Foi verdadeiramente consensual, dadas as circunstâncias?

Inclinei minha cabeça, para encarar o homem. "Não", disse suavemente. "Não, eu não penso assim."

"Quem é Você?"

Com essas três palavras, ele disparou qualquer pequena esperança que ainda tivesse, de ser encontrada aqui. Se o mundo exterior levasse meu desaparecimento a sério, então, meu rosto deveria estar em todo lugar, meu nome seria uma constante, nos noticiários. Mas esse homem não tinha a menor ideia de quem eu era. Ninguém estava me procurando.

"Meu nome é Celeste", murmurei.

"Eu sou o Dan. Dan Vallone," ofereceu ele. "Há quanto tempo está aqui?"

"Cerca de cinco semanas. Talvez um pouco mais."

Ele suspirou. "Merda. Então você não tem muito mais tempo."

Minhas sobrancelhas levantaram. "Para quê?"

Ele não respondeu à minha pergunta, imediatamente. Em vez disso, olhou para mim. "Eu não te vi antes, mas há algo familiar em você. Não posso colocar meu dedo nisso. Você é nova?"

"Nova para o quê?" Balancei a cabeça. "Por que nos vimos antes?"

"Bem, você sabe..." Ele deu de ombros. "Não é como se ele, simplesmente, pegasse alguém".

"Espere, você sabe quem ele é?" perguntei, meus olhos arregalados.

Dan me deu uma olhada, geralmente reservadas para criancinhas tolas. "Você não sabe?"

"Eu... bem, eu sei que o nome dele é Alex, e é um médico."

Ele zombou. “Eu quis dizer quem ele, realmente é. *Oque* é. Por que estamos aqui.” Olhei para ele sem expressão e ele balançou a cabeça devagar. "Porra, você é, realmente, sem noção, não é?"

"Desculpe, só não sei do que está falando. Ainda não sei porque ele me levou ", eu disse, meu rosto corando.

Ele estreitou os olhos e apontou o polegar direito na direção dos degraus. "Aquele cara", ele começou. “Essa porra de psicopata. Ele é o Heartbreaker. Você sabe, o maldito serial killer?”

Meus pulmões pararam de se encher de ar. Meu coração parou de bombear sangue. O mundo parou de girar em seu eixo. Pelo menos é como eu senti.

"O que você disse?" Eu perguntei, minha voz mal acima de um sussurro.

“Ele é o Heartbreaker. Merda, como pode não saber? Realmente, não tinha ideia?

"Não", sussurrei. Lentamente, afundei no chão, meu corpo tremendo, incontrolavelmente.

Dan estava certo. Como não pude saber? Todo esse tempo, preso por um homem como Alex, que adorava infligir dor e não passou pela minha cabeça que ele poderia ser o homem, que passei tantas horas pesquisando, tantas horas desejando encontrar.

Este homem que me levou, esse homem que eu, de boa vontade, dei o meu corpo para... ele era o serial killer mais perigoso da história da nossa cidade.

Ele era o Heartbreaker.

Ele foi o homem que matou meu pai, há quinze anos.

23

CELESTE

Gritei, até Dan desistir de tentar me acalmar.

Gritei, até minha garganta ficar rouca e meus lábios secarem.

Gritei, até não ter mais voz.

Finalmente, Alex chegou. Ele entrou na outra cela e espetou uma agulha hipodérmica no pescoço de Dan. Dan fez o seu melhor para lutar contra as drogas, mas, rapidamente, caiu no chão, varrendo as ondas de dormência, até ficar inconsciente novamente.

Alex se afastou dele, então veio e ficou ao lado das barras da minha cela, as mãos nos bolsos. Nós dois nos entreolhamos, eu em horror e ele, em silêncio impassível. Meu pulso estava disparado, minhas pernas tremendo, meus lábios mal conseguindo formar palavras.

"É verdade. Você é ele. O Heartbreaker" finalmente engasguei. Minha garganta ainda parecia como se estivesse pegando fogo, de todos os gritos.

Ele assentiu. "Sim."

Eu caí e vomitei no chão, incapaz de parar. Ele não me deu nenhum café da manhã, então, era apenas água misturada com bílis. Como de costume, ele cuidou de todos os detalhes, previu todas as minhas ações.

Limpei minha boca e olhei de volta para Alex. "Isso é o que eu não estava pronta para saber? Isso é o que escondeu de mim? Que você é um assassino?"

"Eu nunca escondi isso, você nunca perguntou."

Bati minhas mãos nas barras. "Que merda de lógica besteira é essa? Quem, diabos, anda por aí perguntando às pessoas, se elas são um serial killer?"

"Não finja que nunca suspeitou que eu era um assassino, toda vez que mostrei essas fotos horríveis. E se lembre com quem está falando. Não vale a pena me irritar."

Eu cuspi para ele. "Foda-se. Foda-se, você e suas regras de merda."

Eu esperava que ele me arrastasse para fora da cela e voltasse para a sala de jogos, para punir-me, novamente, por causa da minha insubordinação. Em vez disso, assentiu bruscamente e suspirou. "Entendo como você deve estar chocada e, como tal, vou permitir que fale livremente."

"Como voce é generoso." Estreitei meus olhos, fervendo. "Vai permitir que eu, um ser humano, fale."

Seus lábios transformaram-se em um meio sorriso, para isso. Idiota. Porra idiota. Filho da puta. "Eu vejo que parte de você nunca saiu."

"Dane-se", sussurrei, em uma voz oca. "Você está doente."

"Possivelmente."

"Eu não posso acreditar que deixei você me derrubar tanto, que realmente queria..." Parei de falar por um segundo, superada pelo horror e arrependimento doentio. "Eu, realmente, queria dormir com você." Tomada por uma onda de tristeza sem esperança, caí de joelhos. Então olhei para ele, com olhos suplicantes. "Tem que me deixar ir. Eu não sou o tipo de pessoa que você mata. Eu te estudei, "eu disse em um sussurro áspero.

"Eu estudei você também, anjo."

Sim, aposto que fez, pensei amargamente. Ele me deixou acreditar que me viu, pela primeira vez, quando tratou minha mãe no hospital, há alguns anos, mas eu sabia melhor agora. Ele me conhecia muito antes disso; quase uma década inteira antes. Ele teve quinze anos para me estudar. Quinze anos, desde aquele dia…

"Você matou meu pai", sufoquei, meus olhos cheios de lágrimas quentes. Senti como se estivesse sufocando, emaranhada em arame farpado.

"Eu protegi você dele."

Balancei a cabeça, descontroladamente. "Não! Ele não estava fazendo nada! Você o massacrou como um animal, sem motivo!”

Minha mente voltou para aquele dia. Eu estava no andar de cima. Meus pais estavam discutindo. Eu nunca os ouvi lutar antes e fiquei assustada. Não queria mais ouvir, então, brinquei com minhas bonecas e ursinhos por um tempo e depois, li um pequeno livro.

Quando desci, mamãe estava meio desmaiada, no sofá da sala de estar, com um olhar vago nos olhos e uma garrafa meio vazia na mão esquerda. Eu não tinha certeza do que era, mas era uma garrafa do armário, que eu não tinha permissão para tocar, então sabia que era ruim. Ela mal estava segurando a coisa. Eu não tinha certeza se ela me viu entrar na sala. Perguntei a ela onde papai estava e ela deu de ombros e fechou os olhos. *‘Acho que ele foi para fora. Eu não sei e não me importo.’*

Talvez ele estivesse escolhendo camélias de inverno, para me pedir desculpas por gritar com mamãe e me assustar. Feliz e energizada com o pensamento, pulei pelo corredor e saí pela porta dos fundos.

Eu não fiz todo o caminho até o jardim.

A outrora bela e intocada terra do inverno, que era o nosso quintal, fora transformada num matadouro. Houve sangue. Tanto sangue. Demais. Ela se agrupou ao redor do meu pai, enquanto ele se deitava e ofegava no chão, fluindo com fluxos vermelhos, encharcando a neve branca. Um pesado cheiro metálico penetrou no ar e nos cercou, até que eu mal conseguia respirar.

Parei de repente e coloquei minha mão sobre a boca. Pairando sobre meu pai estava um homem, vestido com botas pretas e roupas escuras, combinando. Seu cabelo estava coberto pelo capuz da sua jaqueta e seu rosto estava coberto por um lenço preto, que enrolou em volta dele. Tudo que podia ver, era parte de sua testa e seus olhos. A partir dessa distância, não sabia nem de que cor eles eram. Este homem poderia ser qualquer um.

Quem quer que fosse, ele acabara de massacrar meu pai.

Mas eu não corri. Não gritei. Simplesmente fiquei lá e olhei, atordoada, em silêncio. Assisti a faca do homem descer de novo e de novo e o vi arrancar o coração de meu pai.

Ainda não me mexi ou falei. Por que eu estava assim? O que estava acontecendo comigo?

O homem, finalmente, pareceu me notar. Ele olhou para cima, então balançou a cabeça e colocou um dedo, onde seus lábios estariam sob o lenço. *Shh.*

Assenti, silenciosamente. Ele acenou de volta para mim, então se levantou em linha reta. Era jovem demais para saber como estimar as alturas, mas sabia que ele era alto. Mais alto que meu pai. Eu não tinha ideia de quantos anos ele tinha, já que seus olhos eram a única parte visível dele, mas quando estreitei os olhos, pude, finalmente, ver que eles eram azuis, sem rugas nas bordas. Ele era um homem jovem.

Ele olhou para mim por mais alguns segundos. Então se dirigiu ao redor do jardim e na direção do final de nossa propriedade, recuou para a reserva natural. Ele não olhou para mim. Não percebi que estava perseguindo-o. Ele apenas continuou andando, até que não era nada, mas uma sombra escura, desaparecendo nas árvores. Nada além de uma memória distante.

Essa foi a principal razão pela qual odiei voltar para a propriedade de meus pais. As memórias. Não apenas do brutal assassinato de meu pai, nas mãos de um estranho de preto também. A visão horrível de ficar ali, sem fazer nada, por tanto tempo, assombrava-me muito mais. Eu poderia ter gritado. Poderia ter ido e minha mãe ligaria para o 911 mais cedo. Papai, provavelmente, não teria sobrevivido, mas, pelo menos eu sei que tentei fazer alguma coisa. Qualquer coisa.

Mas não fiz e o pensamento me fez encolher de vergonha.

Soluçando, afundei no chão novamente. “Eu sabia que você provavelmente era um psicopata. Provavelmente, um assassino, ” sufoquei. "Mas isso... isso é tão fodido..."

Por que me levar? Foi parte de algum jogo doentio, porque ele odiava tanto meu pai? Ele queria me sequestrar e me quebrar, ao ponto de implorar a ele para me foder,

só para que pudesse cuspir no túmulo de meu pai e lhe dizer que, mesmo depois de sua morte, ele ainda estava transando com ele?

Isso é o que parecia.

"Como eu disse, protegi você dele." Alex parecia não se incomodar com as minhas palavras. "Assim como estou protegendo você agora."

"Ele está morto! Como diabos você está me protegendo dele?"

"Tente se lembrar, anjo. Lembre-se de seus amigos" disse ele, seu tom surpreendentemente reconfortante.

"Não..." Apertei minhas mãos sobre os ouvidos, tentando abafar sua voz. Mas isso não parou os sons em minha mente.

Mais memórias rugiram de volta, enchendo meu cérebro com um ruído sem fim. Apertei meus olhos e pressionei minhas mãos na testa, tentando fazê-las parar, mas elas continuavam chegando.

Na minha cabeça, havia pessoas de meia-idade, olhando para mim com sorrisos em seus rostos, enquanto eu olhava para eles, de onde estava, segurando a mão do meu pai. Silêncio sussurrou sobre o quão linda eu era, o quão apertada eu seria, o quão doce minha boceta iria sentir o gosto. Meu pai, sorrindo orgulhosamente, por tudo isso, concordando silenciosamente com os homens horríveis. Dizendo a eles que logo eu pertenceria a eles. Logo, eu seria deles para foder e cortar e encadear na parede.

"Não! Não!" Gritei, contorcendo-me no concreto. "Por favor... faça isso parar!"

Eu estava, realmente, quebrando agora. As coisas que Alex fez para mim, não eram nada comparadas a isso. Era muito, muito longe, muito fodido.

Por um momento fugaz, considerei que as lembranças poderiam ser falsas. Implantadas, de alguma forma, talvez através da hipnose. Dr. Fitzgibbons me disse que sua terapia hipnótica poderia resultar na criação de falsas memórias, em algumas ocasiões. Além disso, meu pai era o chefe da polícia de Pittsburgh, quando estava vivo. Um homem, em tal posição, não poderia ser um monstro tão maligno.

Mas eu sabia que era verdade. A memória recém-retornada era tão gritante, tão clara. Foi algo real, que reprimi por tanto tempo. Eu sabia disso, no fundo da minha medula.

"Você está vendo agora, não está?" Alex disse, agachando-se ao meu nível. "Você está se lembrando mais."

"Sim", solucei, as lágrimas fluindo sem parar no meu rosto e na minha boca, misturando-se com muco. Eu parecia uma bagunça nojenta, mas essa era a menor das minhas preocupações agora.

"Então, acho que você está, finalmente, pronta para ver isso", disse ele, puxando seu celular. Ele entrou na cela e me colocou em pé.

"Por favor..." sussurrei. "O que aconteceu comigo? Eu não me lembro se eles... se eles... "Eu não poderia nem dizer isso.

Alex me olhou bem nos olhos, uma mão forçando meu queixo para cima. "Ele não tocou em você. Nenhum deles fez. Eles não tiveram a chance."

Eu estremeci. Pequeno conforto.

"Cuidado", ele ordenou, empurrando-me para baixo, na cama. Sentei e olhei para a tela do seu telefone. "Este é seu pai, quando estava vivo. É por isso que tive que te proteger dele. Ou isso, eventualmente, teria sido você.

Houve um vídeo passando. Granulado, velho. Eu ainda podia entender o que estava acontecendo, no entanto. Meu pai estava agachado sobre uma garota na cama. Ela tinha um círculo esculpido em seu abdômen, assim como todas as outras garotas que Alex me mostrou, nas fotos misteriosas e ela estava acorrentada, gritando e implorando.

Meu pai parecia gostar de seus pedidos de ajuda. Assisti, doente em meu núcleo, quando ele deu um tapa no rosto dela duro e apertou-se entre as pernas dela.

Não.

Não.

Não.

"Desligue isso. Por favor." Eu me afastei. Virando na cama, comecei a chorar. Soluços grandes e ofegantes sacudiram meu corpo, meu peito doendo, pela pura pressão. Enrolei-me em uma bola, desejando e rezando para que tudo isso fosse embora.

Não tinha certeza de quanto tempo chorei, mas Alex, finalmente, puxou-me de volta e gesticulou para seu telefone, novamente. "É difícil assistir, mas foi o que ele fez. Ele e todos os seus associados no Círculo" disse baixinho.

Limpei meu rosto. "O circulo? Que é isso?"

"É um grupo clandestino de homens poderosos. Algumas mulheres também, mas a grande maioria são homens. Eles levam meninas e meninos. Raptam na rua, às vezes. Abusam deles, torturam-nos, forçam-nos à escravidão sexual durante anos. Colocam-nos acorrentados ou em servidão, enquanto não estiverem sendo usados. "

"Não..." Balancei a cabeça. Era horrível de imaginar.

Um segundo depois, nem precisei imaginar. Várias outras imagens surgiram em minha mente. Um grande salão de baile, cheio de joviais homens e mulheres mais velhos. Crianças e adolescentes também, que pareciam normais para mim, quando eu era tão jovem. Parecia uma boa noite familiar, todo mundo vestindo roupas bonitas, em um ambiente tão elegante e extravagante. Mas agora, lembrava-me das expressões das crianças, como eram. Planas, sem emoção, quebradas.

Alex assentiu. "Eles levam crianças para qualquer lugar, entre as idades de sete e quatorze anos. Esculpem um círculo neles, como uma maneira de marcá-los como deles. Os membros também têm tatuagens circulares nos braços, para se marcarem. Uma vez que estão, são para a vida."

"Deus... isso não pode ser real..."

"Isto é."

Funguei e respirei fundo, lutando, desesperadamente, para absorver toda essa nova informação, assim como todas as memórias de retorno rápido. Meu pai tinha aquela

tatuagem, a mesma que Dan. De alguma forma suprimi esse conhecimento até agora, mas vi, quando eu tinha uns cinco ou seis anos, durante um mergulho em um lago com meus pais, um dia. Eu vi o círculo, com meus poderes aguçados de observação; algo que todas as crianças parecem ter, mas tendem a perder, à medida que crescem. Perguntei a papai sobre isso, ele riu e disse que era um remanescente de seus dias de faculdade.

Eu olhei para cima. "Como a polícia não percebe que os homens estão ligados, se todos têm a mesma tatuagem?" Perguntei suavemente. “Eles acham que o único elo é o fato de que todas as vítimas, até agora, foram relacionadas ao sistema judicial. Advogado, juiz, chefe de polícia e assim por diante.

"A tatuagem é a primeira coisa que cortei, quando os torturei", Alex respondeu, com uma expressão sombria no rosto.

Olhei para baixo, novamente. Isso fazia sentido, de uma maneira puramente fodida. Ele queria ser o único a rastrear esses caras, cada um deles. Se a polícia ou o FBI encontrassem a ligação da tatuagem entre eles e encontrassem o Círculo, os membros vivos iriam para a prisão pelo resto de suas vidas... mas ainda estariam vivos. Alex queria que eles fossem torturados, mutilados, mortos.

“Peguei aquelas fotos e vídeos desagradáveis de um deles, que matei, alguns anos atrás. Ele gostava de guardar lembranças e troféus em um cofre. Pensei em deixá-lo ir se me desse acesso a eles. Porra velha e torcida”. Alex continuou amargamente.

Soltei um suspiro profundo, ainda tentando processar tudo. "Como eles escapam com isso?"

“Muitos deles são pessoas poderosas. Seu pai, o chefe de polícia, por exemplo. Tanto quanto sei, a maioria dos outros está em posições similares na sociedade, homens ricos e idosos, que sempre se safam de tudo. Eles têm dinheiro, poder, ou ambos e usam isso a seu favor ”.

"Mas por que?"

"Como eu disse, eles estão doentes, torcidos do caralho." Ele parou por um instante, os olhos em chamas. “Anos atrás, descobri que seu pai era um deles. Não foi um boato. Foi um fato. Então fui checar. Tive a sorte de ir naquele dia, em particular, porque nessa mesma viagem à sua casa, ouvi uma discussão entre ele e sua mãe. Parecia que ele pretendia te dar ao resto do Círculo, quando completasse sete anos. Eles lhe ofereceram muito dinheiro, por você.

De repente, senti que não conseguia respirar. Minha boca secou e meu sangue pareceu congelar nas veias. "Ele ia me *dar* a eles?"

Ele assentiu. "Eu não tinha certeza de quantos anos você tinha, mas parecia que não estava longe dos sete. Então eu o matei, naquele mesmo dia do caralho. ”Ele parou por um segundo, depois olhou nos meus olhos. "Sei que você, provavelmente, esqueceu isso ou bloqueou a memória do trauma, mas realmente me viu."

Eu balancei a cabeça. “Não, eu me lembro disso. Eu não vi seu rosto, mas ainda vi você.

“Ele foi meu primeiro. Eu era jovem; acabara de fazer vinte e um. Então, estava desleixado. Não consegui nenhuma informação dele, antes que sangrasse.”

Eu queria vomitar novamente. Meu pai pode ter sido um monstro, mas acabei de descobrir isso. Ouvir os detalhes sangrentos de sua morte era demais agora.

Tentei lutar contra a náusea. “Então… você está procurando pelo resto, desde então? Caçando-os e fazendo, o que a polícia não pode?”

Ele assentiu, os olhos estreitados. “Não é fácil. Eles são muito apertados para se infiltrar. Nenhum deles quebra o suficiente para me dar informações reais, quando os torturo. Alguns me dão um nome ou dois, mas é isso.”

“Então, por que me sequestrar? Eu não faço parte disso ", eu disse, pondo-me de pé. “Eu não estuprei ou torturei ninguém! Não é minha culpa, que meu pai tenha feito aquelas coisas horríveis!”

"Eu sei. Mas você é a chave para tudo isso, Celeste. ”

"Por quê?" Minha voz era um sussurro áspero.

“Aquela porta que você continua lembrando… Acho que é uma porta, no lugar onde eles se encontram e fazem festas. Seu pai deve ter te levado até lá. Ele, provavelmente, estava fazendo seus amigos, lentamente, cuidar de você, fazer você pensar que era normal ter homens velhos sentindo você. ”

Balancei a cabeça lentamente. “Tudo que lembro sobre esse lugar é que o papai me levou a muitos jantares lá. Era muito grande e chique. Mamãe nunca foi convidada... ele sempre disse que ela estava ocupada, e eu seria o seu lindo pequeno encontro, para impressionar seus amigos. ” Vomitei com o pensamento, perguntando-me como nunca percebi o quão bagunçado soava até agora.

Os olhos de Alex eram de aço. “A descrição do corredor e das portas que você deu, durante sua sessão de terapia, soa como a que ouvi uma vez. É a mesma casa em que eles mantêm todas as vítimas, presas lá para sempre. Até que fiquem sem uso para eles, é isso.” Ele passou a mão pela garganta, em um gesto cortante repugnante. “Estou procurando o local há anos. Mas é muito difícil. Ainda não tenho ideia de onde está. Mas você... ”Ele bateu na minha testa. "Você esteve lá. Sei que não se lembra ainda, mas vai se lembrar, eventualmente. Pelo menos tenho que esperar que você vá.”

"Então, é por isso que estou aqui."

"Sim. Você não é só minha para manter, anjo. Você também vai me ajudar a rastrear cada um desses pontos. Não tem apenas o lugar armazenado no seu cérebro. Você já viu alguns rostos deles também.”

Isso explicou o juiz da Suprema Corte, ontem. Foi aí que me lembrei dele. Agora, a lembrança dele me jogando em seu colo e fazendo cócegas em mim, de repente, não parecia tão inocente.

“Então, aquelas fotos que me mostrou ontem, de todos aqueles homens e mulheres velhos? Eles são todos membros do Círculo?”

Ele balançou sua cabeça. "Não. Mas tive informação que um dos membros foi um juiz proeminente, anos atrás. Achei que ele, provavelmente ainda é.”

"E você sabia que eu estava começando a lembrar de coisas, então pensou que eu poderia reconhecê-lo, desde quando era criança." Balancei a cabeça. Pelo menos isso fazia sentido. "Então, acabou de me mostrar fotos de todos os juízes da cidade, até que fiz isso?"

“Achei que valeria a pena tentar. Parecia funcionar. Ainda não confirmei que ele é um deles, mas se tem a tatuagem, significa que se lembrou corretamente. ”

Sufoquei mais lágrimas, enquanto minha nova realidade se aproximava. "Por que não me contou tudo isso, imediatamente? Em vez de me fazer esperar tanto tempo no escuro?”

Ele balançou sua cabeça. “Você já estava tão estressada. Com tanta dor. Estou disposto a apostar, que grande parte dessa dor nos nervos, vem do estresse de suas memórias reprimidas, assim como sua terapeuta suspeitou. Então, tive que deixá-la começar a lembrar sozinha. Tive que guiá-la, introduzindo certas coisas, muito lentamente. Se eu contasse tudo, poderia sobrecarregar sua mente, fazê-la cair.

Cerrei meus dentes. "Não sou um computador."

Ele suspirou. "É um risco real, acredite em mim. Dar uma pessoa demais ao mesmo tempo, especialmente uma pessoa que foi traumatizada no passado… pode quebrar sua mente, de forma irreparável. ”

Esfreguei minhas têmporas, ainda tentando processar tudo. "Se tivesse possíveis nomes de membros do Círculo, de suas vítimas anteriores, por que não seguiu todos os movimentos deles? Encontre o lugar você mesmo.”

"Você acha que não tentei isso?" Alex jogou as mãos para cima. “Jesus, Celeste, não sou um idiota. Tentei, acredite em mim. Esses caras são cuidadosos. Eles são, praticamente, impossíveis de acompanhar. Às vezes, eu pensava que estava chegando perto, mas eles ainda me perderam.”

"Certo. Então, por que agora? ” Joguei minhas mãos para cima também, espelhando seu gesto exasperado. “Quero dizer, obviamente, você me perseguiu por anos, como

um maluco, observando cada movimento meu. Mas por que me levar *agora*? Por que não antes, todos esses anos atrás?"

Seu olhar endureceu. "Eu não estava te perseguindo, naquela época. Fiquei de olho em você e sua mãe, de vez em quando, para ter certeza de que nada de ruim estava te acontecendo. Foi só quando ficou mais velha, *muito* mais velha, que comecei a perceber que você era..." Em um raro momento de indecisão, Alex parou de falar, franzindo a testa.

"O que? Feita para você? " zombei. "Seu perfeito brinquedinho de foda?"

"De certa forma, sim. Comecei a observá-la mais, então" ele disse, suavemente. "Quanto à sua pergunta… tive que te levar, quando o fiz. Descobri, por suas sessões de terapia, que estava começando a lembrar daquele lugar. Se a memória voltasse completamente, eu sabia que poderia contar a alguém sobre isso ou, até mesmo colocar dois e dois juntos, sobre o que aconteceu lá. Você poderia denunciá-lo. E se fizesse isso... bem, estaria em perigo. O Círculo é poderoso e influente, como eu disse. Eles descobririam e encontrariam uma maneira de se livrarem de você, antes que pudesse ameaçar seus meios de subsistência. "

Minha testa se enrugou. Não, isso não fazia sentido. "Se eles achavam que eu poderia lembrar o lugar e dizer a alguém o que acontece lá, por que não me mataram, anos atrás? Ou minha mãe? Obviamente, ela também sabia do meu pai, quando ele disse que ia me dar para o resto deles." Estremeci, a bile subindo na minha garganta, novamente. Eu ainda não conseguia acreditar.

"Depois que seu pai foi morto, de forma tão brutal e misteriosa, eles a deixaram sozinha com sua mãe, porque presumo que achassem que seria suspeito, se John Riley fosse assassinado e, de repente, sua esposa e filha também fossem mortas na mesma época. Ou se a filha, simplesmente, desaparecesse, para nunca mais ser vista. Pode atrair muita atenção, mesmo que eles não pudessem sair com toda sua influência. A morte do seu pai foi muito importante como foi. Então, só posso supor que eles esperavam que você nunca se lembrasse de quaisquer detalhes reais das festas em que ele te levou... ou nada disso. Você tinha apenas seis anos, afinal de contas, então era

possível. Ele fez uma pausa, arqueando uma sobrancelha hesitante. “Quanto à sua mãe, nunca iria falar. Ela sabia que, se o fizesse, eles encontrariam alguma maneira de machucá-la, como vingança.”

Senti-me mal novamente, ela escondeu todos esses anos. Não é de admirar que bebesse até a morte. "Você ainda não respondeu à minha pergunta", eu disse baixinho. “Por que me levar, exatamente, quando fez? Sim, eu estava começando a lembrar, acho, mas como o Círculo descobriria? E se nunca mencionasse isso a ninguém?”

Ele olhou para mim sem rodeios. "Mas você fez. Contou ao seu terapeuta. Descobri, quase imediatamente e aposto que eles também. Como eu disse, olhos e ouvidos em todos os lugares. Estou disposto a apostar que enviaram pessoas para verificar você, de vez em quando, para ter certeza de que parecia normal.

"Certamente não. Eles não poderiam me checar por tanto tempo. E mesmo se fizessem, como se livrariam de mim, afinal? Você já disse que eles não me mataram no passado, porque isso poderia atrair muita atenção, se eu morresse misteriosamente. Então...” Parei, deixando a pergunta pairar no ar.

"Você está velha o suficiente agora e poderiam fazer parecer um suicídio", disse ele, com uma sobrancelha levantada novamente. "Não precisa acreditar em mim, mas eu não queria arriscar. Não queria arriscar que fosse morta. Então te segui. Mantive meu dedo no seu pulso. Tudo o que você fez, eu sabia. Mas não fui o único, porque, deixe-me dizer-lhe isto… no dia seguinte à minha viagem, dirigi-me à sua casa, para remover algumas coisas que tinha deixado lá… ”

“Oh, você estava na minha casa. Que surpresa, ”eu disse suavemente, balançando a cabeça.

Alex continuou. “Vi dois homens lá, olhando em volta. Estavam procurando por você, tentando descobrir onde poderia ter ido. Tenho noventa e nove por cento de certeza de que eram capangas do Círculo, enviados para rastreá-la. Eles devem ter descoberto que você estava começando a se lembrar e que mencionou isso para seu terapeuta, ou seus amigos. Eu descobri. Isso significa que eles também poderiam. E tenho certeza que sim.”

Meu estômago revirou. "Então, não estou aqui apenas para ajudá-lo a rastrear esses homens. Estou aqui para me esconder deles?" Inclinei a cabeça para o lado. A maioria do meu cérebro ainda se recusava a aceitar a ideia de que Alex estava me *protegendo*, mantendo-me aqui, mas ele parecia ser bastante inflexível sobre isso.

Ele assentiu. "Eu gostaria de ter contado tudo isso, imediatamente. Mas como disse, não foi possível."

Caí de volta na cama. Eu tinha cerca de um milhão de perguntas, mas uma delas estava mais proeminente, do que as outras. "Se nunca me lembrasse de nada... você ainda teria me levado? Só para me fazer ficar contigo? "perguntei suavemente.

"Não me faça responder isso. Não agora, Celeste." Ele se levantou. "Você está exausta. Vou te dar um sedativo, para se sentir mais calma e nós falaremos mais amanhã ".

Eu já sabia a resposta, de qualquer maneira. Só queria ouvir em voz alta.

No momento, Alex e eu estávamos, aparentemente, ligados pelo destino, torcidos pelo nosso passado comum, destinados a colidir um com o outro, em algum momento. Mas mesmo que não tenha sido assim, mesmo que nunca tenha me lembrado, mesmo que ele não tenha escolhido começar a matar essas pessoas fodidas... nós teríamos colidido, eventualmente, de qualquer maneira.

Éramos ambos escuros e bagunçados, de modos semelhantes, um de nós que procura dor, um de nós, que distribui dor. De alguma forma, encontraria meu caminho para ele e ele me levaria, para ser seu brinquedinho submisso.

Isso eu sabia, com certeza.

24

ALEX

Olhei para Celeste, enquanto ela dormia, pacificamente, na cama. Seu cabelo estava espalhado no travesseiro fino e seu rosto estava relaxado e sereno. Tive que aproveitar esta paz, enquanto pude porque, quando ela acordar, as coisas voltariam ser como estavam a alguns momentos atrás.

Eu sabia que ela tinha centenas de perguntas para mim, junto com uma centena de argumentos, mas depois do choque, do choro histérico e da hiperventilação, era necessário deixá-la descansar um pouco. O sedativo que lhe dei fez efeito rapidamente e agora, estava respirando corretamente, pela primeira vez em horas.

Eu odiava ver o que estava lhe acontecendo e, certamente, não era fácil para ela também, agora que estava começando a ver a luz. A verdade.

Em muitos dias antes, forcei-me a me afastar dela, para me impedir de revelar todos os segredos cedo demais. Como eu disse a ela antes, tinha que ser assim. Não pude contar tudo, logo de cara. Não queria destruí-la, então, sabia que a verdade tinha que ser introduzida ao longo de um período de semanas, memórias lentamente provocadas por ela, para que soubesse que era tudo real. Contando-lhe tudo, imediatamente, poderia ter sido um choque muito grande para sua mente já traumatizada; poderia tê-la quebrado, irreparavelmente.

Eu só a quebrei da maneira que ela ansiava, as maneiras que precisava.

Ainda me lembrava da primeira vez que a vi e a primeira vez que percebi o que ela era. Foram duas ocasiões, distintamente, separadas e por isso me irritou, que ela pensasse que decidi que a queria, quando era uma criança. Eu estava fodido, claro, mas não estava tão fodido assim. Quando a vi pela primeira vez, na casa dos pais dela, em

Fox Chapel, naquele dia, tudo o que notei foi que era uma garotinha confusa, que precisava de proteção.

Seus pais estavam discutindo, enquanto ela se sentava ao pé da escada, com as mãos presas nas orelhas. Vi e ouvi tudo, através de uma janela, na parte de trás. Celeste não escutou por muito tempo, antes de correr para o andar de cima e não foi preciso ser um gênio para descobrir o porquê. Seus pais, obviamente, não sabiam que ela estava lá, não sabiam que tinha ouvido o plano do pai de entregá-la a seus amigos no Círculo e sua pequena mente não queria lidar com isso.

Mesmo hoje, não tenho certeza se ela se lembrou que ouviu aquela conversa entre seus pais, ou se aquela lembrança era um vislumbre fraco, no horizonte de sua mente, sempre muito longe para entender direito, assim como todas suas outras memórias ruins. Fazia sentido que seu cérebro tivesse feito isso para lidar; vidrado sobre todas as partes ruins, até que apenas as boas lembranças permanecessem. Muita gente pensou nisso para ajudá-la a lidar com a merda. Isso sempre funcionou por um tempo, mas quando levou ao estresse não resolvido e às manifestações físicas da dor, precisou sair. E sempre acontece, de um jeito ou de outro. Apenas ajudei o processo. Assim como estava ajudando-a a descobrir sua verdadeira natureza agora.

Lembrei-me do dia em que percebi o que ela era em seu núcleo, como as costas da minha mão. Eu estava de olho nela e em sua mãe, de maneira puramente platônica, por mais de dez anos, secretamente e cuidadosamente checando-as a cada duas semanas, para ter certeza de que o Círculo não as tocou, após a morte de John. Celeste era apenas uma criança para mim, nesse estágio, uma garotinha que tinha sido tratada com uma mão dura, na forma de um filho da puta doente. Eu, simplesmente, ajudei-a como pude.

Então a mãe dela ficou doente e elas começaram a ir ao hospital onde eu trabalhava, por pura coincidência. Vi isso como um sinal de que estava fazendo a coisa certa, em manter um olho nelas, ao longo dos anos e continuei fazendo isso, inserindo-me no caso e ajudando a mãe de Celeste, com a dor que ela desenvolveu de sua doença terminal do fígado.

Celeste deveria ter dezesseis ou dezessete anos, neste momento. Ela era linda, impossível não notar, na verdade, com cabelos escuros e brilhantes nas costas, uma figura delicada, de brilhantes olhos verdes. Mas, apesar disso, ainda era a mesma menina para mim, alguém que precisava de proteção e cuidado, de todos os demônios em seu passado e presente.

Então a vi esperando com sua amiga, do lado de fora do hospital, parada no ponto de ônibus, depois de deixar sua mãe para uma curta estadia. Eu estava parado perto, conversando com outro médico sobre uma consulta e Celeste não me viu de jeito nenhum. Dois jovens passaram por elas, tipos rudes e duros. Um deles fez uma espécie de abertura sexual imunda para as duas garotas e a outro deu um tapa no traseiro de Celeste, antes de fazer um comentário para humilhá-la.

Quase fui até lá gritar para os dois homens se afastarem das garotas, mas a amiga de Celeste fez um bom trabalho, dando um tapa em um deles e gritando como uma banshee, para eles darem o fora. Meus olhos foram direto para Celeste então, procurando em seu rosto por qualquer sinal de que estava chateada. A maioria das garotas estaria, como sua amiga e isso seria perfeitamente justo, aqueles caras eram pequenos idiotas, que não tinham o menor respeito. Ela deveria estar chateada.

Mas não estava.

Não havia raiva, nem medo, em sua expressão. Ela estava lá, sem dizer uma palavra, suas bochechas coradas, o lábio inferior preso entre os dentes e os olhos cheios de excitação inconfundível. Só durou alguns segundos, antes de inclinar a cabeça, apertar as coxas com força e ficar um tom mais profundo de vermelho. Era óbvio que estava envergonhada de sua reação e da maneira como seu corpo estava respondendo. Mas essa reação dizia tudo.

Em vez de reagir da maneira que a maioria das jovens usaria para molestar idiotas desleixados e distorcidos, como *deveriam*, ela se sentiu atraída por isso. Gostou da humilhação. Gostou da degradação. Gostou da picada da palma da mão do estranho, em sua bunda.

Parecia uma coisa tão pequena, mas eu não conseguia parar de pensar nisso. Os dias se passara, e o pensamento de sua natureza complacente e submissa deixou-me louco, um coquetel de desejo e adrenalina inundando minhas veias, toda vez que me lembrava de sua expressão e do jeito que ela, gentilmente, mordeu o lábio inferior, quando o segundo se inclinou e disse algo sujo para ela. Finalmente, eu tinha que saber se estava certo sobre ela. Já sabia seu endereço, pois ficava de olho nela, ao longo dos anos, então cortei sua conexão com a internet e dei uma olhada no tráfego vindo dela.

Eu tinha razão. Ela passou uma quantidade excessiva de tempo, lendo histórias imundas sobre humilhação e submissão e assistiu vídeos, para combinar. Ela adorou e adorei vê-la amando isso. Quanto mais cavava, mais percebia que ela não estava totalmente consciente de seus próprios desejos. Pelo menos ainda não. Estava envergonhada de procurar por essas coisas, envergonhada de quem era em seu núcleo e até a peguei fazendo buscas no Google por artigos de terapia on-line, com recomendações sobre como começar a gostar de "coisas normais". Como deixar de ser tão "esquisita".

Ela não era uma aberração. Era perfeita.

Daquele momento em diante, não era mais aquela garotinha para mim. Era uma mulher e um desejo que eu nem sabia que possuía, ergueu a cabeça dentro de mim, como um antigo monstro, acordando de um sono de mil anos. Fiquei um homem obcecado. Tinha que reivindicá-la como minha, ser o primeiro e único a mostrar a ela, como era ceder à sua verdadeira natureza, abandonar todo o controle.

Sabia que ainda era muito jovem, aos dezessete anos. Precisava de tempo para amadurecer. Havia também a questão de seu passado traumático e as lembranças feias, que voltariam, eventualmente, envenenando sua mente. E assim foi decidido. Eu esperaria.

Deixá-la-ia viver sua vida, sempre mantendo um olhar atento sobre ela, mas nunca a deixando saber que eu existia, exceto pelas pequenas bugigangas que lhe enviava, todos os anos, porque não resisti. Quando chegou a hora de começar a se lembrar de algo negativo sobre seu pai, ou qualquer coisa, sobre seus companheiros no Círculo, eu

a pegaria e ensinaria tudo o que precisava saber. Mostraria a ela quem realmente era e de onde, realmente, veio. O que precisava fazer e a quem pertencia.

Quando ela desenvolveu sua condição de dor neural, no ano passado, eu sabia que era apenas uma questão de tempo, antes que começasse a lembrar a verdade. Todas aquelas lembranças medonhas, finalmente, estavam borbulhando até a superfície, estressando seu cérebro e se manifestando como dor física, assim como sabia que eles, eventualmente, fariam. Não havia dúvidas sobre isso.

Ela me perguntou antes se a levaria, eventualmente, mesmo que nunca se lembrasse de nada. Para ser perfeitamente honesto, a questão era inútil. Ela sempre ia se lembrar e mesmo que, por algum milagre, não se lembrasse, ela ainda era minha e eu não ia deixá-la ir. Não conseguia tirar minha mente dela. Era uma droga, que corria pelas minhas veias e um dia se tornaria demais.

Eu estava fodido, mas ela iria aprender a me amar, de qualquer maneira. Aprender a amar as coisas que ansiava, secretamente, não importa o quanto pretendia o contrário. Do jeito que seu corpo respondeu-me, desde o primeiro dia em que esteve aqui, eu sabia que estava certo o tempo todo. Nossa conexão era magnética e ela pertencia a mim. Pertencia aqui, minha pequena submissa e um dia, ela entenderia isso, completamente.

Ela já estava tão perto agora, perto de perceber totalmente o seu lugar no meu mundo, mas ainda havia mais uma coisa que eu tinha que fazer.

Mais um teste.

25

CELESTE

"CELESTE. ACORDE. PSST. VAMOS LÁ!"

Esfreguei meus olhos e me sentei. Dan estava segurando suas barras da cela e me chamando, insistindo que me levantasse e falasse com ele.

"O que você quer?" Perguntei, indo até a beira da minha própria cela. Não havia sinal de Alex e eu não tinha ideia de quanto tempo estava dormindo.

"Você tem que me ajudar", disse Dan, com os olhos arregalados e suplicantes. "Não mereço estar aqui. Sei porque esse cara tem como alvo pessoas da organização, mas não sou uma delas."

Meus olhos caíram para o braço esquerdo, em um olhar acusador. "Sua pequena tatuagem diz o contrário. Vi com meus próprios olhos."

Ele ergueu a mão. "Espere, por favor. Apenas ouça. Não sou um deles, juro!"

"Ah, então tem a tatuagem sem motivo? Gosta de círculos?"

Ele suspirou. "Não. Eles fizeram com que eu conseguisse provar minha lealdade, mas não sou um molestador infantil. Não estou doente como eles. Só trabalho para eles. Pego as crianças, levo-as para onde eles quiserem. Esse tipo de coisa. Nunca machuquei ninguém! "

Inclinei a cabeça para o lado. "Pega as crianças? Quer dizer, ajuda o Círculo a sequestrá-los de seus quintais ou da porra da rua, certo?"

Ele se mexeu, desconfortavelmente. "Sim, mas como disse, nunca toquei nelas. Nunca faria. As coisas que essas pessoas fazem com as crianças são fodidas.

"E ainda assim, trabalha para eles." Falei com desprezo, minha boca comprimida nos cantos.

"Você não entende. O salário é bom demais para recusar. Mudaram minha vida e precisava desse dinheiro. Minha família, você sabe...”

Ele parecia, juro, como se, realmente, esperasse simpatia e compreensão. Afastei-me, cansada de ouvir suas desculpas fracas.

“Celeste, pelo amor de Deus, espere! Odeie-me, mas podemos nos ajudar mutuamente!”

Olhei de volta para ele, minhas sobrancelhas levantadas com ceticismo. "Como?"

“Acho que sei como podemos escapar. Só preciso da sua ajuda.”

Revirei meus olhos. "Você é o único que precisa escapar, ele não vai me matar, só você."

Ele olhou para mim incrédulo. "Não pode estar falando sério. Realmente acha que vai sair daqui um dia? ”

"Sim. Não sou como você, Dan. Você faz parte do Círculo. Eu não."

Ele jogou as mãos para cima. "Uau. Fale sobre a porra da síndrome de Estocolmo, né? Você está tão longe, que realmente acredita em toda a merda que ele te diz.”

Cerrei meus dentes. "Como disse, não sou como você."

"Oh, mas você é." Ele riu sem alegria. “Finalmente, percebi quem você é. Filha de John Riley, certo?”

Estreitei meus olhos. "Sim."

“Eles ainda falam sobre John, sabe. Ele estava fodido, Celeste. Ainda falam sobre algumas das merdas que ele fez, com aquelas garotas. Muito mais confuso do que a maioria.”

Engoli em seco. "Não quero ouvir isso."

Dan levantou a mão novamente. "Espere, deixe-me terminar. Se o Heartbreaker queria seu pai morto, então aposto que queria toda a sua família morta, também. Do jeito que ele veria, a doença em John, precisaria ser erradicada. Totalmente apagada da existência. Isso significa você. E qualquer outra pessoa perto dele também. Sua mãe não

era, geneticamente, relacionada com John, obviamente, mas ainda estava com ele. Tempo suficiente para saber o que ele era e não fazer nada sobre isso. Um cara como o Heartbreaker não gostaria disso. ”

"Você está errado."

Ele suspirou com exasperação. "Acho que não. Acredite, ele veria sua mera existência, como sendo um membro do Círculo por sangue.”

Cruzei meus braços. “Se Alex me quisesse morta, teria me matado há muito tempo. O mesmo acontece com minha mãe.”

"Como sabe que ele não a matou? Lembro-me de alguns meses atrás, alguém me disse que a esposa de John finalmente, havia morrido. Algum tipo de doença. Mas você disse ontem que Alex é médico, certo?

Endureci, imediatamente sentindo onde ele estava indo com isso. "Sim."

Dan levantou uma sobrancelha. "Deixe-me adivinhar... ele era o médico da sua mãe?"

"Um deles, sim."

Dan sorriu sem humor. “Bem, lá vai você. Aposto que a morte dela não foi, exatamente, de causas naturais.”

Dei um passo curto e vacilante para trás. “Foi… foi. Ela era alcoólatra.”

"E você não acha que ele poderia ter acelerado? O processo, quero dizer.”

Engoli em seco. "Mesmo se fez, não me machucou. Ele teve anos para me matar, se quisesse, então, você está errado.”

"Ou talvez ele não quisesse matar uma criança. Talvez quisesse esperar até você ficar mais velha. Quantos anos tem, afinal?”

"Acabei de fazer vinte e um anos."

“Fez como em… cinco semanas atrás? Quando ele te levou?”

Assenti. "Era meu aniversário", sussurrei.

Dan riu. "Então ele te levou no dia exato em que se tornou um adulta, aos olhos de muitas pessoas... e acha que é uma coincidência?"

“Sim.”

Ele zombou. “Olha, o cara, claramente se vê como um tipo de cruzado, contra esses velhos bastardos que machucam crianças. Ele não vai ser um hipócrita e matar uma jovem garota. Ele esperou até ser adulta, por essa mesma razão, aposto. Ele balançou a cabeça e suspirou. "Marque minhas palavras, Celeste, você não sairá deste lugar viva."

Minhas mãos estavam começando a tremer. Odiava o quanto ele estava fazendo sentido. "Eu estou aqui há semanas e estou bem."

“Você sabe o que ele faz, certo? Mantém as pessoas por semanas, apenas para torturá-las. Mentalmente e fisicamente. Ele faz com que sintam o que essas crianças sentiram, quando foram aprisionadas por tanto tempo. E aposto que também faz isso para todos eles, em algum momento, da mesma forma que fez com você, faz com que pensem que são, de alguma forma, diferentes. Especiais. Ele faz parecer que não vai matá-los, por qualquer motivo, apenas para que seus gritos soem muito mais doces, quando, finalmente, fizer isso. ”

Balancei a cabeça. "Não", murmurei. “Sou diferente. Ele precisa de mim e da minha ajuda.

Dan bateu com o dedo indicador esquerdo no lado da cabeça. “Ele entrou em sua mente. Veja o que fez com você, pelo amor de Deus. O cara te raptou e está te mantendo em uma porra de cela, por semanas a fio. E depois de tudo isso, ainda se apaixona por suas mentiras? Estou dizendo, é Estocolmo. Assim como disse antes. Você precisa tirar o inferno disso!”

Olhei para o chão, perguntando-me se ele estava certo. Não foi como se Alex me trouxesse aqui de uma maneira gentil e amigável. Ele disse que tinha suas razões para isso e, quando explicou tudo para mim, pareceu fazer muito mais sentido. Parecia... necessário. Mas agora, depois de olhar do ponto de vista frio e duro de outra pessoa, tive minhas dúvidas.

Quando cheguei aqui, pensei que soubesse por quê. Pensei que Alex queria me estuprar e me desfigurar. Agora, sabia que estava errada sobre isso, mas ainda valia a pergunta, por que estava, realmente, aqui? Ele estava, realmente me protegendo, como disse antes, ou isso tudo era parte de algum jogo distorcido? Será que queria vingar-se de toda minha família, por causa do que meu pai fazia e achava que todos precisávamos pagar o preço? Ele era um serial killer, afinal. Não pensava como a maioria das outras pessoas.

Então, talvez Dan estivesse certo. Talvez Alex achasse que eu estava tão doente, quanto meu pai, porque era parente dele. Eu sabia que não era, mas isso não significava que ele concordasse. Podia acreditar que a deficiência mental que levou meu pai a ser tão confuso, era hereditária e que eu precisava ser exterminada, para impedir que qualquer futuro descendente de Riley ficasse tão fodido, quanto meu pai. Extinção da linhagem.

Talvez estivesse mentindo sobre precisar da minha ajuda. Afinal de contas, rastreou vários membros do Círculo por conta própria, ao longo dos anos, sem qualquer ajuda minha.

Ou talvez precisasse da minha ajuda, mas estava planejando matar-me, uma vez que eu o levasse para a sede do Círculo e, portanto, não tinha mais utilidade. Posso até ser sua última vítima, em algum tipo de forma circular horrivelmente poética. O primeiro foi um Riley e o último também seria um Riley, já que ele, literalmente, fechou o Círculo.

Dan viu a expressão no meu rosto e suspirou de alívio. "Você está entendendo, certo?"

"Talvez", murmurei. "Eu não sei…"

Estava muito confusa, para saber o que sentia mais. Estava começando a pensar que o sedativo não tinha desaparecido completamente, porque minhas pálpebras estavam pesadas e minha mente nunca se sentiu tão confusa.

“Celeste, você tem que acreditar em mim. Esse cara está bagunçado.” Ele me viu bocejar, depois estreitou os olhos. "Você tem bebido a água?"

Meus olhos se levantaram. "O que?"

Ele gesticulou para um copo cheio de água, no chão da cela. "A água que ele nos traz."

"Bem, sim, estou aqui há semanas. Claro que bebo."

"Aposto que ele usa drogas, para deixá-la cansada e fraca. Eu não toquei no meu copo, porque estava preocupado com isso.

"Estou cansada do sedativo que ele me deu, mais cedo."

Ele encolheu os ombros. "Apenas dizendo, talvez não seja *só* isso", disse. "E você sabe, talvez tenha colocado algo estranho em suas bebidas, nas últimas semanas, para foder sua mente ainda mais. Tipo, para fazer lavagem cerebral em você. Algo psicodélico. Ou talvez, até algo que faça sentir-se mais apegada a ele, como aquela droga do amor. Não sei."

Suas palavras gelaram-me até os ossos. Alex nunca disse que a água aqui era nada além de água velha, mas agora que estava pensando nisso, era possível que ele me drogasse, às vezes. Eu sabia que havia certas drogas que poderiam fazer alguém se sentir mais ligada à outra pessoa. Ilegal, experimental... mas lá fora.

Alex teve acesso a todos os tipos de coisas, como médico. Poderia ter me alimentado com qualquer coisa, por todas essas semanas, influenciando minha mente com drogas, fazendo-me desejá-lo, como se eu fosse uma viciada, que precisava de outro sucesso. Todas as coisas que achava que sabia, tudo poderia ser uma besteira total. Meus sentimentos podem nem ser reais. Isso tudo poderia ser parte de algum jogo doentio, que Alex estava jogando com minha mente e corpo e o último movimento seria minha eventual morte.

Minha mente, imediatamente, voltou para um pensamento que tinha semanas atrás, não muito tempo depois que cheguei. Alex tinha que me manter para sempre ou me matar. Não havia meio-termo, não me deixar livre, a não ser que quisesse ir para a prisão para sempre, porque as pessoas me perguntariam onde diabos estava e então o encontrariam.

Então foi isso. Eu estava aqui para sempre ou estava morta. Qual era pior?

"Você tem que beber um pouco de água, eventualmente", eu disse suavemente, empurrando o terrível pensamento de lado.

"Não, se dermos o fora daqui." Dan se inclinou para frente. “Sério, acho que sei uma maneira de sairmos. Mas precisamos ser rápidos e trabalhar juntos.”

Respirei fundo, ainda tentando processar meus pensamentos erráticos. "Como?"

"Não sei se pode ver daqui, mas olhe." Dan moveu-se para a extrema direita de sua cela; minha esquerda. Eu segui o exemplo.

"O que estou procurando?"

“O psicopata entrou aqui antes, enquanto você ainda estava dormindo. Fez-me um monte de perguntas. Ele queria nomes e um endereço. Quando recusei, ele bateu...”

Levantei a palma da mão. “Espere, por que recusar? Se acha que seus empregadores estão tão fodidos, por que não dizer a Alex o que ele quer ouvir? Tudo o que quer é matar todos eles.”

Dan estreitou os olhos. "Não importa o que eu diga a ele, quer me matar também, ou ele não teria me levado. Então foda-se ele. Não vou contar a ele merda nenhuma.”

Balancei a cabeça lentamente. "OK. Então, qual é a sua ideia?”

"Ele me bateu com algum tipo de cano pesado." Levantou a camisa, para me mostrar a contusão roxa escura, já florescendo em seu estômago.

"Um cano?"

“Só sei exatamente o que é, porque posso ver. Ele, acidentalmente, deixou aqui, no corredor, quando estava ocupado, trancando a porta da minha cela. Está bem aqui.” Dan apontou para o corredor, na direção dos degraus.

"Eu não vejo nada."

"Apenas tente. Está perto dos degraus, no chão. Você pode ter que torcer seu pescoço um pouco, mas deve ser capaz de vê-lo a partir da borda da sua cela.

Coloquei minha cabeça o mais perto que pude das barras e estiquei o pescoço. Dan estava certo. Alex deixou alguma coisa ali, perto da parede. Era cerca de um pé e meio longo, grosso e parecia ser um velho cano de água.

"Vejo isso. Mas eu não posso alcançá-lo. ”Enruguei minha testa, confusa sobre qual era o seu plano.

"Nem eu. Mas se trabalharmos juntos, você pode conseguir.”

Cruzei meus braços. "Como?"

"Suponho que ele virá, eventualmente, para nos trazer comida, certo? E suponho que só vai desbloquear nossas celas e levá-las para nós, uma de cada vez. Você sabe, para impedir um de nós de sair correndo e pegá-lo, enquanto está com o outro ".

"Sim. Obviamente."

“Ele é muito mais forte que você, mas não eu. Eu diria que estamos no mesmo nível. Então, quando ele desbloquear minha cela, vou tentar apressá-lo. Então vou...”

Eu levantei a mão. “Espere, pare. Isso não vai funcionar. Ele sempre tem uma agulha com um sedativo, apenas no caso. Ele vai ficar com você.”

Dan sacudiu a cabeça. “Não, se eu agir normal, então pegue-o com o elemento surpresa. Bata a porra da mão dele. Então, vou empurrá-lo de volta, pegar a chave da porta e jogá-lo para você. Devo ser capaz de continuar lutando com ele, depois disso, por pelo menos um minuto ou mais. Vai acabar em um impasse, porque estamos com a mesma força, mas isso não importa. Vai ser longo o suficiente para você pegar a chave, abrir a porta, correr para o tubo e voltar para cá. Então pode bater nele com o tubo. Dois contra um, ele não pode ganhar depois.

Fiz uma careta. “Esse plano depende de muito 'e se'. Tipo, e se você não puder pegar a chave a tempo de jogá-la para mim? Antes de ele começar a atacar você?”

Dan rangeu os dentes. “É tudo em que consigo pensar, ok? Ou tentamos isso, ou morremos aqui. Claro, isso pode falhar, mas pelo menos tentamos. ”

"Eu acho."

"Você nunca tentou?"

Assenti. "Sim, e isso também falhou", eu disse suavemente.

"Então, está dentro ou fora?"

Olhei para meus pés, por um longo momento, enquanto pensava sobre isso. Com dois de nós, pode realmente funcionar. "Acho que estou dentro", eu disse suavemente.

O rosto de Dan mostrou alívio. "Obrigado."

Apenas quinze minutos depois que decidimos seguir em frente com o plano, ouvimos a porta do abrigo se abrir e Alex desceu os degraus com uma bandeja de comida, um momento depois. Ele a colocou no chão, pegou uma agulha hipodérmica do bolso, como eu sabia que ele faria e então girou a chave na fechadura da porta da cela de Dan. Meu coração estava na garganta, cada centímetro de mim tremendo de ansiedade.

Assim que ele entrou na cela, ameaçando segurar a agulha, para manter Dan afastado, Dan correu para ele. Meu coração bateu tão rápido, que o peito doeu e meus ombros caíram, quando vi a agulha voar.

"Não estou com medo de você", rosnou Dan. Ele bateu com o punho no queixo de Alex, com uma rachadura nauseante, depois o empurrou para o fundo da cela e bateu na agulha.

Alex recuperou o equilíbrio e começou a lutar, mas não antes de Dan pegar a chave e jogá-la para mim. Peguei, através das barras, então, rapidamente, comecei a destrancar a porta da minha cela.

Os dois homens lutaram um com o outro, já em um impasse, como Dan previu. Por um momento, meus membros se recusaram a cooperar e, simplesmente, parei e olhei.

"O que está fazendo? Corra!" Dan gritou, mirando um chute forte no joelho direito de Alex.

"Celeste..." Alex grunhiu, apenas um segundo depois, enquanto tentava colocar Dan em um estrangulamento. "Não faça isso."

Momentos atrás, eu achava que sabia a coisa certa a fazer, mas agora, estava congelada no chão, com medo, enraizada na indecisão. Sabia que não poderia ficar assim por muito mais tempo. Tive que fazer minha escolha, de uma vez por todas, porque, se não fizesse, a decisão seria feita para mim.

Poderia correr para o cano e ajudar Dan a dominar Alex, de acordo com nosso plano, ou poderia ficar, firmemente, plantada aqui e não fazer nada. Se fizesse o último, Alex acabaria matando Dan, quando ele recuperasse a vantagem... e depois, poderia me matar.

Minha mente estava dividida em dois, uma parte gritando para correr e a outra parte implorando-me para ficar com Alex.

Eu poderia confiar nele o suficiente para acreditar, quando ele disse que estava tentando me proteger? Ou tive que ceder à, aparentemente, óbvia noção de que era tudo mentira, tudo parte de um jogo de torcida do serial killer insano e que um dia, ele me mataria também?

"Vá!" Dan gritou. "Pegue!"

Alex não disse uma palavra. Ele, simplesmente, olhou para mim, enquanto lutava contra seu oponente, os olhos mal deixando os meus, sua expressão escura. Abri minha boca, deixando escapar um murmúrio sufocado, que não podia nem começar a ser traduzido como palavras, e dei um passo vacilante para fora da cela.

Minha escolha foi feita.

CONTINUA....